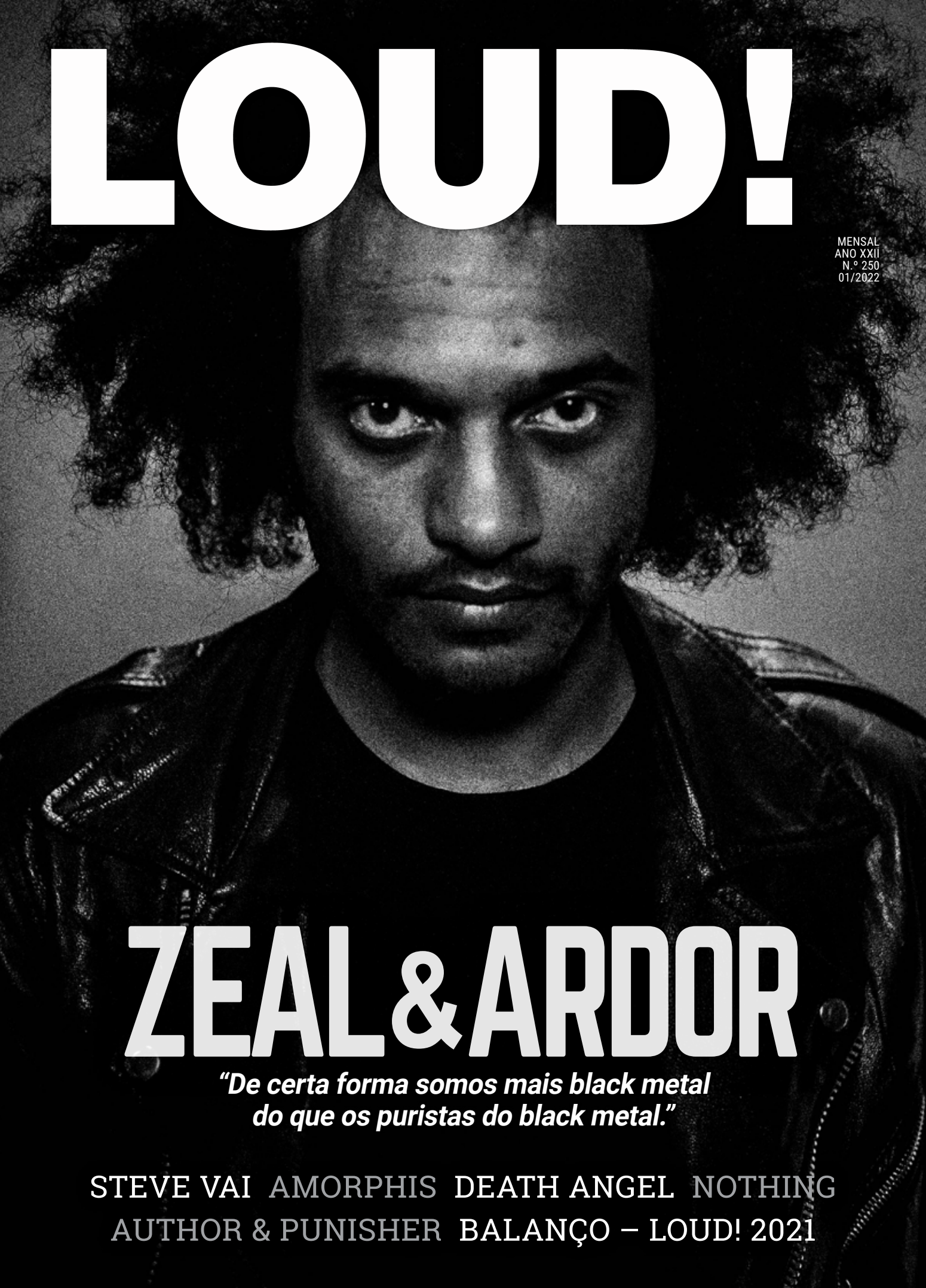
LOUD!

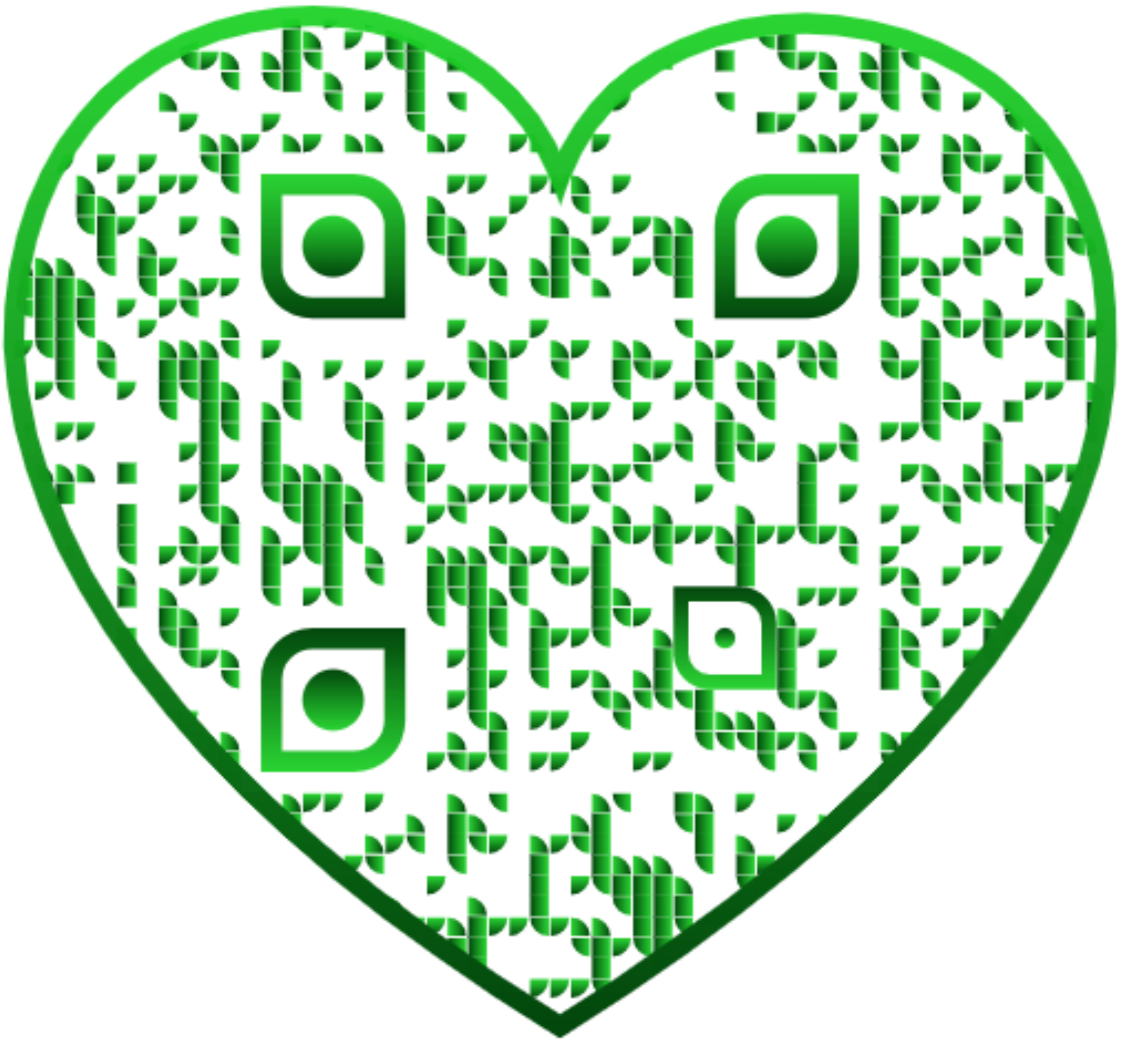
MENSAL
ANO XXII
N.º 250
01/2022



ZEAL&ARDOR

"De certa forma somos mais black metal do que os puristas do black metal."

STEVE VAI AMORPHIS DEATH ANGEL NOTHING
AUTHOR & PUNISHER BALANÇO – LOUD! 2021



MASTODON
HUSHED AND GRIM

O NOVO ÁLBUM DE ESTÚDIO
INCLUI "PUSHING THE TIDES", "TEARDRINKER" E "SICKLE AND PEACE"

JÁ DISPONÍVEL!

"...A TAUT BALANCE OF BRUTE FORCE AND PRECISION MUSICANSHIP ALONG WITH CONCEPTUAL DARING"
- THE NEW YORK TIMES

"MASTODON ARE ONE OF THE MOST BELOVED HEAVY BANDS ON EARTH..."
- ROLLING STONE

WARNER MUSIC PORTUGAL

IRON MAIDEN
SPECIAL GUESTS
WITHIN TEMPTATION
AND
AIRBOURNE
LEGACY OF THE BEAST WORLD TOUR '22
ESTÁDIO NACIONAL | 31 JULHO
WWW.TICKETLINE.PT | WWW.BLUETICKET.PT
TROOPER
PREMIUM BRITISH BEER
RTP
ANTENA 3
TICKETLINE
fnac
PLAY THE GAME!
DOWNLOAD NOW
WWW.IRONMAIDEN.COM

ISTO NÃO É MAIS UM FIM DO MUNDO...

É só uma mudança. A LOUD!, em papel, mensalmente disponível nas bancas, chega ao fim do seu já longo percurso com esta edição. No que ao futuro próximo diz respeito, pelo menos. Por muito que nos custe – e custa, a todos, acreditem que custa – este era, convenhamos, o passo que tínhamos de dar numa altura em que já só estávamos a adiar o inadiável. Nos últimos dois anos, várias décadas de turbulência depois, as revistas e os jornais foram totalmente obliterados, sendo difícil exagerar o impacto da pandemia no sector. É claro que as estruturas de muitos desses títulos que ainda resistiam já estavam abaladas, isso é sabido, sustentadas por sócios generosos e/ou a operar sob modelos comerciais que simplesmente não resistem à realidade do século XXI.

Lenine disse um dia que "há décadas em que nada acontece; e há semanas em que acontecem décadas". E estava certo; estamos aqui nós para prová-lo. Como tantas outras pessoas, e tantos outros negócios, aí desse lado. A COVID-19 atingiu duramente a maioria das revistas, ainda mais as de música, onde se confunde arte com entretenimento. Com a circulação dos títulos ainda impressos a diminuir progressivamente, ganhar dinheiro com o jornalismo musical já era um desafio – e as coisas pioraram. As publicações impressas dependem da capacidade das gráficas de imprimirem, das distribuidoras de distribuírem, dos quiosques e das lojas abertas, de pessoas na rua, que as comprem. O *lockdown* obliterou todas as partes dessa cadeia. Depois, voltou tudo a sair à rua e as coisas... Bem, não estão certamente iguais, mas continuam, pois, mais ou menos na mesma.

Além disso, apesar de haver muita gente que ainda insiste em tapar o sol com uma peneira, grande parte dos meios de comunicação, sobretudo os de nicho, como é o caso da LOUD!, que não estão ligados a um grupo de *media*, dependem essencialmente da publicidade para sobreviver. Como sabemos, em qualquer crise económica, a publicidade, vista como gasto discricionário, é das primeiras coisas a ir-se; e quanto mais acentuada for a desaceleração económica, mais acentuada é a queda dos gastos em publicidade. Esta queda tem sido, para sermos generosos, acentuada. As fontes de receita não foram só prejudicadas, em alguns casos foram também congeladas, e os custos fixos continuam a ter de ser pagos. Face às evidências, não há teimosia que valha; uma das coisas que nos mantinha ainda agarrados ao papel, quando uma das engrenagens do modelo já está a gritar por socorro.

Em prol da sobrevivência de uma marca que, em #250 edições, foi escrevendo o seu nome na história da música em Portugal, abdicamos agora do papel de forma regular – sim, há planos para edições quando se justifique – e concentramos os nossos esforços em loudmagazine.net, o site em que temos vindo a trabalhar paralelamente ao longo dos últimos anos e que, por esta altura, já construiu uma base de leitores muito superior ao da revista impressa. Sabemos que é esse o veículo que mais margem de crescimento nos vai permitir durante as próximas décadas, com os conteúdos habituais obviamente garantidos em formato *online*, junto com muitas novidades que serão reveladas atempadamente durante este ano que começou agora. Portanto, isto não é mesmo mais um fim do mundo. É, isso sim, uma oportunidade para nos reinventarmos uma vez mais, a explorar um formato que pode adequar-se até a quem nunca adquiriu o hábito de pegar numa revista. Isto é só o fim de uma era. Nada temam, a nossa/vossa revista vai continuar por aí.

LOUD!
N.º 250 / JANEIRO 2022

LOUD!
Sede do editor/redacção:
Rua Carlos Mardel, 32 - 3.º Esquerdo
1900-122 Lisboa
Tel. 215816655

E-MAIL
[geral@loudmagazine.net]

WEBSITE
[www.loudmagazine.net]

FACEBOOK
[www.facebook.com/loudmagazine.net]

ASSINATURAS
[assinaturas@loudmagazine.net]

NOTICIAS
[noticias@loudmagazine.net]

PUBLICIDADE
[ads@loudmagazine.net]

PUBLICAÇÃO MENSAL
ISSN: 087-9531
DEPÓSITO LEGAL: 152667/00

Registada na Entidade Reguladora para a Comunicação Social sob o n.º 126774

TIRAGEM
15.000 exemplares

PROPRIEDADE
Pessoal do 13 – Publicações, Lda.
NIF: 510172342

DETENTORES COM MAIS DE 5% DO CAPITAL DA EMPRESA
José Miguel Rodrigues, José Carlos Santos, Bernardo Serralha, Pedro Oliveira, Signoff - Consulting Unipessoal, Lda.

DIRECTOR
José Miguel Rodrigues
[jmr@loudmagazine.net]

CHEFE DE REDACÇÃO / DIRECTOR ADJUNTO
José Carlos Santos
[jcs@loudmagazine.net]

GERÊNCIA
Pedro Oliveira, Daniel Marujo

COLABORADORES
Cátia Nóbrega, David Rosado, Emanuel Ferreira, Fernando Ferreira, José Almeida Ribeiro, José Raposo, Luís Pires, Luís Rattus, Marta Louro, Nelson Santos, Pedro C. Silva, Ricardo Agostinho, Ricardo S. Amorim

FOTOGRAFIA
Catarina Torres, Estefânia Silva, Jorge Botas, Pedro Almeida, Pedro Roque, Sónia Ferreira
Capa: Samuel Morris

DESIGN
Joaquim Pedro

ILUSTRAÇÕES
Stebba Ósk, Pedro Silva

IMPRESSÃO
Jorge Fernandes, Lda.
Sede do Impressor: Rua Quinta Conde de Mascarenhas, Lote 9, Vale Fetal, 2820-652 Charneca Da Caparica

DISTRIBUIÇÃO
VASP

ESTATUTO EDITORIAL
Disponível online em:
loudmagazine.net/estatuto-editorial

A LOUD! escreve de acordo com a antiga ortografia.

ÍNDICE
#250

NOTÍCIAS 06

MARGINÁLIA E IMAGINÁRIO 07

CRAB MONSTERS 08

CRIMSON BRIDGE 09

EARTHLESS 10

NOTHING 12

JUNKBREED 14

STEVE VAI 16

AMORPHIS 20

BALANÇO – LOUD! 2021 24

ZEAL & ARDOR 30

DEATH ANGEL 36

AUTHOR & PUNISHER 40

GENOCIDE PACT 42

DISCOS 44

TESOURINHO PERTINENTE
FIREBIRD 47

AGENDA 58

SEVENTH STORM

"Tive esse lado juvenil de volta, e até me deitei no chão da cozinha para ver se era verdade," revelou Mike Gaspar à LOUD! a propósito do contrato dos Seventh Storm, a sua nova banda, com a nova Atomic Fire Records.

A ruptura de Mike Gaspar com uma parte do seu passado é bem conhecida. Dissidente do feitiço da lua, não demorou a rodear-se de um conjunto de músicos e avançar com um novo projecto. Rez, ou Marco Resende, na voz, Ben Stockwell e Josh Riot, nas guitarras, Butch Cid no baixo, são os novos companheiros de estrada do baterista. Seventh Storm é a banda, e há semanas foi anunciado que passariam a integrar o catálogo da Atomic Fire Records. O grupo tem data de edição apontada para o mês de Agosto do próximo ano, através deste novo selo fundado por Markus Wosgien, um dos cérebros por trás da origem da Nuclear Blast.

Desde o início que Mike Gaspar teve *"a preocupação de ter as músicas misturadas pelo Tue Madsen."* Ambos trabalharam juntos a propósito de «Alpha Noir/Omega White» e «Night Eternal». *"Não tinha* budget *para entrar em estúdio na Dinamarca, pelo que fiz toda a captação no Dynamic Studio em Lisboa, mas quis sempre que passassem depois pela mão dele,"* explica Mike. A seguir veio a cartilha aprendida pelo baterista na escola do underground: *"Peguei nas músicas e comecei a enviar para amigos, isto no espaço de duas semanas, quando estava focado em obter o contrato de uma editora."* Naturalmente, a ansiedade e vontade de chegar a um objectivo bem rápido, marcaram presença. *"Estava um bocado aflito, duas semanas podem não parecer nada, mas para mim, depois de ter as músicas prontas, já me deixava na ansiedade e a pensar que tinha de escrever outras. Ao fim de uma semana e tal resolvi contactar o Esa Holopainen que estava a gravar o último álbum dos Amorphis, e que me respondeu e contou da nova aventura do Markus, de como ele é muito próximo dos músicos, e trabalha directamente com estes,"* revela Mike. *"Deu-me o contacto dele e fiz o meu papel. Recebi um email a dizer 'out of the office' a 13 de Setembro, e depois ele impressionou-me, pois a 14, pelas oito da manhã, estava a pedir-me amizade no meu Facebook e um minuto depois tinha email dele a dizer que estava interessado e* blown away. *Não queria acreditar!* Blown away, *estava eu! Passados dois ou três dias, confirmou que nos queria assinar e desde aí tenho tido reuniões semanais e tratado de todos os pormenores com ele, o que é impressionante a esta altura da minha vida, não só ter este tipo de apoio, como a ver estes detalhes todos. O Markus está a ajudar-me a seguir a minha visão e direcção da melhor forma possível."* Sente-se a excitação do músico em todo este processo, com o qual, curiosamente, o próprio Markus também enceta uma nova experiência. *"É a junção quase perfeita, tenho mais de 30 anos de experiência como músico e ele de* label, *pois era o* label manager *da Nuclear Blast, e temo-nos divertido os dois a fazer isto. Não me lembro, desde há muitos anos, de que fazer música tenha sido tão fixe como é agora."* Agora, o mais importante *"é continuar a fazer música e trabalhar, foi o que disse à banda, pois isto é tudo novo para eles. Uma coisa é ter a oportunidade, outra é levar tudo até ao fim, e é aí que se faz a diferença."*

A experiência de Mike obviamente que o ajuda bastante, bem como o seu percurso. *"Em conversa, apercebi-me que o Markus é fã da minha ex-banda e vivemos momentos intensos na mesma geração. Fartamo-nos de falar dos anos 90, com os mesmos gostos e tipos de banda."* De resto, é, de certa forma, um cumprir de um sonho. *"Sempre via a Nuclear Blast como aquela editora com grandes bandas. Vais ao cartaz do Wacken e boa parte é deles."* Será cedo para pensar em festivais, mas o caminho está traçado, pois Mike já tem o álbum completo. *"Agora vai ser esperar. O próximo passo é dedicar-me à promoção, preparar o vídeo, fotos, entrevistas e preparar a banda para tocar ao vivo."*

PLAYLISTS

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES
DÖDSRIT – Mortal Coil
FUNERAL MIST – Deiform
THE ARMED – Ultrapop
THE LURKING FEAR – Death, Madness, Horror, Decay
THE SUN'S JOURNEY THROUGH THE NIGHT – Demo II

JOSÉ CARLOS SANTOS
BUÑUEL – Killers Like Us
GALLOWS – 66 Black Wings
SEPTIC VOMET – Constant Fear And Phobia
SLEAFORD MODS – Spare Ribs
ZEAL & ARDOR – Zeal & Ardor

PEDRO ROQUE
HARVEY MILK – Life... The Best Game In Town
BRAINBOMBS – Souvenirs
SUNN O))) – White 2
DIÄT – Positive Disintegration
SPECTRAL VOICE – Eroded Corridors Of Unbeing

FERNANDO FERREIRA
GRYFTIGÆN – Fehunðyrdauðr
NULLIFICATION – Kingdoms To Hovel
NIHILITY – Beyond Human Concept
ABRAHAM – Débris De Mondes
EREB ALTOR – Vargtimman

JOSÉ RAPOSO
TOWER – Shock The System
MORTIFERUM – Preserved In Torment
CHURCHBURN – Genocidal Rites
DIVIDE AND DISSOLVE – Gas Lit
L'RAIN – Fatigue

JOAQUIM PEDRO
FUNERAL MIST – Deiform
MINISTRY – Moral Hygiene
FUSTILARIAN – All This Promiscuous Decadence
MONTE PENUMBRA – As Blades In The Firmament
VENOM – Sons Of Satan: Rare And Unreleased

★★★ OS TOPS DO ★★★
JCS

10 MELHORES CAPAS DA LOUD!

#144 (Cannibal Corpse)
#156 (Deicide)
#220 (Slayer)
#207 (Ozzy Osbourne / Iron Maiden)
#166 (King Diamond)
#191 (Emperor)
#132 (Iron Maiden)
#137 (Guns N' Roses)
#143 (Darkthrone)
#199 (Amenra)

Todos os meses, o DAVID SOARES explora os aspectos mais recônditos, negros ou extraordinários da música, literatura e história.

O JACOBINO ESPÍRITA

DAVID SOARES

A 21 de Março de 1911, numa assembleia maçónica no palácio do Grémio Lusitano – na presença de convidados internacionais, como o socialista francês Alexandre Zevaés, à época um dos campeões do anticlericalismo (aqui, antes da sua fase anticomunista) –, o político Afonso Costa, *leader* (como na altura se dizia) da facção fundamentalista do Partido Republicano, anunciou a Lei da Separação da Igreja do Estado; e terá acrescentado, num arroubo de patriotismo, que esta não seria nem à brasileira, nem à francesa, mas *à portuguesa* – propondo, ainda, eliminar o catolicismo em apenas duas gerações: pelo menos, é o que pode ler-se, entre outras fontes, na notícia que sobre esta sessão foi publicada no n.º 12 do efemeríssimo periódico costista «O Tempo» (fundado pelo republicano anticlerical António Macieira, que no Julho seguinte redigiu a proposta de que as congregações religiosas, as ordens monásticas e, principalmente, os jesuítas "não serão admitidos no território da República"). Proferidas nessa exacta forma ou enunciadas nas entrelinhas, as palavras de Afonso Costa sobre o rápido aniquilamento do catolicismo não deixam de conduzir a um engano – pois o decepador da hidra católica, hábil jacobino que rechaçou os republicanos moderados e dominou a administração central e a local através do seu Partido Democrático e com a ajuda das inestimáveis e sempre carregadas escopetas da famigerada milícia Formiga Branca (singular e violento híbrido entre chusma de caceteiros e polícia política, que arbitrariamente prendia cidadãos suspeitos de moderação, intimidava adversários políticos de caciques afectos ao Partido Democrático e intervinha em actividades policiais e militares), seria, já nessa altura, um "fervoroso adepto do espiritismo".

É assim que Afonso Costa é cognominado na edição de 16 de Fevereiro de 1926 do jornal francês «L'Intransigeant», periódico que, por esse tempo, deslizara da Esquerda para a Direita no campo das impressionabilidades políticas; o texto integral da notícia diz o seguinte: "Revolução e espiritismo... O Sr. Afonso Costa, ex-presidente da delegação portuguesa da Sociedade das Nações, que nos últimos dias fez declarações à imprensa em favor dos revoltosos do Porto e de Lisboa, é um fervoroso adepto do espiritismo. Quase todas as terças-feiras vai a Mantes, a uma casinha onde, à noite, em frente dos iniciados, aparece o fantasma de uma rapariga falecida há quatro anos. O pai e a mãe da desaparecida, donos da casa, são amigos do diplomata e os três estão convencidos da realidade dessas manifestações que deixaram cépticos os jornalistas que a elas assistiram." Com efeito, esta peça provocou notícias similares, publicadas no decurso do primeiro trimestre desse ano em vários jornais portugueses, como «A Capital» – vespertino esquerdista radical de verbo anticostista –, mas também «O Século», o «Diário de Notícias», o «Domingo Ilustrado» e, inclusive, um insólito noticiário de vocação particularmente aclimatada a este tipo de temas: o «Écos do Além». Levando consigo para Paris a reportagem sobre o caso que «O Século» planeava dar à estampa (e na qual um correspondente francês desse diário enriquecera pitorescamente a elíptica informação do verbete de o «L'Intransigeant» – como a revelação de que Afonso Costa teria uma aura psíquica violeta, prontamente manifestada pelo médium que conduzia as *séances* de pé-de-galo na casa de Mantes), um repórter do «Écos do Além» tentou entrevistar Afonso Costa, mas este só comentou que se tratava de um assunto privado; exibindo tenacidade ou teimosia, o mesmo gazetista publicou uma nova peça no ano seguinte, com a qual depreciou a formidável reputação de mestre médium que Afonso Costa fora, entretanto, angariando nos meios espiritistas portugueses – potenciada pela publicação de peças que, por exemplo, o mostravam sorridente à saída do Centro Espírita de Paris, onde convivia com os seus amigos espiritistas e participava em encontros por eles promovidos.

O DR. AFONSO COSTA, ESPIRITA...

O ilustre político português dr. Afonso Costa, á saída duma sessão dada pelo médium indiano «Isokrs», no Centro Espírita de Paris.

Porém, as surpresas deste governante sagaz e voluntarista, mas também manipulador e jacobino, não ficam por aqui: numa entrevista dada em Paris ao jornalista brasileiro José Jobim e por este coligida, com outras feitas ao mesmo estadista, num livro intitulado «A Verdade Sobre Salazar», publicado no Rio de Janeiro em 1934, Afonso Costa dá a ideia de ter criado uma teoria que ficaria irremediavelmente colada à propaganda do Estado Novo e que consiste na ideia de que Portugal não era um país pequeno, porque os territórios ultramarinos lhe dilatavam as fronteiras terrestres. No espírito imperialista da Primeira República, ele diz o seguinte: "Portugal não é um pequeno país. Os que sustentam isso esquecem as províncias ultramarinas que fazem, com o território metropolitano, de Portugal, um todo uno e indivisível."

CRAB MONSTERS

FOTO: SÓNIA FERREIRA

Cruzam punk com metal e «Piss Wizard» é o novo trabalho que apresentam à LOUD!.

Na voz está Tiago, na guitarra, outro Tiago. Fica mais fácil tratar o primeiro por Granada, evitando confusões. Os CRAB MONSTERS são um quarteto, a que se tem de juntar Crab, a mascote do conjunto. "*O início dos Crab Monsters foi rápido, sedento de partir tudo e fazer as coisas num instante,*" revela Granada. "*A ideia era, e continua a ser, de que precisamos de fazer um disco rapidamente e começar a ter concertos!*" Apesar disso, logo de início ficou estipulado "*que seria algo sem compromisso, e isso fez com que tenha havido uma zona de entendimento para fazer só o que é necessário. A simplicidade da banda abriu caminho para que as ideias surgissem naturalmente e de forma saudável.*" Exemplo disso, lá está, a mascote: "*Foi uma ideia que nos ocorreu e que nos levou a procurar alguém que pudesse criar o Crab. Quando vimos o trabalho do Diogo "Gatuno", soubemos logo que seria a pessoa indicada para o fazer.*" Num gesto pouco comum em bandas portuguesas, o grupo trabalhou as capas dos discos à volta do personagem criado. O primeiro trabalho, «High On Guts», de 2020, foi a primeira revelação do Crab. "*Logicamente, serviu para transmitir uma violência brutal num cenário em que o Crab ingeriu um monte de corpos.*" Uma violência esperada quando se cruza o título de um filme de terror dos anos 50 com o punk de um colectivo que se move entre o Sabugal e Castelo Branco.

"*Nestes dois álbuns abordámos cenários diferentes com a mesma mascote,*" explica Granada, referindo-se à estreia já referida e ao novo álbum, «Piss Wizard», que "*surge de um contexto sisudo, que aborda por vezes questões muito violentas, quer pela música quer pelas letras.*" Apesar disso, há um lado mais alegre dentro do quarteto que se observa não só na energia em palco, como nas próprias declarações do vocalista quando afirma que "*nunca abandonámos o lado cómico e de valores positivos em que acreditamos, o ADN dos Crab Monsters é muito esse também! Gostamos de nos divertir e a boa disposição está sempre presente quando tocamos juntos.*" É nesse contexto também que se deve ver o Crab. "*A imagem da mascote é sempre a de levar ao extremo um sentimento que queremos passar. O Crab, desde que acorda até que adormece na valeta, vive em função do* power *e dos decibéis dos Crab Monsters, depois anda sempre todo mijadinho, mija em todo o lado... É um ser com mau aspecto, muito desagradável, mas com um bom coração, desta vez!*" A energia natural da banda reflecte-se na composição e na rapidez com que o sucessor de «High On Guts» viu a luz do dia. "*Numa linha temporal entre o início da composição e a edição em formato físico foram quase dois anos, começámos a compor no fim de 2019 e lançámos o disco recentemente, há um mês e picos. A composição foi veloz, ou seja, o álbum deveria ter saído mais cedo, mas quando se está confinado, a acção passa a ser virtual, e o que acontece é que dás por ti apenas a sair de casa para ir à caça da melhor promoção de tinto do país.*"

No final de contas, os Crab Monsters são uma banda já com alguma experiência acumulada, e objectivos bem definidos, como se percebe também pelo som criado pela guitarra de Tiago Dias, ao vivo. Pouco espaço para a exploração e uma pedaleira construída por quem mostra já saber bem o que quer. Foi um telefonema deste, para Granada, que tudo despoletou. "*Contactou-me para fazermos uma banda de rock'n'roll a 300 à hora!*" lembra o vocalista, que prontamente aceitou. "*Além de me dar muito bem com o Tiago, está no meu top 5 de melhores guitarristas do mundo, e a resposta era óbvia. A única condição que apresentei para formar esta banda era a de termos o Christophe na bateria, porque já conhecíamos bem o animal e aquilo de que era capaz.*" Já no baixo: "*indiscutivelmente, tinha de ser o Batista!*" Tal como o guitarrista, também o Batista vinha da "*linda cidade do Sabugal*", enquanto os restantes eram de Castelo Branco. Hoje junta-se também o baterista Jordi "*el niño polla*" Lopes, que "*entrou para a banda pela sua personalidade e porque sabíamos que ele ia encaixar-se bem no nosso som.*" Oriundo de Braga, é ele que tem feito os concertos ultimamente. "*O Christophe, por motivos profissionais, não tem a mesma facilidade do resto da quadrilha. Mas ambos integram na mesma a banda. Um dia havemos de tocar com os dois bateristas em simultâneo!*" **[E.F.]**

"Quando se está confinado, a acção passa a ser virtual, e o que acontece é que dás por ti apenas a sair de casa para ir à caça da melhor promoção de tinto do país."

CRIMSON BRIDGE

São novos, trazem um death metal melódico que vicia, e surpreendem pela energia com que agarram este projecto.

Apesar de surgirem novos grupos a todo o momento, verifica-se que na cena portuguesa, uma parte considerável desses é formada por veteranos, ou, no mínimo, músicos já com vários projectos no passado. É, por isso, sempre de louvar quando o sangue é realmente novo, como acontece com os CRIMSON BRIDGE, grupo de Almada, que em 2021 lançou o seu primeiro álbum, depois de se ter formado em 2016 e editado um EP homónimo em 2019. A génese verdadeira remonta no entanto a 2014, segundo o guitarrista Renato Guerreiro. "*Eu e o nosso guitarrista anterior, o Daniel, somos amigos de infância, e desde novos que queríamos começar uma banda. Depois de conhecermos o Nuno através de amigos em comum num concerto dos Sepultura em 2014, as peças começaram a encaixar-se.*" Por esta altura, Renato está na guitarra, tal como Daniel, juntando-se Nuno Cruz ao baixo, e um baterista. Em 2016, a bateria passa para Bernardo Rebelo, estabelece-se uma primeira formação, com Filipe Alaiz na voz, e grava-se o EP de estreia, já com mudanças que levam à entrada de um novo guitarrista, Henrique Simas. "*Infelizmente, o álbum foi atrasado devido à pandemia,*" lamenta Renato, mas em Setembro de 2021 viu finalmente a luz do dia, tendo três *singles* como antecipação. Lançado juntamente com a Blastbeat Records, selo de Almada, o disco tem tido boa recepção, num percurso sempre complicado para uma jovem banda obrigada a superar dificuldades e obstáculos relacionados com a pandemia. Apesar da boa recepção ao EP, Renato admite: "*Não sabia de todo o que esperar por parte das pessoas. Desde o nosso último trabalho até aqui algumas coisas mudaram.*" De facto, Renato passou a assumir a função de vocalista principal e Simas tornou-se no guitarrista principal. "*São mudanças que, para além de despertarem a curiosidade para experimentarmos um pouco mais e explorarmos um maior leque de estilos dentro do metal, também nos trouxeram mais alguma experiência e maturidade, que achamos que se reflectem tanto nas composições, como na própria produção deste álbum,*" considera Renato.

Esta alteração, leva a que o músico fundador da banda, para lá de algum trabalho na guitarra, tenha ainda de fazer dois tipos de voz. "*É sempre um desafio interessante conciliar os dois tipos de voz, nomeadamente quando se trata de replicar as músicas da forma mais fiel possível ao que está gravado no álbum,*" explica. "*Como vocalista principal, tento sempre cantar o maior número de partes possível nos dois tons de voz, mas há certos momentos onde pode ser necessário o Bernardo auxiliar-me, fazendo gritos/vozes extra ao longo das músicas. Claro que nos ensaios é praticado e estudado o que resulta melhor, o que também nos permite acentuar a dinâmica de cada música no que conta às vozes, criando uma alternância entre mim e o Bernardo, para além de eu aliviar um pouco a voz durante o contexto de um concerto, fazendo com que nas partes limpas tudo saia o mais fidedigno possível.*" Sendo jovens, num grupo também ele ainda a crescer, é natural sentir esta evolução, e é interessante perceber como tudo é já pensado e analisado. "*Neste momento achamos que encontrámos o que resulta para nós e para o nosso som, portanto não há planos para encontrar um novo vocalista. À medida que o nosso som evoluiu, incluindo as nossas habilidades técnicas e criativas, chegamos à conclusão de que, com a formação actual, além de conseguimos fazer tudo o que fazíamos no passado, podemos acrescentar outras dinâmicas e em certos momentos focarmo-nos mais na parte instrumental sem ninguém ficar excluído.*" Os músicos querem continuar "*a explorar esta dinâmica e a encontrar novas formas de agitar as águas e criar algo interessante.*" Algo que passa pela abordagem musical, fazendo uma clara ponte entre thrash e death, fugindo da moda do "*old school* death metal" que tem empolgado muitos veteranos. "*Nós temos influências de todo o espectro do metal, e o* old school *death metal não é excepção,*" considera Renato. "*Algumas das nossas maiores influências incluem Death, Cannibal Corpse, Obituary e Suffocation, entre muitas outras bandas dentro do estilo. No fundo, achamos que tudo isto é positivo porque mostra que o metal está bem vivo, que há muitas coisas interessantes a acontecer e que é possível inovar sem cortar as raízes.*" [E.F.]

"O metal está bem vivo, que há muitas coisas interessantes a acontecer e que é possível inovar sem cortar as raízes."

AO SABOR DA QUENTE BRISA CALIFORNIANA

Duas décadas depois de terem dado os primeiros passos, as lendas do stoner EARTHLESS estão de volta com um novo álbum, intitulado «Night Parade Of One Hundred Demons», que vai ser editado a 28 de Janeiro através da Nuclear Blast. O power trio de San Diego, composto por Isaiah Mitchell na guitarra e voz, Mike Eginton no baixo e Mario Rubalcaba na bateria, gravou o álbum com a ajuda do amigo de longa data Ben Moore e inspirou-se numa antiga lenda japonesa em que, uma vez por ano, uma horda de demónios e fantasmas aterroriza os habitantes das aldeias adormecidas à noite. Sobre esta novidade, estivemos ao telefone com o simpático Mitchell, uma das forças motrizes da banda que, no próximo dia 15 de Maio, regressa a Portugal para uma actuação em nome próprio no Hard Club, no Porto.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

Por esta altura, são já duas décadas de Earthless...
É verdade! É incrível, não é? Eu, apesar de tudo, não sinto que tenha passado todo esse tempo, mas efectivamente passou mesmo. [risos] Não sei, *man,* a sério. É engraçado que tenhamos chegado aqui, sabes? É um marco porreiro. Afinal, são duas décadas de música. O curioso é que eu, se olhar para trás, para aquela altura em que começámos a banda, já achava que íamos estar por aqui durante algum tempo. Não sei se pensava exactamente que íamos continuar a tocar juntos dali a vinte anos, mas sabia que era algo para durar porque, desde o início, sempre nos divertimos muito a tocar uns com os outros. Há um som distinto quando estamos juntos, isso é especial. Termos a oportunidade de fazer isto, e de irmos crescendo sempre mais um bocadinho, é incrível.

Como é que as pessoas reagiam no início quando percebiam que a vossa música era maioritariamente instrumental?
Acho que algumas pessoas se desinteressaram por causa disso. Naquela altura ainda era menos comum ouvir bandas a fazer música maioritariamente instrumental, acho que as pessoas agora estão mais abertas ao estilo de música que fazemos. No entanto, acho que também houve muita gente a interessar-se exactamente por causa disso, portanto as coisas acabaram por ficar equilibradas. Todos, incluindo nós, estamos habituados a ouvir música cantada, com letras, porque esse é o cânone do rock, mas depois tem tudo a ver com o gosto pessoal de cada um. Há algo maravilhoso em bandas que não seguem a estrutura do que é supostamente uma canção, que improvisam e seguem em frente, sem parar. É uma expansão de som constante, é isso que tentamos criar deste o início.

De onde veio essa abordagem?
Bem, todos gostamos muito de jazz. No jazz, é muito comum haver um tema, depois os músicos improvisam, voltam para o tema... Além disso, todos nós crescemos a adorar bandas com os Led Zeppelin, que faziam *jams* de mais de vinte minutos a meio da «Dazed And Confused». Essas cenas sempre me atraíram. Caramba, ali estavam aqueles quatro músicos, a embarcar numa aventura e a ver onde ela os levava, ainda por cima à frente daquelas multidões de gente. Às vezes regressavam de forma brilhante, outras nem por isso, mas era sempre uma aventura. Os Zeppelin, os Cream, todas as bandas dos 60 e 70, exploravam essa faceta mais auto-indulgente, que tanto pode ser muito divertida e muito inspiradora como um autêntico desastre.

Há que ter, então, cuidado para evitar desastres?
Claro. Tentamos sempre ter cuidado. [risos]

O 2021 foi melhor ou pior que o 2020 para os Earthless?
2021 foi... [pausa] 2021 foi um ano muito diferente de 2020. Logo para começar, tivemos oportunidade de gravar, fizemos os primeiros concertos desde o início da pandemia e, na verdade, começámos a poder sair mais um bocadinho. Nesse aspecto, foi muito melhor. No entanto, em 2020, estivemos focados no processo de composição deste disco novo, por isso também não foi mau de todo. Eu sei que isto pode parecer estranho, mas foram dois anos bons para nós, muito produtivos. Usámos a ausência de quaisquer viagens, de qualquer digressão, da melhor forma possível, porque escrevemos e gravámos um álbum. Não estamos em posição para nos estarmos a queixar. Até porque, no final das contas, fomos uns sortudos. Não tivemos de passar por nenhuma tragédia familiar, mantivemo-nos todos saudáveis, temos comida na mesa... Muita gente não pode dizer o mesmo.

Este álbum teria soado diferente se tivesse sido escrito noutras circunstâncias?
Oh, tenho a certeza que sim. É bem possível que não estivéssemos a falar agora sobre um novo álbum se a pandemia não tivesse acontecido, porque não teríamos tido todo este tempo livre. Foi isso que fez este disco ser o que é, porque sei que, sem tanto tempo para estarmos focados, não soaria como soa. A pandemia criou este álbum, criou a tensão de não podermos tocar ao vivo, de não termos a libertação que é estarmos em palco todos juntos. Não sei como soaria, mas as coisas seriam muito diferentes noutras condições, tenho a certeza disso. Canalizámos todas as nossas frustrações nestes temas, primeiro porque ninguém percebia bem o que se estava a passar, depois porque nem nos podíamos juntar e não havia perspectiva de tocarmos ao vivo, mas isso transformou-se na alegria que é estarmos todos novamente a tocar, a criar. As ideias começaram a fluir e acabou por ser um processo muito simples.

Numa altura em que o espectro de atenção das pessoas é cada vez mais reduzido, o «Night Parade Of One Hundred Demons» é composto por apenas dois temas, sendo que um deles tem mais de 40 minutos. Sentes que estão a remar contra a maré?
Não sei, sinceramente. Nós nem sequer pensamos nisso nesses termos, só tocamos o que nos dá gozo. Por um lado, não estamos propriamente atentos ao que se passa à nossa volta em termos musicais; por outro, nunca estivemos preocupados com convenções. Eu sei que não é comum haver bandas a lançarem temas assim tão extensos, que eu saiba, pelo menos, acho não há muitas bandas a fazer as coisas assim, por isso... Não sei, no final, pode ser um ponto a nosso favor, talvez? A verdade é que temos um público, que gosta de viajar connosco, portanto é bem possível que as pessoas também estejam fartas do que é suposto ser uma canção. Uma coisa é certa, em nenhum momento pensamos no que o público, os jornalistas ou o pessoal da editora vão dizer quando estamos a compor ou a gravar. Limitamo-nos a seguir o instinto, vamos para onde a inspiração nos leva. No final, é uma viagem, não importa o tempo que demora.

Até que ponto a improvisação é fulcral para atingirem o resultado final?
Acho que se pode dizer que é um elemento essencial do que fazemos. Os temas são feitos na sala de ensaio, connosco os três a trocarmos ideias, a moldarmos os riffs, as melodias, até estarmos satisfeitos com o rumo que as coisas estão a tomar. Nos concertos fazemos sempre questão de improvisar e quando estamos em estúdio também porque, na verdade, as nossas composições nunca estão completamente fechadas... Há sempre espaços, onde podemos improvisar, e é muito fixe termos essa liberdade quando estamos a tocar.

"Limitamo-nos a seguir o instinto, vamos para onde a inspiração nos leva. No final, é uma viagem, não importa o tempo que demora."

Como é óbvio, alimentam-se da energia gerada entre vocês. Imagina que, com a pandemia, tinham tido de escrever um disco à distância, sem poderem estar os três juntos na mesma sala. Achas que continuaria a ser Earthless?
É engraçado, porque não aconteceu desta vez, mas tivemos de fazer algo do género no nosso disco anterior, o «Black Heaven», e eventualmente percebemos que conseguimos fazer efectivamente um disco dos Earthless assim, mas não é a mesma coisa. Eu continuo a gostar muito desse álbum, atenção, mas não é mesmo o nosso método preferencial para criarmos música para esta banda, isso é certo. É muito mais fixe estarmos todos fechados na mesma sala, grande parte da magia do que fazemos reside aí.

NOTHING

MÃOS CHEIAS DE NADA

Passou-se um ano desde o fantástico «The Great Dismal», dos NOTHING, álbum que foi agora enriquecido com uma edição luxuosa que lhe junta alguns *B-sides* inéditos, entre eles o próprio tema-título. Numa altura em que também foi anunciada uma colaboração com os Full Of Hell a ter lugar no Roadburn, e em que a banda regressa à estrada em circunstâncias ainda pandémicas, pareceu-nos muito interessante ter um retrato do que os *shoegazers* de Philadelphia são neste momento. E foi precisamente da estrada, literalmente, que o líder Domenic "Nicky" Palermo falou connosco.

JOSÉ CARLOS SANTOS BEN RAINER

Passou-se cerca de um ano desde que lançaram o «The Great Dismal», e é raro termos a oportunidade de falar com os músicos neste período – normalmente conversamos sempre na altura dos lançamentos, onde a perspectiva é naturalmente diferente. O que é que achas desse trabalho, como é que olhas para essa fase agora, com o benefício do *hindsight*?
Sabes que as pessoas dizem que o tempo cura tudo, mas com a nossa música passa-se exactamente o oposto. A quantidade de horas que eu já vivi com essas canções torna-se praticamente insuportável, desde o seu nascimento até ao dia de hoje. Desde a sua escrita até à mistura meticulosa, até criar visuais e editar os vídeos, e agora finalmente poder tocá-las ao vivo (o que foi muito fixe de poder finalmente fazer, pelo menos das primeiras vezes), tudo isso como que suga a alma que os temas pudessem ter para mim. Isso, misturado com o facto de que odeio ouvir o som da minha voz, torna esta vida que escolhi para mim em algo irónico, suponho. [risos] Mas tirando isso, sabe bem perceber que há pessoas que se importam e que gostam delas, aí espalhadas pelo mundo.

Apesar de tudo, ainda complementaram o álbum com mais canções, com a edição agora de alguns *B-sides* – e estranhamente, um deles é o próprio tema-título. Isso não te ajudou a dar uma perspectiva nova? Só piorou essa sensação de "enfado" em relação a tudo o que tens que fazer com a tua música, mesmo com estas que, à partida, tiveram menos atenção?
Acaba por ser a mesma história, sim, porque estes temas, à partida, sempre foram tratados com a intenção de fazerem parte do álbum. A verdade é que esta edição "de luxo" que agora inclui os B-sides é aquilo que sempre quisemos que o álbum normal fosse. A razão principal para ter deixado o tema-título de fora é que queria solidificar o acompanhamento dessa faixa, e não tinha tempo. Muito daquilo que faço, e que fazemos nesta banda, tem limitações de tempo, e está ligado àquilo que estamos a fazer em determinado momento.

Parece que esse tempo extra valeu a pena, vendo o video-clip que acompanha agora o tema. Como é que foi trabalhar com a produtora Everything Is Stories para ele, e o que é que querias transmitir com estas imagens? E sim, sei que é uma pergunta um bocado parva, a habitual "então e este vídeo, quer dizer o quê?", mas neste caso parece relevante porque considero que vocês são uma das poucas bandas que ainda usa esse formato para adicionar algo à música, algo que já fizeram várias vezes no passado. Parece que cada vídeo vosso fornece uma pista crucial para a percepção dos temas. É essa a aproximação que tens quando trabalhas nesse elemento?
É sim, sem dúvida. Ainda bem que fizeste essa pergunta, porque acho que as pessoas não compreendem muito bem a intenção com que fazemos algumas coisas. Estão habituadas a um vídeo ser só mais uma coisa descartável para mandar fora, e eu não consigo fazer nada assim. Aliás, luto comigo mesmo constantemente, desde há muito tempo, sobre a dedicação e a forma *hands on* com que abordo esta merda toda, e o quão excessivo consigo ser na maneira como quero controlar cada aspecto da nossa música. Vídeos incluídos. Mas com o «…Dismal» acabei por aceitar que se calhar não devo ser sempre assim. Queria ver como é que as coisas se desenvolviam, mesmo de uma forma como eu não queria, e olha, foda-se, fui em frente. Trabalhei com quem quis e criei o que eu quis, e finalmente senti-me bem com isso. Uma das coisas boas de tocar na mesma banda durante dez anos é que acabas por ficar confortável contigo próprio nesse papel, e isso é uma libertação muito grande. Tive síndrome do impostor a minha vida inteira, mas uma vez ou outra sabe bem sentir que pertenço a algum lado. Não resulta sempre, mas quanto mais estagnar, em mais problemas me vou meter, portanto… Ninguém trabalha verdadeiramente ao meu ritmo, portanto não é fácil arranjar ajuda! [risos]

Imagino então que os Full Of Hell estejam entre as excepções? Estamos todos super-excitados pela colaboração anunciada para o Roadburn, Full Of Nothing. Ambas as bandas parecem muito diferentes mas estranhamente complementares. Podes revelar alguma coisa sobre isso nesta altura?
Não posso dizer muito para já, a não ser que estou imensamente honrado por poder trabalhar com esse pessoal. Em tantos níveis diferentes! Sou fã de todos os projectos que eles têm, para aí um milhão deles ou uma merda assim, e como músico respeito a dedicação que eles têm aos géneros que tocam. Mas acima de tudo, gosto deles como amigos. Tudo nesta colaboração é um cenário de sonho para mim.

E já que nos estás a responder da estrada, como é que isso está a correr? Voltar ao palco depois desta esquisitice toda – que ainda está longe de acabar – tem sido bizarro? Tens notado diferenças nas pessoas?
Bizarro é a palavra, sim. Para nós, há muitos sentimentos e emoções diferentes a borbulhar, mas acima de tudo, como uma manta pesada, há uma ansiedade constante. É muito fixe voltar a tocar, mas é intimidante como a merda, também. Estava já muito habituado a não estar com pessoas à minha volta, e é muito estranho estar assim de volta à "vida selvagem". Parece-me uma loucura ver como as pessoas estão a deixar-se ir, como estão a lidar com esta fase com grande à vontade. De cidade para cidade vemos perspectivas diferentes, é mesmo uma estranha altura para estar vivo. Nos próximos dias vamos tocar na Florida pela primeira vez desde o princípio da pandemia. Podemos nunca mais de lá sair. [risos]

"Somos como hamsters a correr dentro de tubos numa gaiola super elaborada, mas sempre com o pé no acelerador. Vamos ser sempre assim, até batermos numa parede."

Disseste há bocado "dez anos na mesma banda", e realmente só aí é que me caiu a ficha. Até já são onze anos de NOTHING. É um bocado surreal, não é?
É, mas também, ao mesmo tempo, é exactamente o que era no primeiro dia, só com coisas diferentes a acontecer na periferia. Somos como *hamsters* a correr dentro de tubos numa gaiola super elaborada, mas sempre com o pé no acelerador. Vamos ser sempre assim, até batermos numa parede.

JUNKBREED

MÚSICA PARA PUTOS PORREIROS

O nome JUNKBREED pode não vos dizer (ainda) grande coisa, mas isso vai mudar agora. Não fosse a música que tocam uma "bujarda" daquelas, só o currículo dos envolvidos já justificaria certamente atenção: na voz temos o Pica (dos Seven Stitches e Primal Attack), nas guitarras o Miranda (dos Primal Attack) e o Pardal (dos Switchtense), no baixo está o Karia (também dos Switchtense) e, na bateria, o Pedro Mau (dos Wells Valley e Knell). Pegando no espírito DIY que dominou as bandas dos 90s com que todos cresceram, esta nova formação feita de músicos com muitos quilómetros nas pernas juntou-se em plena pandemia e aproveitou o *lockdown* para gravar um álbum de estreia, intitulado «Music For Cool Kids», que contém onze canções de rock sem espinhas. Sobre uma das melhores surpresas de 2021, falámos com a dupla Pica/Miranda.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES

É justo descrever os Junkbreed como fruto da pandemia ou a ideia já estava na gaveta há alguma tempo?

Pica: Completamente.

Miranda: Sim, acho que sim. Foi totalmente por aí. Quando entrou a cena da pandemia, comecei a trabalhar a partir de casa e comecei a ter muito mais tempo para tocar e fazer malhas. Às tantas já tinha algumas músicas feitas, achei que estavam a ficar engraçadas e pensei chatear o Pica. [risos] Começou comigo sozinho em casa, mas com quatro ou cinco canções feitas achei que tinha potencial para avançar, enviei-as para o Pica e convidei-o a experimentar meter algumas vozes. Isso foi fixe, porque uma coisa é tu achares que os temas são decentes, outra é teres mais alguém a ver ali potencial, por isso continuámos a trabalhar. Ele meteu vozes nos temas, começámos a explorar outras ideias, começámos a trabalhar com o pessoal...

Pica: Sim, mas nessa altura já tínhamos mais material pronto. Às tantas, parecíamos uma fábrica de canções. [risos] Eu estava com os Primal Attack parados e, com a história da pandemia, não tinha planos para tocar nem fazer nada, mas quando ele me

enviou as cenas já estava tudo a soar muito bem, percebia-se que tinha havido ali um esforço para apresentar uma boa ideia. Eu interessei-me, achei que, se fosse mesmo para fazer uma cena diferente, valia a pena arriscar.

E a criatividade começou a fervilhar.
Pica: Houve alturas em que escrevíamos um tema por dia. Como tínhamos tempo livre, ele enviava a malha, eu ia passear as cadelas e gravava umas ideias no telefone, depois era chegar a casa, gravar umas linhas vocais e enviar de volta. Foi um processo rápido e, às tantas, já tínhamos tanta coisa que achámos que estava finalmente na altura de mostrar o que tínhamos a mais alguém.

Miranda, quando começaste a escrever, sabias que estas ideias eram para uma nova banda ou não havia nenhum plano concreto?
Miranda: Não, não havia nada pensado nesse sentido. Mesmo quando começámos a trocar ideias, o objectivo era estarmos os dois a curtir, a fazer umas músicas e a ver o que podia acontecer. Quando o resto do pessoal começou a fazer as suas partes, o *feeling* de toda a gente, de nós os dois, do Pardal, do Karia e do Mau, era muito positivo em relação ao que estava a ser feito e foi aí que decidimos avançar.
Pica: Sim, nunca houve sequer um nome, nunca houve nada disso. Éramos só dois gajos a trocar ficheiros e a escrever umas malhas. Depois, chegámos a um momento em que já tínhamos 21 temas feitos, não eram cinco, nem seis... Na fase final tínhamos 21 temas, e tínhamos de fazer algo com eles. Havia ali mesmo muita coisa para fazer, porque a partir do momento em que incorporámos o resto do pessoal, começaram logo a surgir outras ideias. O Karia deu um grande *input*. O Miranda também é baixista, tudo certo, mas a partir do momento em que o Karia pegou nos temas, começou tudo a soar muito maior.

Todos vocês se foram cruzando na estrada durante os anos, foi a amizade que ditou esta formação?
Pica: Sim, somos grandes amigos, à excepção do Pedro Mau, que era o que conhecíamos "menos bem". Ou melhor, eu já o conheço há muito tempo, dos tempos do MSN. [risos]
Miranda: No meu caso, o Karia e o Pardal são amigos de infância, sabia que eles gostavam deste tipo de som e fez todo o sentido falar com eles. Eles tinham toda a liberdade para dizer que não, claro, mas foi brutal, porque o Karia ficou logo todo entusiasmado quando lhe mostrei as cenas. O caso do Pardal foi mais engraçado, porque eu ainda nem tinha pensado convidá-lo, mas o Karia mostrou-lhe as malhas e ele ficou interessado em tocar connosco. Na altura já tínhamos pensado noutra pessoa para essa posição, mas acabou por não acontecer por falta de tempo e o Pardal entrou.
Pica: Ele diz isso no documentário, "*não me convidaram, eu é que me ofereci!*" [risos] A partir do momento em que estabelecemos esse núcleo, só faltava um baterista e foi aí que chegámos ao Pedro Mau, que foi o *click*. A banda cresceu muito a partir do momento em que começámos a trabalhar com ele.

Foi a peça-chave, então.
Pica: Sim. O Pedro tem sempre uma conversa, que ainda hoje tem, e que é linda. "*Pah, não tenho tempo, tenho muito trabalho, mas manda aí uma malha!*" O Miranda mandou-lhe um tema e, 24 ou 48 horas depois, já não consigo precisar, enviou-nos logo a cena de volta... Já produzida, com a bateria dele, e foi uma diferença brutal. Porquê? Porque tens os pormenores todos no sítio, um baterista a sério a tocar, as vozes eram as mesmas, mas tratadas. Foi aí que percebemos que esse era o caminho para fazermos o disco. O Mau é um bicho, *man*.

Já falaram em referências em comum, e de saberem que o resto do pessoal gosta "deste tipo de som". Querem elaborar?
Miranda: Eu, quando comecei a tocar, a fazer temas, fiz as coisas de forma natural, porque não havia aquela coisa de fazer assim ou assado. Comecei a tocar – e, ainda por cima, não sendo guitarrista, sempre fui baixista, estava a só a ver o que saía dali. Como é óbvio, nunca iria sair algo de death metal ultra-técnico e brutal, por isso foi ao encontro de cenas que sempre ouvi e achei que, apesar de não serem os melhores músicos do mundo, têm muita alma e *feeling*.

"A essência dos Junkbreed é o rock. Vamos embora tocar, vamos curtir. É por aí." – Miranda

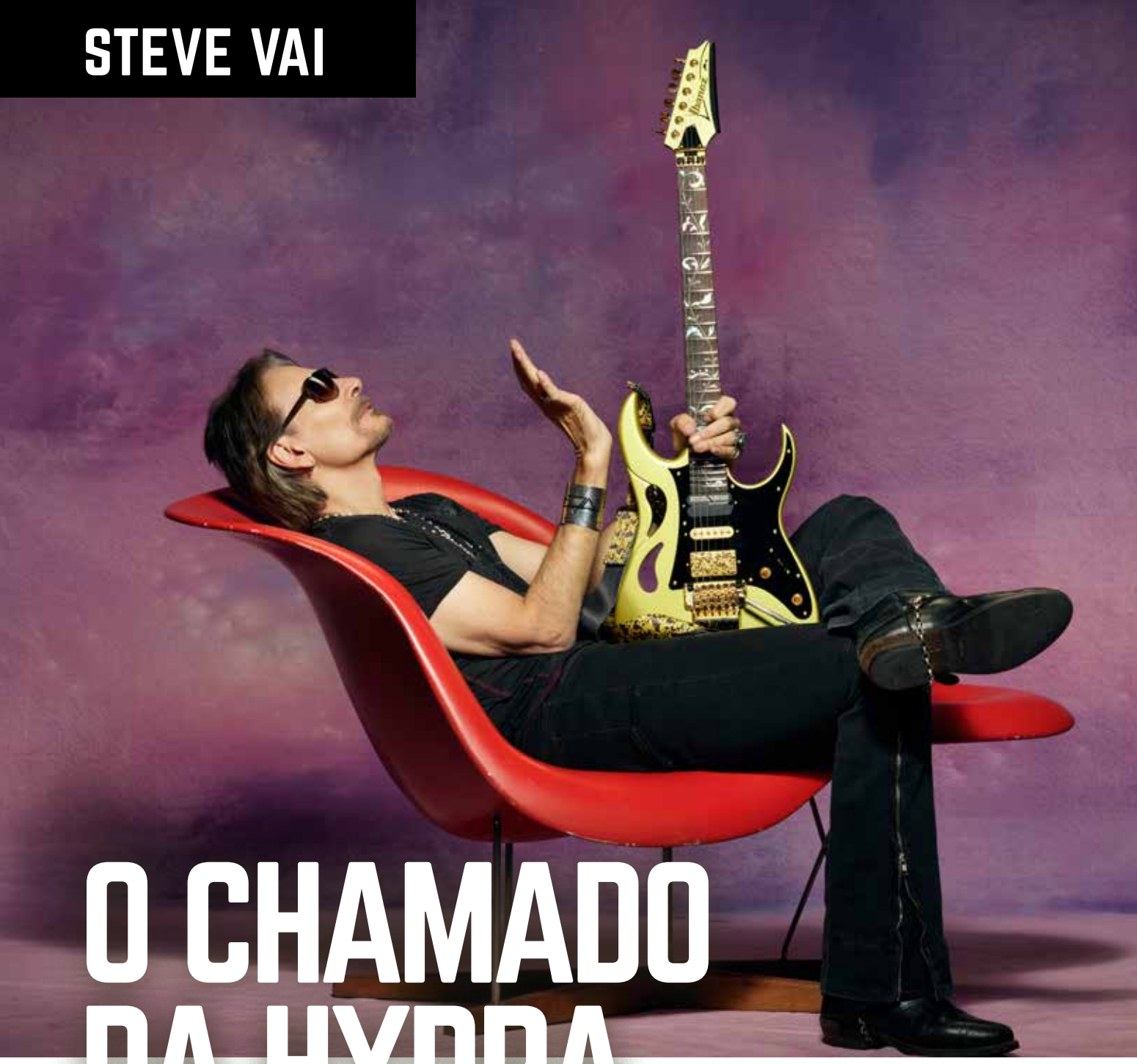
Que tipo de som tocam então os Junkbreed?
Miranda: Eu sei que é bastante abrangente, mas para mim o que fazemos é rock. Naquele sentido em que olhas para a música sem grandes preocupações, o rock que toda a gente da nossa idade apanhou quando estava a crescer.
Pica: Seja com mais influência punk, seja o que for noutros momentos, basicamente é rock, sim.
Miranda: Apesar de haver ali outros elementos misturados, a essência dos Junkbreed é o rock. Vamos embora tocar, vamos curtir. É por aí.
Pica: Acho que é uma coisa que, se calhar, não se faz há muitos anos em Portugal, acho que desapareceu um bocadinho este *feeling* de um rock mais punk, com mais atitude e energia. Não foi nada propositado, mas até se pode dar o caso das pessoas perceberem que já tinham saudades de ouvir algo assim.

Também já não estão em idade de estarem muito preocupados com o que as outras pessoas acham, pois não?
Miranda: Sim, além disso tudo, nós já não somos propriamente miúdos e já nos estamos um bocadinho a borrifar, não estou propriamente preocupado se as pessoas vão gostar ou não. É óbvio que era muito fixe que gostassem, mas não perco sono com isso. Se eu gosto, o Pica gosta, o Pardal gosta, o Karia gosta e o Mau gosta, está tudo bem. Nós gostamos muito do que está ali e isso é o que mais importa. Nós nunca tivemos muito isso, mas antigamente, se calhar, preocupávamo-nos mais. A idade traz coisas más, dores nos joelhos e coisas assim, mas também traz coisas fixes, e essa é uma delas.

Antes de terminarmos, vou mesmo ter de perguntar pelos Primal Attack... É um capítulo encerrado? Estão definitivamente parados?
Miranda: Há aquela palavra engraçada que é "hiato". [risos]
Pica: Eu tenho alguma dificuldade de ver a coisa a retomar. Não por haver problemas ou algo assim, continuamos todos a ser amigos e damo-nos muito bem, mas a composição estava muito centrada no Miguel Tereso, sendo que nós depois dávamos o nosso *input*. O Miguel tem a vida dele e começou a perceber que não se estava a conseguir organizar para fazer tudo, o que é legítimo. Passado este tempo todo, com o que temos agora em mãos, com a quantidade de material que não entrou no disco e que nos vai dar margem para durante os próximos dois anos termos sempre coisas para editar, acho que será difícil, pelo menos num futuro próximo, voltarmos a fazer alguma coisa com os Primal Attack. Infelizmente, porque a banda ainda tinha caminho para andar, mas lá está, as circunstâncias da vida de cada um assim o ditaram.

Afinal, quem são estes *"cool kids"*?
Pica: Somos nós. [risos]
Miranda: Eu tinha dado esse nome à primeira pasta que fizemos para ir partilhando as músicas e foi ficando, ficando e ficando, até chegar ao momento em que tivemos de escolher o nome da banda e do álbum. Aquilo fazia-me sentido, até porque, eu não sou muito de redes sociais, mas durante a pandemia de vez em quando ia lá e via muito aquela conversa tipo "a banda que eu ouço é que é fixe e o resto é tudo uma porcaria".
Pica: Eu até achava que era um bom nome para uma banda, mas compreendi que é comprido demais.
Miranda: Acaba por ser um pouco uma paródia do que é supostamente "a música das pessoas fixes", a brincadeira vem um bocado por aí. Se o que eu ouço é que é fixe, então, se estou a ouvir isto, também sou fixe. [risos] Era fixe que houvesse por aí muitos *"cool kids"*.

STEVE VAI



O CHAMADO DA HYDRA

Com mais de 40 anos de uma carreira em que começou como guitarrista de Frank Zappa e que se afirmou, mais tarde, num brilhante percurso a solo, STEVE VAI vai ousando desafiar a noção tradicional de tocar guitarra e de composição. «Inviolate» é o décimo disco a solo do músico que continua a esticar as fronteiras musicais e que para este trabalho construiu uma guitarra única. Para conversar sobre a Hydra – a tal guitarra, mas que é bem mais que "apenas" um instrumento – e sobre o cavaquinho, que sim, também foi usado neste disco, entre muitas outras coisas, a LOUD! falou em exclusivo com Vai para tentar descobrir o que está por detrás deste génio criativo.

JORGE BOTAS LARRY DIMARZIO

Foste operado ao ombro no ano passado, já estás totalmente recuperado?
Foi em Dezembro do ano passado, sim, tinha três tendões rasgados. Fui operado e eles sararam muito bem, sem problemas. Na verdade gravei o «Inviolate» já depois da operação. Infelizmente, no Verão, rasguei outro tendão e estou a tentar ver se consigo seguir a minha vida com toda a força. Sinto-me optimista.

Antes de começarmos a falar dos temas do disco, gostávamos de saber mais sobre a Hydra que, segundo o *press release*, é muito mais que só uma guitarra...
Sempre gostei da ideia de ter múltiplos braços na guitarra. Lembro-me de que, quando era miúdo, uma das primeiras guitarras que comprei com o meu próprio dinheiro – que poupei a lavar pratos – foi uma guitarra de braço duplo da Ibanez... Na verdade, era chamada Ventura. Ao longo dos anos, sempre tive esse fascínio, e tive várias guitarras de braço duplo e triplo, mas nunca as usei da forma que imaginava... como um instrumento único, ao invés de pensar que vou tocar neste braço e depois no outro, percebes? Sempre quis criar uma peça musical onde pudesse usar uma guitarra de múltiplos braços de forma integrada com a canção. Há cinco anos estava a ver o filme «Mad Max», e numa das cenas, no deserto, está um indivíduo preso à frente de um camião a tocar guitarra... Pensei logo, "*porra, que grande cena!*" Mas é um filme! É falso. E pensei logo a seguir: "*vou fazer isso como deve ser!*" Naquele momento, tive uma ideia para uma espécie de guitarra que queria construir e que pudesse usar para compor uma canção. A ideia era ter uma guitarra com um braço de doze cordas com metade sem trastos. Um braço de sete cordas. Um braço de baixo de 3/4 polegadas com duas cordas sem trastos, e depois ter também umas cordas de harpa. Não sabia bem como seria o *design*, mas na altura gostava muita da moda *steampunk*. Arranjei uns exemplos e enviei para a Ibanez, juntamente com a minha ideia. Passado algum tempo, eles enviaram uma representação da Hydra, e nem conseguia acreditar no que estava a ver. Ainda questionei se iam mesmo construir aquilo, e fiquei tão entusiasmado que eles deitaram fora tudo o que era convencional. Porque podem ser muito conservadores... mas ao mesmo tempo ficaram tão entusiasmados quando começaram a construir esta guitarra! Acho que demorou três anos de avanços e recuos até fazerem um protótipo, e pude ficar com ele. Finalmente quando recebi a guitarra em casa e abri a caixa, nem queria acreditar! Foi incrível e intimidante ao mesmo tempo, porque sabia que tinha que escrever esta peça musical com esta guitarra... Eles construíram-na com muito carinho e cuidado e ainda adicionaram mais umas coisas das quais só me apercebi quando abri a caixa. Por exemplo, toda uma secção de sintetizadores... Eu pedi certas coisas, mas não sabia se eles iriam conseguir encaixar tudo. Ao início queria colocar uns escapes que largassem muito fumo! [risos] Isto é teatro! Eu sou um *entertainer*! [risos] A rendição original tem esses escapes, mas foram feitos à parte, por isso não sei se vamos construir alguma Hydra com eles. Coloquei a guitarra no meu estúdio e passei por ela todos os dias durante um ano, sabendo que tinha de escrever esta canção. Não sabia como seria, mas tinha uma ideia visual de como ela iria funcionar. A canção precisava de soar como uma peça de música e não como uma novidade ou *gimmick*. Mesmo antes do facto de ter que tocar numa guitarra de múltiplos braços, sabia que a canção que tinha de escrever tinha de ter, antes de tudo, uma boa melodia. Se não tens uma boa melodia, a canção não tem poder para se aguentar. Sabia que a melodia tinha de ser linear e era nesse ponto que residia o grande desafio. Porque quando ouves a «Teeth Of The Hydra», todo o baixo, as sete cordas, as doze cordas, o som da harpa, é tudo da Hydra. Gravei esse tema em partes. Sentei-me com a guitarra e reservei seis semanas... e só pensava, porque raio tinha tido aquela ideia! Comecei a ter muitas dúvidas e achava que não tinha capacidade para a tocar... Mas as vozes na minha cabeça diziam para estar calado e colocar mãos à obra, porque eu era capaz de fazer aquilo. Quando sabes que és capaz de fazer alguma coisa, se deres tempo à coisa e começares a trabalhar, a certa altura o impossível já não parece tão impossível. Sentei-me e comecei a juntar a canção secção por secção. E fiquei bastante satisfeito com o resultado final, porque soa como uma peça de música isolada, de que podes gostar sem perceber como foi feita... [risos]"

Uma das coisas admiráveis em ti é o estilo pouco convencional de fazer música, porque não segues aquele padrão rock'n'roll. Estás sempre à procura de novos sons e de novas ideias para fazer as coisas resultarem. Continuas à procura do som perfeito, do tom perfeito? Achas que alguma vez vais conseguir lá chegar ou é essa a parte interessante de ser músico, a constante procura de coisas novas...
É como um paradoxo! Tu nunca alcanças, mas estás sempre a alcançar. O que quero dizer é que cada artista, ou qualquer pessoa, quando está focada em algo que quer muito, sente o interesse a evoluir sem nunca chegar lá realmente. E isso são muito boas notícias! Porque quando estás a ser criativo, num certo momento, estás a fazer o melhor que podes, isso é indiscutível, independentemente de alguém dizer que podes fazer isto, aquilo ou aqueloutro. Podes fazer melhor mais tarde, ou fizeste melhor antes, em qualquer circunstância estás sempre a melhorar, ao evoluir no teu ofício. O que estás a criar naquele momento, está completo num certo sentido. Quando acabo uma canção, está completa. Está feito. Tem o melhor tom que podia ter encontrado para aquela canção, naquele momento. Eu cheguei àquele tempo, mas terminei? Não! Porque há sempre a próxima canção. É um belo processo que nunca acaba. A única coisa que fode isso tudo, é a tua perspectiva das coisas que estão erradas nela. [risos] E não falo das criações artísticas que nós usamos quando estamos a construir algo. Refiro-me à desnecessária voz que te atormenta mentalmente, que continua a dizer-te que não vales nada, que és fraco, que não vai resultar e cenas do género. Essa é a tua maior dificuldade. O que eu faço, e é um pouco difícil de explicar, quando

"Uma das primeiras guitarras que comprei com o meu próprio dinheiro – que poupei a lavar pratos – foi uma guitarra de braço duplo da Ibanez."

estás inspirado por uma ideia para fazer algo – e isto serve para todos – a ideia chega-te num *flash*. Como a ideia da Hydra, ou para a canção «Knappsack», foram inspirações que apareceram como visões. Também chega com um sentimento de entusiasmo... Quando tive a ideia para a Hydra, foi um fluir de surpresas, porque comecei logo a pensar em três braços para a guitarra, doze cordas... e quando tive a ideia toda, tinha de a fazer e sabia que era possível. Não era uma fantasia, foi uma ideia inspiradora e sabia que, se desse tempo, seria capaz de alcançar o objectivo. Se fosse uma fantasia, haveria sempre resistências. Por exemplo, se eu disser que vou vencer Wimbledon... Não, não vais, Steve Vai! [risos] Sim, sim, vou... eu consigo! Claro que não vais! É uma fantasia impraticável como objectivo. Mas a Hydra, não! É real! E refiro-me à Hydra, como podia referir-me à melodia da canção «Apollo In Color» ou a qualquer coisa que nós façamos. Quando encontras essa inspiração que te faz sentir bem, sem resistências, quer dizer que tu és inspirado pelo universo com uma ideia feita à tua medida.

Tens boa capacidade de edição? Quando escreves uma canção e estás cheio de ideias, sabes quando tens tudo o que precisas para escrever, sem adicionar sons desnecessários?
Bem... Sou bom a saber se aquilo que estou à procura resulta. Quando encontro algo... Por exemplo, quando vou escrever uma canção, posso colocar certos parâmetros. Quero usar esta banda, vou usar aquela guitarra, vou usar esta orquestra. O que quer que seja com que tenha que trabalhar para alcançar o objectivo. Durante esse processo, estou constantemente a tomar decisões. Sei o que é isso quando estou a escrever, a tocar, a escrever uma peça musical... Sei o que está a resultar e o que não está. É um constante processo criativo e é para isso que cá estamos, para tomar estas decisões pessoais durante esse processo criativo para trazer para fora algo que reflecte a nossa criatividade. É isso que faço. Se tiveres uma mente aberta quando estás a criar, sabes o que é bom e sabes quando está terminado e que

foi o melhor que pudeste fazer. Nessa altura, estás pronto para a próxima.

Há quem pense que uma música de dez minutos é muita longa, mas quando um artista cria uma peça de dez minutos, é porque tinha essa ideia em mente. Nunca questiono a duração de uma canção.
O engraçado é que se alguém diz que esses dez minutos são muito longos e afirma como um facto, um dado adquirido, porque eles assim o entendem e deve ser lei... Dizer que um jogador de hóquei no gelo, quando remata o *puck* com demasiada força e falha a baliza, que esse remate foi muito longo, isso é um facto. Com uma canção, quem é que pode justificar o quê? Música é arte! A única pessoa que precisa de decidir a duração apropriada da canção, é quem a está a escrever. Depois o mundo pode gostar ou não. É por isso que os críticos são umas criaturas interessantes. [risos]

"A única pessoa que precisa de decidir a duração apropriada da canção, é quem a está a escrever. Depois o mundo pode gostar ou não."

Às vezes tenho dificuldade quando chega o momento de expressar em palavras o que sinto ao ouvir música. Admiro as pessoas que conseguem pôr em palavras o que sentem quando ouvem um disco, mas eu tenho dificuldade.
Concordo com o que estás a dizer. Li muitas críticas ao longo dos anos – e dou entrevistas há 41 anos – e já li de tudo um pouco. Agora, já nem leio as minhas próprias entrevistas. [risos] O que percebi ao longo da minha carreira, é que um bom jornalista musical é uma pessoa que realmente gosta da música – e conheço alguns – e que não a está a criticar quando ouve, está a criticar em linha com a sua compreensão do artista, da carreira do artista, do seu conhecimento quando o artista teve o seu ponto alto e baixo, qual era o seu foco e qual era o seu potencial. Por isso, um bom crítico ouve e tem todos os pontos anteriores em mente e dá a sua leitura – nem é a sua opinião – sobre o artista do ponto de vista de onde ele vem e onde quer ir. Encontrei boas orientações em alguns críticos do meu trabalho. Porque eles sabem o que eu faço. Sabem quando atinjo um ponto. Sabem quando fico um pouco aquém. Ouvem o disco e eu estou

interessado no que eles têm a dizer, porque normalmente têm razão e apanham coisas que me escaparam. Não porque ache que tenham razão ou não, mas... um bom critico pode dar que pensar a um músico. Já um mau crítico, junta adjectivos para dar uma falsa sensação de superioridade ao tentar desmantelar a carreira de outra pessoa. Eu evito isso e tu consegues reconhecer isso quando lês um crítico que não é uma pessoa feliz. [risos]

Já falaste da «Apollo In Color» e é uma canção onde usas vários instrumentos acústicos, incluindo um cavaquinho que é uma criação portuguesa. Como decidiste usar tantos instrumentos acústicos nesse tema. Tinhas os instrumentos no sótão e achaste boa altura para os usar? [risos]
Eles estão todos no meu estúdio, pendurados na parede. Adoro coleccionar pequenos instrumentos de cordas e cenas exóticas. Como viajo pelo mundo, tenho oportunidade de encontrar estes instrumentos. Na verdade, não os consigo tocar bem. São pequenas bestas! É difícil mantê-los afinados, de encaixar os dedos. Cada um é afinado de forma diferente. Não tenciono afirmar que sou bom a tocar estes pequenos instrumentos, mas são divertidos. Por isso, nesta música decidi adicionar a cor destes dez ou onze instrumentos em forma de uma nota isolada de cada um, para criar e suportar várias estruturas harmónicas. O cavaquinho é um dos meus preferidos porque perfura. A sua construção, comparada com um mandolim ou *ukulele*... esses instrumentos têm um som e um tom, mas o cavaquinho tem um tom mais perfurante devido à sua construção, à forma como o corpo e o braço são feitos e ao seu tamanho. É um som mais identificável e redondo. Por isso, meti todos estes instrumentos na música «Apollo In Color» para divertimento puro. Foi porreiro e resultou.

Um dos teus temas mais conhecidos, é o «For The Love of God». Assim que começas a tocá-lo ao vivo, o público reage de imediato – até fico arrepiado só de pensar...
Eu fico arrepiado quando o toco...

Mas, quando o estavas a escrever, quando tiveste aquela melodia inicial, percebeste logo que tinhas um tema do caraças em mãos?
Não... ou sim... mas não se sabe! Não acho que o meu processo seja diferente da maior parte dos músicos que quando se senta e começa a tocar algo, perceba logo quando tem algo surpreendente. Lembro-me que estava em estúdio a gravar uma coisa e levantei-me para sair da sala e havia uma guitarra acústica encostada ao sofá. Algo me disse para pegar no gravador – na altura gravava em cassetes – e começar a gravar e tocar. Peguei na guitarra e comecei a cantar a melodia da música, e percebi que havia algo ali. Quando percebes que há algo, tens que te deixar levar para onde a canção precisa de ir. O meu ouvido foi-me levando naquela melodia, porque me dizia que era isso que queria ouvir. Sabia a sequência das notas e acordes e sabia que não tinha de voltar ao Fá mas, não estou a pensar nisso, estou a pensar onde é que o meu ouvido me quer levar. Tenho de procurar... [NR: nesta altura o Steve Vai pega na guitarra acústica e dedilha acordes enquanto canta a melodia principal do tema] e quando faço isso, percebi que havia ali algo. Gravei só aquele início de acordes e notas e ficou na prateleira durante dez anos! Estava a incubar na minha mente. Numa noite, estava a gravar o «Passion & Warfare» e encontrei esse *clip*, com aquele bocadinho, mas sabia que havia ali uma energia e, mais tarde, acabei por gravar toda a música. Não sabia que era uma música do caraças. Não há forma de saber, mas tinha aquela sensação que tenho habitualmente quando acabo de gravar qualquer música. Como sabes que é algo de especial? Tens de gostar quando escreves! [risos] Nunca se sabe o que vai acontecer. Quando terminei a gravação da «For The Love Of God», houve ali um momento em que quase não a coloquei no disco. Porque pensava que era demasiado. Alguém me disse que era demasiado longa, e é muito, é um pouco "masturbatória" e parece que me estou a exibir. Por isso, pensei nisso um segundo e – na altura estava a ser arrasado pela imprensa – no último segundo, disse: "*que se foda! Gosto da música, vou metê-la no disco*". [risos]

"Como sabes que é algo de especial? Tens de gostar quando escreves! Nunca se sabe o que vai acontecer."

SEIS HOMENS, MIL LAGOS, 31 ANOS

Foram uma das primeiras bandas que ajudaram a pôr a Finlândia, país que é hoje dos mais importantes para o estilo, no mapa do metal, e 31 anos depois do seu "nascimento" continuam em forma, com a mesma energia, criatividade e relevância que sempre lhes foram reconhecidos. Falamos dos AMORPHIS, o histórico sexteto de Helsínquia, que tem agora pronto para partilhar connosco – depois do "cheirinho" que demos no Studio Report da passada edição – o seu novo álbum, «Halo», o 14.º de uma carreira brilhantemente preenchida, que prossegue agora na Atomic Fire Records, uma espécie de sucessora da Nuclear Blast. Conversámos com o guitarrista e principal compositor Esa Holopainen, que revelou a simpatia e disponibilidade do costume, e ainda partilhou boas notícias para quem gostou da sua "aventura" com o projecto Silver Lake.

JOSÉ CARLOS SANTOS SAM JAMSEN

Tanto tempo ao comando da mesma banda, tantos álbuns, tantos quilómetros de estrada… e aqui estás tu, sempre com o mesmo entusiasmo de sempre.
É verdade. Já estou habituado a isto tudo, de certa forma, mas a excitação quando terminamos uma sessão de gravação, quando sabemos que vai ser altura de começar a falar sobre os temas, quando as pessoas começam a ouvi-los e a dar *feedback*… essa é sempre a mesma, não muda, por mais vezes que repitamos o processo. Acho que parte da razão pela qual isso acontece é que passamos muito tempo ligados a esta música, a desenvolvê-la em conjunto, também com o produtor. É um processo sempre longo, dura mais ou menos um ano até termos tudo pronto, e é inevitável que algo que demora esse tempo a concluir se torne em algo pessoalmente importante para nós. Por isso de cada vez que acontece, os sentimentos são os mesmos. Incluindo o alívio quando está terminado. [risos]

Este «Halo» parece ser um pouquinho mais agressivo do que os vossos álbuns mais recentes – gosto particularmente daquela entrada a pés juntos com a «Northward», mesmo ao jeito de enviar uma mensagem! Também tens essa perspectiva, terá sido uma espécie de reacção?
Por acaso concordo contigo, mas não é algo que previmos que fosse acontecer. Mas realmente o resultado final é bastante mais agressivo, e a música no geral é um pouco mais "despida" do que a dos dois últimos álbuns, o «Under The Red Cloud» e o «Queen Of Time», pelo menos. Acho que fomos por um caminho mais bombástico, mais orquestral, com os arranjos que tivemos nesses discos. E também os há no «Halo», mas de uma forma menos grandiosa, acho. Fiquei bastante surpreendido quando ouvi as faixas de voz, confesso. A prestação do Tomi [Joutsen, vocalista] é sem dúvida bastante feroz. Menos teclados do que eu esperaria, ocasionalmente, também. É tudo bastante mais *guitar-driven*. Apesar de todos os elementos familiares aos Amorphis que temos neste álbum – acho que se percebe bem que somos nós –, a *vibe* geral é muito mais agreste. Terá tido a ver com a aproximação que o nosso produtor achou a mais adequada.

Falando no Jens Bogren, é realmente invulgar, especialmente para uma banda da vossa dimensão, a liberdade que delegam para o vosso produtor. Conforme nos confessaram no Studio Report da passada edição, é ele que escolhe os temas que ficam no álbum, e até a ordem final dos mesmos. É preciso alguma confiança, não é?
É sim, mas estamos muito satisfeitos. É por isso que gostamos de trabalhar com o Jens, e por isso é que o contratámos. Achámos que alguém tinha que ser o líder da alcateia, e não seria boa ideia, no nosso caso, ser um de nós, membros da banda. Somos seis tipos que odeiam a ideia de compromisso, seja a fazer música ou a escolher temas. Para nós é um descanso ser outra pessoa a tomar essas decisões. Assim podemo-nos focar na música sem qualquer perturbação à volta, sem estar a pensar no que é que vamos ter que fazer depois disso. Gostamos que seja o produtor a ter essas decisões finais. Para além disso, apesar de sermos nós a escrever a música, acho que o Jens é quem está mais dentro deles, no sentido de que é ele que trabalha individualmente com cada um de nós durante a gravação, tem que conhecer intimamente todas as partes de todos os músicos, por isso será quem tem uma melhor visão global onde se basear para tomar essas decisões.

É uma libertação para vocês enquanto músicos, no final de contas?
Sim! É exactamente assim que defino esta relação. Acho que não há muitas bandas onde todas essas decisões sejam tomadas só por uma pessoa, e que o resto da banda fique satisfeita em todos os momentos. Talvez os Nightwish sejam a única que conheço que funciona assim – o Tuomas [NR: Holopainen também, mas *no relation*] é quem faz tudo sozinho, desde o primeiro dia até o álbum estar concluído. Mas nas bandas "normais", onde há democracia e se ouve a opinião de toda a gente, estas tarefas são muito complicadas e chegar a um consenso que agrade todos não beneficia necessariamente a música e o resultado final do álbum.

"A fase da banda onde me tenho divertido mais e que me tem dado mais prazer até é mesmo esta mais recente. Estes últimos dez anos, por aí. Talvez seja algo que vem com a idade."

É o vosso primeiro registo que é totalmente um "bebé da pandemia". Mudou alguma coisa na vossa forma de trabalhar?
Não muito, sinceramente. Já antes íamos enviando ficheiros uns aos outros, temos um Google Drive da banda onde deixamos ideias para todos os outros ouvirem, comentarem e desenvolverem, e vamos fazendo *demos* assim. Depois enviamos tudo ao Jens, e ele começa a ter uma ideia geral do que vai ser o álbum e começa a fazer escolhas. A diferença fundamental é que o Jens costuma estar connosco durante a pré-produção, e desta vez não teve oportunidade de viajar da Suécia e fizemo-lo remotamente. Correu bem, sinceramente, não foi uma diferença enorme. Nas gravações também trabalhámos de forma remota, o Jens esteve sempre envolvido mesmo sem ser fisicamente, e eu acabei por ser o único que foi à Suécia para gravar. Na Primavera consegui passar lá um par de semanas e gravei as guitarras com o Jens. Foi só uma questão de reorganizar e agendar coisas de outra forma, não afectou a criatividade de forma nenhuma.

Olha, tenho que te dizer que adorei o álbum do teu projecto Silver Lake.
A sério? *Okay*, boas notícias! [risos]

Achas que algum elemento desse projecto, que foi algo bem diferente do universo Amorphis, terá tido efeito em ti como compositor? E achas que isso se ouve no «Halo»?
Hmmm, não tinha pensado nisso. Mas é bem possível, sim. Pode ter-se reflectido algo nas sessões dos Amorphis. Até porque não tive pausa nenhuma entre as duas coisas – assim que terminei as gravações do Silver Lake, comecei imediatamente a escrever música para os Amorphis. Sentia-me bastante inspirado, sem qualquer bloqueio, e isso pode ter a ver com o trabalho desenvolvido para Silver Lake. Tive a oportunidade de deixar nesse trabalho várias emoções e ambições pessoais que não usaria necessariamente nos Amorphis, e é natural que tenha trazido algo daí para o universo da banda. Porque apesar de, como falámos antes, o «Halo» ter bastantes mais partes agressivas, também tem muitos momentos melódicos e frágeis.

Não se tornou mais difícil escrever música para os Amorphis, com o passar do tempo? Com centenas de temas escritos, nunca te sentes sem ideias às vezes?
É raro. E com o tempo, até acho o contrário. Enfim, não diria que se tornou mais fácil a composição propriamente dita, mas é mais natural. E pelo menos os arranjos são mais fáceis de fazer, também. O objectivo continua a ser o mesmo – exprimir as nossas emoções e partilhá-las com os nossos fãs. Sem pensar no que estamos a fazer de forma muito mais profunda que isso. Foi assim que começámos, e tem-nos servido bem. Há que dizer que a fase da banda onde me tenho divertido mais e que me tem dado mais prazer até é mesmo esta mais recente. Estes últimos dez anos, por aí. Talvez seja algo que vem com a idade, e sei que o resto da malta da banda também pensa assim. Temos mais certezas do que fazemos, temos uma melhor noção do que somos capazes de fazer e de como somos capazes de soar. Isso reflecte-se nos álbuns que temos feito, e até mesmo na maturidade das relações que

temos com as pessoas – esta questão que discutimos sobre o Jens Bogren, por exemplo.

É também mais ou menos nesse período que começaram outra relação importante, com o Pekka Kainulainen, nas letras e nos conceitos. Mais uma vez, como no que acontece com o Jens Borgen, é uma "delegação" pouco vulgar, ter um letrista exterior à banda, mas que vos tem servido lindamente. Como é que funciona essa relação?

É uma forma invulgar de trabalhar, também concordo. [risos] Mas os resultados é que contam, e acho que o sucesso tem sido óbvio. A ideia inicial do conceito tem partido sempre dele, e quando ele tem algo em concreto reunimo-nos para falar sobre isso. Normalmente também fala especi-

"Ainda hoje me surpreendo com a forma como algumas letras casam tão perfeitamente com a música. Temos muito orgulho nesse trabalho."

ficamente com o Tomi, já que é ele que as vai cantar, e quando temos então um conceito definido, é quando começamos a escrever, já com essa temática em mente. A tarefa maior deste elemento é mesmo o arranjo das letras para a música, e a tradução, porque queremos mesmo que não se perca nada do sentido da letra original em finlandês. É uma das tarefas de maior responsabilidade, e costuma demorar algum tempo. Ainda hoje me surpreendo com a forma como algumas letras casam tão perfeitamente com a música. Temos muito orgulho nesse trabalho, porque percebemos que é uma combinação extraordinária quando vemos tudo concluído.

Já nem vale a pena fazer grandes previsões em relação ao futuro próximo nesta altura, mas que planos tens nesta altura para esta fase após o lançamento do álbum?
É uma boa pergunta! [risos] Nesta altura, é mesmo a pergunta mais complicada de responder. Mas não temos outra hipótese que não seja fazer planos como se nada se passasse, esperando que a normalidade vá voltando aos poucos. Temos uma digressão fantástica marcada para Abril, nos Estados Unidos, que gostava mesmo muito que acontecesse, e depois gostaríamos de fazer o circuito habitual dos festivais de Verão, para no Outono nos dedicarmos aos concertos pela Europa fora. Este é o plano original, mas não sabemos o que o vírus nos vai permitir fazer. Pessoalmente, esperaria que com o aumento do número de pessoas vacinadas, isto se começasse a desvanecer um pouco, que já fosse mais fácil viajar e atravessar fronteiras e tudo o mais, mas… basta olhar para as notícias para perceber que o presente não é nada assim. Parece que está tudo a piorar! Não sei, e acho que ninguém sabe, o que vai acontecer. Se chegar a Primavera e percebermos que vai ser impossível irmos para a estrada, acho que vamos escrever mais música e tentar manter as nossas cabeças no sítio, de alguma forma.

"Se chegar a Primavera e percebermos que vai ser impossível irmos para a estrada, acho que vamos escrever mais música e tentar manter as nossas cabeças no sítio, de alguma forma."

E Silver Lake, terá continuidade?
Sim, sem dúvida! Aliás, até já comecei a escrever um bocadinho para um eventual lançamento futuro. Já falei com o meu produtor, já temos algumas ideias. Não quero dar muita pressa, acho que é um projecto que precisa de ter algum espaço para respirar, mas tenho muitas ideias. A certa altura terei que decidir tirar algum tempo para trabalhar nisso, porque ainda assim é algo que requer alguma dedicação. Talvez aproveite aquele tempinho livre que temos sempre que acaba o ciclo promocional dos Amorphis. Silver Lake é algo que se tornou bastante importante para mim, sinto que me dá algum equilíbrio, e gosto bastante da forma como resultou o primeiro álbum, por isso é definitivamente algo que vou manter presente.

TOPS **LOUD!** 2021

Mais um ano pandémico que atravessámos, e mesmo com uma maior abertura do que no terrível 2020, continuamos severamente limitados em termos de concertos e festivais. Apesar de algum optimismo que nos atrevemos a ter ali a certa altura, as últimas notícias e desenvolvimentos voltam a não ser animadores, e pelo menos parte de 2022 vai continuar a ser "esquisito". No meio disto tudo, a vida e a música têm que continuar de alguma forma, e felizmente muitas das nossas bandas favoritas continuam estoicamente a existir, a trabalhar, a criar e a dar-nos razões para acreditar que isto tudo vai passar de alguma forma. As listas de melhores álbuns do ano, como habitualmente resultado da votação de toda a redacção e família LOUD!, foram desta vez, em parte, um reflexo do semi-isolamento que continuamos a viver – listas individuais muito diferentes, muito heterogéneas, como se cada um estivesse ainda mais metido no seu buraquinho individual (e estamos, lá está), mas com alguns nomes fortes a aparecerem como omnipresentes. Exemplo maior, claro, os eternos Iron Maiden, que com «Senjutsu», o 17.º álbum de estúdio da sua longa carreira, varreram a votação internacional sem dó nem piedade. Na lista nacional, uma situação parecida, mas com uma besta de duas cabeças a tomar esse papel de unanimidade – a luta entre os Redemptus e os Moonspell pelo título de nacional álbum do ano foi até ao último voto, com o *power trio* liderado por Paulo Rui a tomar finalmente a dianteira neste saudável confronto emblemático entre o *new* e o *old school* do metal luso. No final de contas, 118 bandas internacionais e 48 nacionais a receberem votos, e a certeza de que, aconteça o que acontecer, a música pesada estará sempre connosco para nos salvar do que o resto do mundo arranjar para nos mandar abaixo. Seguimos unidos!

INTERNACIONAL

ÁLBUM DO ANO

IRON MAIDEN

«Senjutsu»

[PARLOPHONE]

Inegavelmente, «Senjutsu» foi o álbum de (heavy) metal de 2021. Apesar das orientações progressivas que a banda tem vindo a seguir há já décadas (nomeadamente a partir do «X-Factor») terem sido motivo da perda de interesse por alguns dos fãs que continuam presos à década de 80, este trabalho ambicioso segue as pisadas do anterior, «The Book Of Souls», mas consegue uma efectividade que parecia improvável. E o engraçado é que lhes podemos apontar algumas falhas, como os teclados minimalistas, a toada mais lenta, mas ainda assim os pontos fortes continuam a falar mais alto. Continuamos a querer voltar a ele, vezes sem conta, sem cansaço a acusar a cada audição. Os céptico poderão sempre dizer que não se compara aos seus tempos áureos - no entanto, seria preocupante se tentassem seguir algo nessa linha, não? Quando já se contam os anos para a reforma que virá natural e inevitavelmente, é espantoso encontrar tal fulgor criativo numa banda que não tem já nada a provar. Mais incrível ainda é pensar que o álbum esteve guardado num cofre dois anos sem que ninguém lhe pudesse tocar. Seja como for, os Maiden provaram que os nossos ídolos poderão estar a desaparecer lentamente mas ainda assim continuam a trazer a magia de outrora. **[F.F.]**

WOLVES IN THE THRONE ROOM

2

«Primordial Arcana»

[CENTURY MEDIA]

No visualizador para «Spirit Of Lightning», um rio corre junto ao crânio de um veado, ornamentado. O quadro descreve perfeitamente a música aqui contida. Sempre fluindo, como o rio, ostenta nela algo orgânico, tão belo, como macabro. Aaron e Nathan Weaver, junto com Kody Keyworth, entregam aqui sete temas, ora atmosféricos, ora brutais. Os guturais de «Underworld Aurora», por exemplo,

remontam ao mais cru do black metal, mas a melodia do tema consegue ser relaxante, mesmo hipnotizante. Perto das duas décadas de existência, o trio embarca num disco quase perfeito e também um dos melhores da carreira. Ritualístico, «Primordial Arcana» mistura momentos extremos com delicados acústicos, num equilíbrio bem medido, sempre fluente, tal como as águas do rio de «Spirit Of Lightning». **[E.F.]**

MASTODON

3

«Hushed And Grim»

[REPRISE / WARNER]

A última década de lançamentos dos Mastodon viu a banda de Atlanta a direccionar as suas composições para águas cada vez mais exploratórias musicalmente. Além disso, todos os álbuns que gravaram desde a explosiva estreia com «Remission», que já vai celebrar duas décadas este ano, têm-se afirmado como passeios por caminhos sinuosos de voltas e reviravoltas, experiências de escuta do início ao fim, discos que exigem tempo numa altura em que o espectro de atenção das pessoas está cada vez mais reduzido. Pois bem, entre a morte do empresário de longa data, Nick John, e a pandemia, os Mastodon voltaram aos discos com «Hushed And Grim» e assinaram mais um registo intocável, emocionalmente muito pesado, que precisa de total atenção para se revelar em pleno. No final, o que temos é um álbum cheio de altos e baixos, mas conduzido de forma segura a cada curva que é traçada na estrada à frente deles. **[J.M.R.]**

THE BODY

4

«I've Seen All I Need To See»

[THRILL JOCKEY]

Haverá banda mais relevante para a música extrema contemporânea que os The Body? Só nos últimos cinco anos o duo norte-americano assinou o disco de pop mais pesado e nojento de que nos lembramos em «No One Deserves Happiness», um visceral monumento de peso electrónico em «I Have Fought Against It, But I Can't Any Longer.», duas fascinantes colaborações tanto com Full Of Hell e Uniform, outra com MSC, e outra ainda com Big | Brave, no lindíssimo «Leaving None But Small Birds». Pelo caminho, nunca se esqueceram da génese da banda, na guitarra e dilacerante voz de Chip King e na bateria de Lee Buford. Estes foram isolados e juntamente com a amplificação levados ao maior extremo da carreira no brilhante «I've Seen All I Need To See», pelo que a resposta provável à pergunta inicial é mesmo não. **[L.P.]**

TURNSTILE

5

«GLOW ON»

[ROADRUNNER]

Se há banda que se adaptou e moldou às adversidades que surgiram nos últimos meses são os Turnstile. «GLOW ON» é uma pedrada no charco, um agitar de águas e uma abordagem nova a um estilo que está a comemorar quatro décadas. Se no final dos anos 90 tivemos os Refused a mostrar-nos "The Shape Of Punk To Come", os Turnstile fazem o mesmo em 2021. *Groove*, partes rápidas, sing along e *mosh,* está aqui tudo, até uma balada romântica. Acabam o ano (que só não foi perfeito para a banda com a falta de mais *tours*) com a participação ao vivo na TV no «Late Night with Seth Meyers». **[D.R.]**

TOPS INDIVIDUAIS

CÁTIA NÓBREGA

INTERNACIONAL

01. Low – «HEY WHAT»
02. :Of The Wand And The Moon: – «Your Love Can´t Hold This Wreath Of Sorrow»
03. King Woman – «Celestial Blues»
04. The Body – «I´ve Seen All I Need To See»
05. The Body and BIG|BRAVE – «Leaving None But Small Birds»

NACIONAL

01. 10 000 Russos – «Superinertia»
02. Cavernancia – «em ciano»
03. Saturnia – «Stranded In The Green»
04. Nagasaki Sunrise – «Distalgia»
05. Sepulcros – «Vazio»

DAVID ROSADO

INTERNACIONAL

01. Turnstile – «Glow On»
02. Ekulu – «Unscrew My Head»
03. Fiddlehead – «Between The Richness»
04. One Step Closer – «This Place You Know»
05. The Dirty Nil – «Fuck Art»

NACIONAL

01. Viralata – «O Último Pôr Do Sol»
02. M.E.D.O. – «Monopólio Da Violência»
03. Prayers Of Sanity – «Doctrine Of Misanthropy»
04. Redemptus – «blackhearted»
05. Crab Monsters – «Piss Wizard»

DAVID SOARES

INTERNACIONAL

01. Iron Maiden – «Senjutsu»
02. Aenigmatum – «Deconsecrate»
03. Krallice – «Demonic Wealth»
04. Succumb – «XXI»
05. Diskord – «Degenerations»

NACIONAL

01. Sepulcros – «Vazio»
02. Fustilarian – «All This Promiscuous Decadence»
03. Hoofmark – «Evil Blues»
04. Alkimista – «Cinzas»
05. Monte Penumbra – «As Blades In The Firmament»

EMANUEL FERREIRA

INTERNACIONAL

01. Mastodon – «Hushed And Grim»
02. Wolves In The Throne Room – «Primordial Arcana»
03. Converge – «Bloodmoon: I»
04. Der Weg Einer Freiheit – «Noktvrn»
05. Iron Maiden – «Senjutsu»

NACIONAL

01. Redemptus – «blackhearted»
02. Nagasaki Sunrise – «Distalgia»
03. Existence:Void – «Anatman»
04. Concilium – «Desecration»
05. Hoofmark – «Evil Blues»

FERNANDO FERREIRA

INTERNACIONAL

01. Iron Maiden – «Senjutsu»
02. Helloween – «Helloween»
03. Cradle Of Filth – «Existence Is Futile»
04. Vulture – «Dealin' Death»
05. Cannibal Corpse – «Violence Unimagined»

NACIONAL

01. Animalesco, O Método – «Animalesco, O Método»
02. Miss Lava – «Doom Machine»
03. Moonspell – «Hermitage»
04. Prayers Of Sanity – «Doctrine Of Misanthropy»
05. Crab Monsters – «Piss Wizard»

JOAQUIM PEDRO

INTERNACIONAL

01. The Ruins Of Beverast – «The Thule Grimoires»
02. Cannibal Corpse – «Violence Unimagined»
03. At The Gates – «The Nightmare Of Being»
04. Carcass – «Torn Arteries»
05. Darkthrone – «Eternal Hails.....»

NACIONAL

01. Moonspell – «Hermitage»
02. Clockwork Boys – «Como Se Não Houvesse Amanhã»
03. Morte Incandescente – «Vala Comum»
04. Monte Penumbra – «As Blades In The Firmament»
05. Hoofmark – «Evil Blues»

CANNIBAL CORPSE

6

«Violence Unimagined»

[METAL BLADE]

Alguma incerteza poderia andar à volta do último álbum de originais dos Cannibal Corpse. Afinal, uma das suas peças fundamentais teve um *meltdown* mental e a banda manteve-se do seu lado o quanto foi possível. Para os concertos, a banda já podia contar com os préstimos de Erik Rutan, que também já era produtor dos trabalhos de estúdio dos norte-americanos, mas foi quando se confirmou a sua presença que se pôde respirar de alívio. Haverá nome mais forte e seguro para as guitarras de uma banda de death metal? Dificilmente. «Violence Unimagined» é um álbum que mostra o porquê da importância fundamental desta banda e por muito que tenhamos novas gerações dispostas a pegar na tocha, os mestres ainda são eles. Indiscutivelmente. **[F.F.]**

CARCASS

7

«Torn Arteries»

[NUCLEAR BLAST]

Nas últimas duas décadas, o regresso de muitos nomes obedeceu ao que se pode chamar a cartilha de Rick Rubin. Pegar em elementos que tornaram o grupo famoso, formatar os mesmos e servir com um toque de modernidade. Metallica, Black Sabbath, Judas Priest ou AC/DC foram apenas alguns dos que fizeram a plástica. Depois de abrirem um capítulo em nome próprio, na música, talvez fosse o momento de os Carcass fazerem também o seu *face lifting*. O resultado deixa cair o que restava de grind e traz um death metal com muito de classic metal atrás, em particular Judas Priest, seja na entrada de bateria da faixa-título, inspirada em «Painkiller», seja no ritmo de «Dance...» que remete para uma «Grinder». Quanto ao resto, apenas o reafirmar de algo já ensaiado desde «Swansong». **[E.F.]**

GENGHIS TRON

8

«Dream Weapon»

[RELAPSE]

Regressados em 2020, os quatro músicos misturam referências que acabam sempre vertidas na eletrónica. Quais Kraftwerk do metal, inovam ao inserir uma abordagem clássica, muito *seventies*, num campo, a electrónica, em que geralmente a referência é o industrial ou os *layers* sinfónicos do prog. Ao quarto álbum, e primeiro desta nova fase, o grupo surge mais melódico, mas nem por isso mais leve. Basta escutar a batida endurecida de «Pyrocene», ou a agressividade da faixa título, num industrial delicodoce. A diferença, no entanto, faz-se em «Alone In The Heart Of The Light», ou na viagem apoteótica de «Ritual Circle». «Single Black Point» é o minimalismo decorado com layers de sintetizadores, enquanto a batida de «Great Mother» fecha o álbum num clímax sonoro de paisagens de ficção científica. **[E.F.]**

CONVERGE

9

«Bloodmoon: I»

[EPITAPH / DEATHWISH INC]

Os Converge como nunca os ouvimos antes. Primeiro, porque se apresentam aqui com uma formação expandida, incorporando os enormes talentos de Chelsea Wolfe, de Ben Chisolm e de Steve Brodsky, dos Cave In. Depois porque, quando «Bloodmoon: I» começa com o som de notas de piano e uma cantoria distorcida do vocalista Jacob Bannon, percebe-se logo que estão num hemisfério diferente de qualquer outra coisa que tenham feito antes. Vejamos, o álbum definidor desta gente é o «Jane Doe», um visceral ataque aos sentidos que, vinte anos depois, continua a ser um dos registos mais desagradáveis de todos os tempos. Isto é um animal diferente. Sim, há espasmos de peso (como no início da «Viscera Of Man» ou na frenética «Lord Of Liars»), mas, na generalidade do disco, a fúria diminui para um rastejar sombrio, que sacrifica a velocidade por um golpe mais lento e melódico, mas igualmente pesado no conceito e na execução. **[J.M.R.]**

AT THE GATES

«The Nightmare Of Being»

[CENTURY MEDIA]

10

Pela primeira vez em muito tempo, os At The Gates não tinham nada a provar. Não que, para a sua legião de fiéis fãs, ainda sejam necessárias provas seja do que for, mas «The Nightmare Of Being» é o primeiro álbum em muito tempo que não é o "primeiro" de qualquer coisa. Não é o primeiro desde o regresso, não é o primeiro álbum sem não sei quem que saiu… não, é "só" um álbum dos At The Gates, e isso parece ter libertado ainda mais a criatividade das lendas de Gotemburgo, que assinaram assim (mais) um dos muitos pontos altos da carreira. Pegando no prog, no psicadelismo, no jazz e, claro, no seu death metal de base como ferramentas intercambiáveis para atingir um todo, fizeram de «The Nightmare Of Being» uma verdadeira afirmação de relevância como poucos outros da mesma idade conseguiriam. [J.C.S.]

NACIONAL

ÁLBUM DO ANO

REDEMPTUS

«blackhearted»

[REGULATOR]

Amiúde louvamos discos pelas inovações estilísticas neles contidas. O terceiro álbum dos Redemptus, «blackhearted», não é um deles. É louvável, e muito, não pelas inovações mas pela qualidade da composição e execução, belo tratamento dos temas, pela honestidade e visceralidade transversais aos seus 50 minutos de duração. Não há peso pelo peso, há peso quanto baste para transmitir fragilidade emocional sem lamechices ou machismos, há raiva e melancolia em equilíbrio suficiente para contrapor luz e sombras, amor e dor, vitalidade e empatia por aqueles para quem a morte se afigura como a única saída, com um judicioso uso de *samples* para enfatizar mensagens quando necessário («Purged By Light Engulfed By Darkness»). Afinal de contas, nada nos acorda como o sofrimento, como clamam na abertura do tratado de post metal que é a «Heads You Win Tails I lose». Há ainda espaço para o post-hardcore mais directo de «It Was Never Meant» ou para o arrastamento glacial de «Doomed To Crumble» e o seu delicioso chafurdar em *feedback*. Tudo isto, com o trio (agora com M.S. na guitarra) a revelar um superlativo conforto nas linguagens utilizadas, desta feita também com uns belos toques de noise rock nos procedimentos, o que no fundo é o critério fundamental para um grande disco e é de um desses que «blackhearted» se trata. [L.P.]

JOSÉ CARLOS SANTOS

INTERNACIONAIS

01. Emma Ruth Rundle – «Engine Of Hell»
02. Rudimentary Peni – «Great War»
03. Wolves In The Throne Room – «Primordial Arcana»
04. Dold Vorde Ens Navn – «Mørkere»
05. At The Gates – «The Nightmare Of Being»

NACIONAIS

01. Saturnia – «Stranded In The Green»
02. Metadevice – «Turba»
03. Hoofmark – «Evil Blues»
04. Sepulcros – «Vazio»
05. Cavernancia – «em ciano»

JOSÉ M. RODRIGUES

INTERNACIONAL

01. Alkerdeel – «Slonk»
02. Portrayal Of Guilt – «CHRISTFUCKER»
03. Gravesend – «Methods Of Human Disposal»
04. Converge – «Blood Moon: I»
05. At The Gates – «The Nightmare Of Being»

NACIONAL

01. Fustilarian – «All This Promiscuous Decadence»
02. Redemptus – «blackhearted»
03. Nagasaki Sunrise – «Distalgia»
04. Saturnia – «Stranded In The Green»
05. Junkbreed – «Music For Cool Kids»

JOSÉ RAPOSO

INTERNACIONAL

01. Nekromantheon – «Visions Of Trismegistos»
02. Gravesend – «Methods Of Human Disposal»
03. Sol Kia – «Zos Ethos »
04. Wolves In The Throne Room – «Primordial Arcana»
05. Wharflurch – «Psychedelic Realms Ov Hell»

NACIONAL

01. Redepmtus – «blackhearted»
02. Morte Incandescente – «Vala Comum»
03. Metadevice – «Turba»
04. Cavernancia – «em ciano»
05. Miss Lava – «Doom Machine»

LUÍS PIRES

INTERNACIONAL

01. The Body – «I've Seen All I Need To See»
02. LINGUA IGNOTA – «SINNER GET READY»
03. Iskandr – «Vergezicht»
04. Mystras – «Empires Vanquished And Dismantled»
05. Moor Mother – «Encyclopedia Of The Air»

NACIONAL

01. Metadevice – «Turba»
02. Slug – «The Gift Of Death»
03. Kara Konchar – «Goth Partisan»
04. Saturnia – «Stranded In The Green»
05. Redemptus – «blackhearted»

LUÍS RATTUS

INTERNACIONAL

01. Komintern Sect – «Des Jours Plus Durs Que D'Autres»
02. Trouble? – «Backs Against The Wall»
03. Antagonizers ATL – «Kings»
04. Iron Maiden – «Senjutsu»
05. Terror – «Trapped In A World»

NACIONAL

01. Moonspell – «Hermitage»
02. Crab Monsters – «Piss Wizard»
03. M.E.D.O. – «Monopólio Da Violência»
04. Nagasaki Sunrise – «Distalgia»
05. Cavernancia – «em ciano»

PEDRO ALMEIDA

INTERNACIONAL

01. Iron Maiden – «Senjutsu»
02. Carcass – «Torn Arteries»
03. Tribulation – «Where The Gloom Becomes Sound»
04. Pestilence – «E X | T | V M»
05. Negură Bunget – «Zău»

NACIONAL

01. Moonspell – «Hermitage»
02. Saturnia – «Stranded In The Green»
03. Morte Incandescente – «Vala Comum»
04. Prayers Of Sanity – «Doctrine Of Misanthropy»
05. Sepulcros – «Vazio»

PEDRO C. SILVA
INTERNACIONAL
01. Every Time I Die – «Radical»
02. Genghis Tron – «Dream Weapon»
03. Zao – «The Crimson Corridor»
04. Between The Buried And Me – «Colors II»
05. Turnstile – «GLOW ON»
NACIONAL
01. Redemptus – «blackhearted»
02. Pledge – «Haunted Visions»
03. Sepulcros – «Vazio»
04. Cavernancia – «em ciano»
05. Murro – «Misantropo»

PEDRO ROQUE
INTERNACIONAL
01. Low – «HEY WHAT»
02. The Body – «I've Seen All I Need To See»
03. Low Life – «From Squats To Lots: The Agony And XTC Of Low Life»
04. BIG | BRAVE – «VITAL»
05. Genghis Tron – «Dream Weapon»
NACIONAL
01. 10 000 Russos – «Superinertia»
02. Nukke – «No More Peace»
03. Metadevice – «Turba»
04. Sepulcros – «Vazio»
05. Murro – «Misantropo»

RICARDO AGOSTINHO
INTERNACIONAL
01. Iron Maiden – «Senjutsu»
02. Dordeduh – «Har»
03. The Ruins Of Beverast – «The Thule Grimoires»
04. Negură Bunget – «Zău»
05. Amenra– «De Doorn»
NACIONAL
01. Fustilarian – «All This Promiscuous Decadence»
02. Existence:Void – «Anatman»
03. 10 000 Russos – «Superinertia»
04. Sepulcros – «Vazio»
05. Moonspell – «Hermitage»

RICARDO "RICK THOR" CAMPOS
INTERNACIONAL
01. Asphyx – «Necroceros»
02. Nekromantheon – «Visions Of Trismegistos»
03. Significant Point – «Into The Storm»
04. Herzel – «Le Dernier Rempart»
05. Heavy Sentence – «Bang To Rights»
NACIONAL
01. Angriff – «Sodomy In The Convent»
02. Ruttenskalle – «Skin 'Em Alive»
03. Cães de Guerra – «Cabras, Cães & Leite de Bode»
04. Black Flare – «Black Flare»
05. Morte Incandescente – «Vala Comum»

RICARDO S. AMORIM
INTERNACIONAL
01. Cannibal Corpse – «Violence Unimagined»
02. Mastodon – «Hushed And Grim»
03. Iron Maiden – «Senjutsu»
04. Gojira – «Fortitude»
05. Årabrot – «Norwegian Gothic»
NACIONAL
01. Moonspell – «Hermitage»
02. Ruttenskale – «Skin'em Alive»
03. Murro – «Misantropo»
04. Black Hill Cove – «Broken»
05. Decayed – «Old Ghosts And Primeval Demons»

SÓNIA FERREIRA
INTERNACIONAL
01. Iron Maiden – «Senjutsu»
02. Vulture – «Dealin' Death»
03. Powerwolf – «Call Of The Wild»
04. Helloween – «Helloween»
05. Rise Against – «The Numbers»
NACIONAL
01. Moonspell – «Hermitage»
02. Prayers Of Sanity – «Doctrine Of Misanthropy»
03. M.E.D.O. – «Monopólio Da Violência»
04. All Against – «I Am Alive»
05. Murro – «Misantropo»

MOONSPELL

2

«Hermitage»

[NAPALM]

Já estamos habituados a esperar o inesperado por parte dos Moonspell, embora tenhamos de confessar que um álbum de orientação mais progressiva não estava no nosso espectro imaginário. Tanto melhor. Esta inconformidade criativa só mostra que apesar de 30 anos de carreira, a banda portuguesa ainda tem muito caminho que quer percorrer e que está constantemente à espera de novos desafios. «Hermitage» é um trabalho exigente para com o ouvinte e também para com a banda. E como todos os seus trabalhos, em maior ou menor grau, é um álbum que retribui essa exigência com música de qualidade e que para a qual sabe bem desbravar. Porque é isto que o metal é na sua génese, uma forma de fazer pensar e sentir, e de sobretudo nos desafiar a sair da zona de conforto. **[F.F.]**

SEPULCROS

3

«Vazio»

[TRANSCENDING OBSCURITY]

Na formação, uma espécie de *who's who* dos últimos anos do underground nacional, um grupinho de gente que não é capaz de estar quieta e continua a explorar vários subgéneros e várias tonalidades de sombra do metal mais extremo. Mesmo que Sepulcros fosse "só mais um" projecto, isso nada teria de depreciativo para músicos que já há muito provaram a sua qualidade seja no que for que se metem, mas «Vazio», para primeira impressão, deixa antever que podem muito bem ter atingido o seu *jackpot* pessoal desta vez. Um death/doom atmosférico, quase fúnebre, recheado de peso, melancolia, negritude e sofisticação quase minimalista, atingindo todos os objectivos que um álbum deste género deve atingir sem espalhafato, sem artifícios, sem merdas. Só classe. Que o quinteto tenha tempo e vontade para continuar a desenvolver esta ideia, é o que se pede. **[J.C.S.]**

SATURNIA

4

«Stranded In The Green»

[SULATRON]

E pronto, lá continua o bom do Luís Simões a debitar álbuns do melhor rock psicadélico que existe, ele que se não estivesse aqui escondido no cu da Europa, certamente seria uma figura de ainda maior proeminência no mundo do psych/space rock. Versátil e inspirado como poucos, depois de ter chutado do seu sistema uns Saturnia mais roqueiros e mais objectivos com o fantástico meio ao vivo, meio de estúdio, meio compilação, todo genial «The Seance Tapes», lá foi ele literalmente para o meio do verde, e foi "preso" na beleza da Lagoa do Calco, no Estuário do Sado, que deixou que a musica viesse a si via raios solares e clorofila, expelindo-a neste álbum caleidoscópico, relaxante e profundamente evocativo. Estimemos os Saturnia. São do melhor que temos. **[J.C.S.]**

FUSTILARIAN

5

«All This Promiscuous Decadence»

[AMOR FATI]

Os últimos anos têm sido extremamente profícuos para a cena black metal underground nacional, com projectos como Black Cilice e Candelabrum, entre muitos outros, a darem bom nome ao movimento luso. Os Fustilarian são uma nova entidade a juntar à lista de boas propostas surgidas recentemente e se, na maioria dos casos, os músicos nacionais se têm estabelecido como mestres na arte de fazer *old school* e *lo fi*, a abordagem em «All This Promiscuous Decadence» afirma-se imediatamente refrescante. Com um som cheio e bem equlibrado, que permite ouvir todos os instrumentos com clareza sem perder nenhuma da negritude, o multi-instrumentista D. criou uma descarga de black metal negro como breu, invocativo da tradição estabelecida nos 90s, mas com um toque extremo de modernidade urbana. A recordar ocasionalmente os Craft ou os IXXI no único álbum bom que gravaram, Fustilarian ataca pela jugular e destrói a presa com uma descarga de riffs de qualidade superior, capaz de fazer corar músicos mais veteranos. **[J.M.R.]**

NAGASAKI SUNRISE

6

«Distalgia»

[MONOLITH]

Nagasaki Sunrise é *burning spirits*, é o legado dos Death Side vivo mais de 30 depois, interpretado do outro lado do mundo por quem o domina como poucos, e é ainda uma homenagem à cultura japonesa que se estende ao imaginário bélico do pacífico no século XX. Convém é não olhar para «Distalgia» como como apenas isso, até porque com a experiência dos músicos em causa, a restrição dogmática ao influente metal punk nipónico seria uma castração criativa pouco natural. Assim, o «Distalgia» vai alegremente beber a uma série de outras fontes, dos Motörhead aos Discharge passando pelos suecos Anti-Cimex e Shitlicker (se não fosse claro, o tema-título tem o cuidado de listar estas e muitas outras sem vergonha na cara). Deliciosamente viciante, «Distalgia» é uma excelente dose de nostalgia para quem se lembra de passar horas a fim com d-beat, filmes de guerra, hardcore, intoxicação, metal, e punk. **[L.P.]**

MORTE INCANDESCENTE

7

«Vala Comum»

[SIGNAL REX]

Morte Incandescente é mais do que um projecto de duas figuras do black metal lusitano. É uma entidade, que não estando sempre presente, já nos habituou a alguma regularidade editorial e qualitativa. A comemorar vinte anos de carreira lançam um álbum que não só é uma forma excelente de celebrar a data como é exactamente aquilo que se espera, sem deixar de surpreender como consegue ir ao encontro dos fãs de black metal. Cru mas sem deixar de ter uma produção onde tudo se consegue ouvir e perceber perfeitamente e com uma série de canções que não deixam de ser das melhores que já deitaram cá para fora. Sem ilusões ou invenções que poluam o que é e significa black metal, ouvir «Vala Comum» é ir directo à fonte. **[F.F.]**

CAVERNANCIA

8

«em ciano»

[NARIZ ENTUPIDO]

Em «em ciano», o "nosso" Pedro Roque estreia-se enquanto Cavernancia, o novo projecto que o vê trocar a fotografia e o berreiro punk e grind em troca dos sintetizadores e *field recordings*. Neste primeiro trabalho marcadamente DIY, o músico pega numa base de gravações efectuadas na comuta diária para o trabalho e transforma esses soporíferos drones do dia a dia numa infernal viagem pelos mundos do ambient, noise, e drone. O retrato do movimento de fim de noite leva-nos a um áspero e ruidoso crescendo em «a noite», mitiga-nos lentamente a consciência em «morre», e deixa-nos impiedosa e ansiosamente acordados em «em ciano». Também pela natureza abertamente DIY do projecto e pela progressão que tem sido reportada nas recentes aparições ao vivo, fica a impressão de que este belíssimo primeiro trabalho é apenas um vislumbre em cru da proliferação de formas de barulho que aí vêm. **[L.P.]**

HOOFMARK

9

«Evil Blues»

[MIASMA OF BARBARITY]

Se a cena do black metal nacional tem ganho notoriedade lá por fora, nos últimos anos, pelas belas *rawzadas* ortodoxas que vários nomes tem produzido, há também que registar o número crescente de "anomalias" que vêm enriquecer ainda mais esse panorama da sua forma totalmente individual. É o caso dos Hoofmark, projecto do solitário Nuno Monteiro Ramos, que carregando a sua música com "fardos" tão emocionalmente diversos como o blues ou o doom, e colorindo-a com a imagética riquíssima do folclore, mitologia e até paisagística do nosso país, chega a um resultado que é tão único como fascinante. O que a estreia de 2017, «Stoic Winds», prometia, «Evil Blues» entrega, e de que maneira. A trote ou a galope, estamos atentos aos próximos desenvolvimentos. **[J.C.S.]**

METADEVICE

10

«Turba»

[NEKROGOAT HERESY]

Tem sido impressionante e sólido o percurso de Metadevice. O novo projecto de André Coelho (ex-Sektor 304) tem conseguido em pouco tempo mostrar uma face criativa à qual se junta este «Turba» de forma convincente. E como já nos habituou, é um álbum que rompe com o que já tinhamos visto até aqui. A inclusão da voz de Rui Almeida (dos NU) dá-lhe uma profundidade e alcance novo, um alcance que os temas em si também aprofundam graças a um ambiente muito cinematográfico e opressivo. Um ambiente ao qual aprendemos a depender de cada vez que tomamos contacto. Uma viagem obrigatória para todos os que gostam de industrial, noise ou simplesmente de ser surpreendidos pelo poder que a música assume quando passa por contornos mais experimentais. Actualmente, uma das propostas de topo do nosso país. **[F.F.]**

MENÇÕES HONROSAS

Fora do top 10 final (em alguns casos por pormenores ínfimos como um ou dois pontos na votação final), mas com qualidade e importância suficiente nas nossas votações da redacção – e acreditamos que nos vossos sistemas de som durante 2021 –, pelo que achámos importante referir ainda os seguintes lançamentos:

INTERNACIONAL

Alkerdeel – «Slonk» [Consouling Sounds]
Dold Vorde Ens Navn – «Mørkere» [Lupus Lounge]
Low – «HEY WHAT» [Sub Pop]
Nekromantheon – «Visions Of Trismegistos» [Indie]
Helloween – «Helloween» [Nuclear Blast]
The Ruins Of Beverast – «The Thule Grimoires» [Ván]
Gravesend – «Methods Of Human Disposal» [20 Buck Spin]
Every Time I Die – «Radical» [Epitaph]
Darkthrone – «Eternal Hails.....» [Peaceville]
Spectral Wound – «A Diabolic Thirst» [Profound Lore]

NACIONAL

10 000 Russos – «Superinertia» [Fuzz Club]
Miss Lava – «Doom Machine» [Small Stone]
Murro – «Misantropo» [Ragingplanet]
M.E.D.O. – «Monopólio da Violência [Ragingplanet / Raising Legends]
Crab Monsters – «Piss Wizard» [Hellxis]
Prayers Of Sanity – «Doctrine Of Misanthropy» [Rastilho]
Animalesco, O Método – «Animalesco, O Método» [Ragingplanet]
Existence:Void – «Anatman» [Nox Liberatio]
Viralata – «O Último Pôr do Sol» [Rastilho]
Decayed - «Old Ghosts And Primeval Demons» [Lusitanian]

ZEAL&ARDOR

FINALMENTE EM CASA

Corria o ano de 2016 quando os desconhecidos ZEAL & ARDOR de Manuel Gagneux auto-editaram «Devil Is Fine» em formato digital. Pouco depois tocavam no Roadburn, abriam para os Prophets Of Rage, lançavam o aclamado «Stranger Fruit» e tocavam pelo mundo fora, uma ascensão meteórica para uma banda que começara como resposta a uma piada parva no 4chan. Mais que a piada, importa mesmo a resposta, uma fascinante mistura de black metal e *spirituals* em constante mutação que conta uma história alternativa em que os escravos afro-americanos encontraram no satanismo a força para se revoltarem contra os esclavagistas. Cinco anos volvidos de «Devil Is Fine», eis o auto-intitulado terceiro capítulo da história, sobre o qual falámos com o simpático Gagneux.

LUÍS PIRES MATTHIAS WILLI

Parece que ainda ontem estavas a lançar o «Devil Is Fine» no Bandcamp e a tocar no Roadburn. O facto deste disco te ir levar a digressões com Opeth, Mastodon, e Meshuggah tão pouco tempo depois causa-te estranheza?
Completamente, isto é extremamente bizarro. Ainda me sinto como se tivesse enganado as pessoas e a qualquer momento vão aparecer por aí a dizer "*espera lá um segundo!*" e depois desaparece tudo. [risos]

"O «Devil Is Fine» é a vida em cativeiro, o «Stranger Fruit» é a libertação, e o «Zeal & Ardor» é sobre finalmente ser livre, sobre correr e descobrir o que raio é que vamos fazer com essa liberdade."

Isso soa a síndrome de impostor.
Sem dúvida, mas apesar desse medo a verdade é que me estou a divertir imenso com isto.

Imagino que, desde então, a vossa química ao vivo tenha evoluído imenso.
Esse concerto foi o nosso quarto de sempre, portanto é natural que o tenhamos feito. Para além disso, o PA agora funciona sempre, o que também é bom. [risos]

Acabou a cantoria *a capella*?
[risos] Isso foi giro, mas continua a ser melhor assim. Como já atravessámos o mundo juntos duas vezes, já sabemos exactamente onde é que cada um está e é muito divertido ter essa segurança e deixares-te levar por aí.

Este parece ser o disco mais coeso e consistente dos Zeal & Ardor até hoje, concordas?
Foi por isso mesmo que o auto-intitulámos, porque sentimos realmente que chegámos a um ponto com o nosso som a que podemos chamar casa, se é que isto faz sentido.

É curioso que, para lá chegares, tenhas escrito as coisas mais depressa.
Convém clarificar que, depois de termos tudo escrito, tivemos um processo de aperfeiçoamento do disco, fizemos uma série de alterações para que tudo fizesse sentido, particularmente na parte final. Dito isso, a escrita foi mesmo feita de uma assentada, por assim dizer.

Nesse sentido, enquadras-te mais num compositor de fluxo de consciência do que num que quer elaborar cada composição à exaustão?
Gosto dos dois métodos, mas acho que fico entediado demasiado facilmente para levar as coisas até ao fim. Sou daquelas pessoas que se distrai com uma flor bonita, pelo que o fluxo de consciência é mais natural para mim, até porque quando tento escrever um certo tipo de canção ela raramente sai dessa forma, acabo por encontrar algo interessante nela que quero explorar e nunca sei onde esse rio vai desaguar. Suponho que sou só um mau compositor. [risos]

De que forma abordaste a concepção do disco?
Como tínhamos mais tempo, tivemos a oportunidade de considerar exactamente o que é que é importante para que este projecto continue como é, ou pelo menos o que é importante para mim. Cheguei à conclusão de que é a atmosfera e que o projecto não está preso a nenhum género; desde que me faça sentir em casa neste universo, posso safar-me com isso. Acho que é por isso que dá essa sensação de coesão e consistência na atmosfera, mesmo que dê para brincar imenso com as direcções em que vai.

Também tiveste um certo cuidado em garantir que ias variando ao longo do disco em vez de, por exemplo, teres as canções mais metal todas juntas.
Sem dúvida e isso levou imenso tempo. Queria que o álbum fizesse sentido enquanto álbum e não apenas como uma colecção de singles num CD.

Isso era uma auto-crítica que te tinhas feito?
Quer dizer, o «Devil Is Fine» é um caos enorme, [risos] sim, acho que sim.

Mas é o caos que te lançou.
Sim, é, mas em termos de arranjos acho que fica uma escuta um pouco pesada e não me saiu muito elegante, para não dizer pior.

Foi por causa disso que a certa altura mudaste a versão do Bandcamp e tiveste interlúdios novos?
Isso foi porque um dos interlúdios incluía uma chamada para a oração árabe e isso não é muito boa ideia. [risos] *Oopsie!*

Esticaste-te para uma religião a mais?
Sim, isso é um caminho que não queres seguir. [risos]

"Sou daquelas pessoas que se distrai com uma flor bonita, pelo que o fluxo de consciência é mais natural para mim, até porque quando tento escrever um certo tipo de canção ela raramente sai dessa forma."

Voltando ao «Zeal & Ardor», há um intervalo gigante entre o primeiro *single*, que lançaste em Maio, e o disco em si, que vai sair em Fevereiro de 2021. Qual a razão para uma campanha tão longa?
Há duas razões. Uma delas é que queremos tocar em festivais de Verão, e para seres elegível para esses festivais tens de ter um álbum recente. A segunda razão é a forma como a música é consumida hoje em dia. O Spotify e outros DSP [N.R.: *digital streaming platforms*] vão promover ou sugerir a tua música a uma audiência maior se tiveres lançamentos regulares, é por isso que o pessoal da pop praticamente só lança *singles*. Não é algo que queira fazer, mas é como é e prefiro ser transparente com isso.

Na instrumentação voltaste a ser só tu e um baterista, não é? Deve ser uma lista gira de instrumentos a ter passado na tua mão.
Tratei da guitarra, baixo, vozes, percussão, sintetizadores e do material programado. No fundo é mais a diferença que há entre o que toquei acústico, e com distorção. Para além disso, as palmas e o som dos pés a bater no chão ainda vêm todos das nossas sessões em Viena para o «Stranger Fruit».

Como é que abordaste a tonalidade da guitarra desta vez? Pese a ligação inicial ao black metal, nunca pareceste muito interessado nos tons e texturas mais tradicionais das guitarras do género.
Eu fico muito facilmente entediado, portanto gosto de me distrair com inspirações diferentes. Particularmente no que toca à guitarra, há tanta coisa para explorar que ia acabar por ser deprimente usar aquele estilo norueguês cheio de ganho o tempo todo. Actualmente olho para as guitarras divididas em dois. Tens um som para o *tremollo*, em que trato as guitarras como se fossem um quarteto de cordas, e depois tens o *chug chug*, aquele rapazola robusto [risos], que acho que faz sentido, até porque o disco foi misturado pelo Will Putney que é mais famoso pela sonoridade hardcore, tal como o Kurt Ballou, que tinha misturado o álbum anterior.

Dirias que tiras grandes lições ou influências do trabalho com esses dois produtores de renome?
Não te sei dizer, porque acabei por nunca os conhecer, nós mandamos-lhes os ficheiros que gravámos e eles misturaram-nos, foi só isso. Acho que o Kurt acaba por definir o nosso som até certo ponto, mas nunca o tendo conhecido, e o mesmo se aplica ao Will, é difícil dizer que tirei algo mais profundo do que isso.

Alguma razão especial para trabalhares com eles à distância?
No último álbum, a editora deu-nos uma boa quantidade de dinheiro e disse-nos para irmos para um estúdio gravar música. Com aquele orçamento, decidimos que era melhor construir um estúdio para nós e foi o que fizemos. É um luxo enorme, porque posso passar o tempo que quero no estúdio, seja em gravações ou a fazer pré-produções. Foi por isso que só mandámos as coisas para serem misturadas, porque quando acabamos de gravar um álbum já não conseguimos realmente ouvir a música e é preciso um novo par de ouvidos que nos diga "isto é merda" ou "isto é bom."

É como escritores precisarem de editores, estás tão dentro do texto que lês o que queres em vez do que lá está. Tiveste alguma surpresa em particular com a mistura do Will?
Exactamente. A surpresa foi estar uma merda! [risos] Não, não, estou a brincar, estou muito feliz com ela. Tens por exemplo o tema-título, o «Zeal & Ardor», em que o Will deu prioridade a coisas diferentes do que eu teria dado. Nós mandámos-lhe tudo ao mesmo volume, portanto acho que ele simplesmente ouviu uma canção diferente ao princípio, é divertido.

Ele é a razão para aquele toque meio *droney* do princípio da canção?
Não, tive de lhe pedir para voltar a pôr isso lá, [risos] mas ele é incrível a misturar e é tão rápido que nem faz sentido. Basicamente a mistura de base do disco demorou dois dias. Acho que ele não dorme, sabes? Atira-se ao álbum e não pára até acabar.

Tens vindo a soar cada vez mais confortável nos diversos estilos vocais que usas. É resultado dos concertos que foram dando?
As digressões e os concertos são certamente uma parte enorme disso, porque com o «Devil Is Fine» foi a primeira vez que tentei fazer este tipo de vozes a sério, à parte da adolescência. Aprendes imenso por ter de cantar todos os dias sem ires fodendo demasiado a voz. Acho que é palpável quando ouves alguém com uma certa confiança vocal, acho que também torna a canção mais apelativa, portanto estou feliz com isso.

O registo que já tinhas mostrado na «What Is A Killer Like You Gonna Do Here?» e recuperas no princípio da completamente diferente «I Caught You» é influência do Tom Waits?
Acho que sim, aquela voz mais à narrador para dar o toque ominoso à canção. Sim, provavelmente vem de lá, agora que o dizes. Eu adoro o Tom Waits, portanto é uma probabilidade grande.

No «Vigil» [N.R.: EP de 2020], optaste por letras mais políticas, opção que não mantiveste desta vez.
Para mim o EP era importante ter sido lançado o ano passado, mas em geral prefiro ter este tipo de letras mais vagas, mais abertas a interpretação. Para te ser sincero é muito mais divertido escrever assim.

Mais do que cumprir expectativas, importa-te satisfazer-te a ti mesmo?

Funcionou até agora, porque é que mudaria? [risos]

Continuando com as letras, usaste uma série de línguas diferentes no disco, com o alemão em particular a ter alguma preponderância. Houve algum simbolismo por trás desta escolha?
Bem, a «Götterdämmerung» é para gozar com o Wagner e os nazis, porque ele é alguém com um historial pesado no que toca a essa extrema direita. O simples facto de pegar na cena dele e fazer o que queremos com aquilo é divertido. Para além disso, o alemão soa *metal as fuck*, é uma língua mesmo zangada, *man*, é brilhante! [risos]

Continuando com alguns elementos líricos fora do comum, também tens o acróstico quadrangular da «I Caught You». Qual é o significado dele?
É originalmente do «Livro de Abramélin», que é um grimório real e consiste numa série de encantamentos com aqueles quadrados de palavras, que têm todos um significado diferente e que tens de preparar de uma certa forma. Se quiseres levar o ritual até ao fim, o que curiosamente foi tentado pelo Aleister Crowley, são seis meses de preparação para não haver risco nenhum de erros.

É um tipo de textos que visitas frequentemente?
É algo em que sempre tive interesse e são leituras fascinantes. Só a ideia destas sociedades secretas que se juntam para fazer magia ou lá o que é, provavelmente a terem uma montanha de sexo pelo caminho, é uma ideia bizarra.

Dirias que é um interesse como observador externo?
Para o propósito desta entrevista, sim. [risos]

As histórias alternativas que tens explorado seguem uma narrativa global ou tens optado por antologias?
Há uma narrativa geral. O «Devil Is Fine» é a vida em cativeiro, o «Stranger Fruit» é a libertação, e o «Zeal & Ardor» é sobre finalmente ser livre, sobre correr e descobrir o que raio é que vamos fazer com essa liberdade, daí também o ser auto-intitulado.

Começo a perceber a referência recorrente aos treze anos neste álbum.

"Para mim é importante tocares o que queres porque é assim que te apaixonas e que te motivas."

Vem mesmo daí, mas há mais que isso. É uma referência à cigarra e a algo de que ainda não posso falar, mas no que toca à cigarra refere-se ao ciclo de treze anos ao fim do qual elas destroem completamente a terra onde estão.

Qual foi o teu caminho como fã de metal?
No início da adolescência tornei-me fã de punk e hardcore, depois um amigo meu mostrou-me Iron Maiden e fiquei apaixonado. Passei por imenso grindcore e depois os Nile lançaram o «In Their Darkened Shrines».

Lembro-me muito bem desse disco na adolescência.
Era um disco do caralho. Imagino que estivemos expostos às mesmas coisas, depois disso vieram os Wintersun e foi a cena *diddly diddly diddly* durante um tempo, e eventualmente criei a minha primeira banda de black metal, que foi quando comecei a escrever.

Lembras-te da primeira guitarra e da motivação para a comprar?
Todos os meus amigos ouviam metal e ninguém tocava um instrumento, eu achava que podíamos fazer o que ouvíamos e comprei uma BC Rich horrível e um amplificador de merda. Achei aquilo incrível e tranquei-me no meu quarto durante dois anos, foi altamente.

Depreendo que aprendeste a tocar por ti.
Exacto, os meus pais tinham-me feito aprender saxofone quando era puto e odiei a experiência, porque não vinha de mim, tinha de ir à merda das aulas e não podia tocar o que queria. Para mim é importante tocares o que queres porque é assim que te apaixonas e que te motivas.

Curiosamente, voltas ao black metal uma série de anos volvidos de uma forma profundamente experimental, que imagino nem sempre seja bem vista pelos puristas do género.
O pessoal que não gosta de nós não nos vai ouvir, mas a relação com a cena black metal é divertida, porque ao início era esta cena rebelde e extrema que mandava as regras todas à merda e fazia o que queria, e agora é este livro de regras. [risos] Tens de aderir a isto e se fizeres aquilo de outra forma és uma merda. De certa forma somos mais black metal do que os puristas de black metal, porque dizemos "que se foda" às regras todas.

Como é que passas do black metal da adolescência para os Birdmask [projecto de chamber pop]?
Tinha vinte e poucos anos e não sei bem porque disse adeus ao metal na altura, mas a banda tinha-se dissolvido, ninguém queria fazer nada e a minha postura foi "okay, vou fazer algo diferente." Foi na altura em que me mudei para Nova Iorque, onde tive algum sucesso, [em sussurro] nenhum sucesso, e fui fazendo aquilo. Como projecto paralelo criei isto, criei Zeal & Ardor.

Os Birdmask foram importantes para experimentares outras sonoridades?
Exactamente, foi essa experiência que me deu coragem de escrever música para mim, de experimentar instrumentos diversos e programação musical.

Há alguma experimentação neste álbum que queiras realçar?
A «Golden Liar» foi o meu momento à Ennio Morricone e a «Emmersion», que veio numa altura em que andava a ouvir imenso cenas estilo Fuck Buttons, começa naquela onda estúpida de canais de YouTube estilo *lo-fi beats to study* e acaba em black metal. [risos] Foi divertido. Depois há o tema final [N.R.:«A-H-I-L»] do qual estou muito orgulhoso. É aquele que ninguém vai ligar nenhuma, mas é capaz de ser o meu preferido no álbum. [risos] É tão estupidamente depressivo, adoro-o.

Continuas a ir buscar influências a uma série de estilos diferentes.
Sim, isto no fundo é só roubo, do princípio ao fim é só roubar coisas a outros géneros!

Ou como condensar apropriação cultural num estilo e irritar o maior número possível de pessoas.
Definitivamente! [risos] É esse o nosso género. No dia em que conseguir irritar toda a gente, é o dia em que desisto, porque no fundo atingi todos os objectivos a que me propus.

Começo a ver porque é que isto começou no 4chan.
Bem … sim! [risos]

"Há uma espécie de, não lhe chamaria orgulho, mas de fome de nos expressarmos e acho isso incrivelmente bonito."

Imagino que toda a gente te pergunta pelos títulos das últimas duas canções, mas podes explicá-los?
Curiosamente anda tudo a fingir que sabe perfeitamente o que querem dizer. A «JMB» é uma piada interna, porque quando estávamos a gravar o disco o título temporário era «Jazz Metal Baby» [risos] e achei que não podia pôr aquele nome junto do *artwork* todo satânico, portanto usámos a abreviatura. A «A-H-I-L» significa *all hope is lost*.

A tua história alternativa da rebelião dos escravos através do satanismo partilha uma série de elementos do movimento afrofuturista. É um enquadramento que faz sentido para ti?
De certa forma, sim, acho que faço parte de um *zeitgeist*, apesar de não se reflectir tanto no meu consumo de arte. Suponho que não sou assim tão único nas minhas intenções. Tem havido imenso trabalho revisionista a ser feito, até na ficção especulativa e na indústria do entretenimento. Há uma espécie de, não lhe chamaria orgulho, mas de fome de nos expressarmos e acho isso incrivelmente bonito.

Em mais uma altura em que os Estados Unidos e a Europa parecem estar em competição para ver quem é que mais mal trata imigrantes e refugiados, essa capacidade de conceptualizar uma história diferente tem outra dimensão.
Sim e acho que é mesmo esse o trabalho da ficção. Temos de fazer sentido do mundo em que estamos e esses cenários que começam com "e se?" são importantes, sejam eles aplicados ao passado, ao presente, ou ao futuro. São importantes precisamente porque podem ajudar a lidar com uma situação de merda ou a ver as coisas de uma perspectiva diferente.

RELÍQUIAS DESENTERRADAS

Tal como muitas outras bandas, durante esta pandemia que o mundo atravessa, também os DEATH ANGEL foram obrigados a dar um concerto em *streaming* para manter a chama viva junto dos fãs. A LOUD! falou com o vocalista Mark Osegueda sobre este concerto, que foi agora editado em formato áudio sob o título «The Bastard Tracks», cujo título advém do facto de ser composto por temas que a banda raramente (ou nunca, nalguns casos) tinha tocado ao vivo. Também falámos sobre a situação assustadora que a banda viveu com a doença do baterista Will Carroll e sobre a experiência de estar em plena digressão no pico da pandemia.

JORGE BOTAS STEPHANIE CABRAL

com os Testament, os Exodus e nós, era a primeira vez que todos andámos juntos. Os espectáculos estavam a correr muito bem, quase todos esgotados. Nós passávamos o tempo a ouvir falar do vírus, víamos nas notícias, mas não tínhamos noção se era apenas uma histeria ou realidade. De repente, começou tudo a fechar, as pessoas começaram a ficar doentes. Mas ainda era algo muito novo. Tivemos dois concertos cancelados mesmo no final da digressão, estávamos na Bélgica para o penúltimo concerto quando, durante o dia, começámos a ouvir que se calhar ia ser cancelado. O concerto aconteceu, mas na altura já sentia algum medo do desconhecido... Nós estamos tão habituados a tocar ao vivo, que ver um concerto cancelado é lixado. Foi assustador, mas durante a digressão as pessoas estavam a ficar doentes, isso é algo que acontece normalmente porque estás encafuado num autocarro. Seja gripe, ou algo do género, por isso quando alguém da nossa equipa ficava doente, não sabíamos se era aquela doença habitual de andar em digressão ou

"Continuamos a ensaiar, pelo menos uma vez por semana, para estarmos juntos e termos alguma noção de normalidade. A música une-nos, pelo menos temos isso."

Não é um pouco cedo para estares a dar entrevistas?
São sete da manhã! Não é mau de todo... Até já estou de pé há algum tempo. Desde que começou esta pandemia que me habituei a levantar muito cedo. A pandemia mudou por completo a minha vida, já que não posso sair tanto à noite. Com tanto tempo livre, prefiro levantar-me cedo... Mas as coisas estão outra vez a mudar um pouco, com a abertura das lojas. Eu levanto-me cedo e vou logo para uma longa caminhada, mesmo antes de tomar o meu pequeno-almoço. É porreiro. [risos]

E ainda sem poderem dar muitos concertos, como é a vossa rotina enquanto banda?
Tem sido um teste para todos. Eu tenho estado bem. Só há duas formas de encarar isto: de forma pouco saudável ou de forma saudável. Tenho feito algumas coisas para me manter são, como as tais caminhadas antes do pequeno-almoço, depois bebo o meu chá, faço o meu exercício físico, e ouço música ao longo do dia. Uma coisa que tem ajudado, é que nós continuamos a ensaiar, pelo menos uma vez por semana, para estarmos juntos e termos alguma noção de normalidade. A música une-nos, pelo menos temos isso. Agora que as coisas estão um pouco melhores, tentamos ter uma espécie de vida social reduzida.

Estavam em digressão na Europa quando a pandemia tomou conta do continente. Como foram esses últimos dias na estrada?
Man... Foi de loucos. Foi mesmo naquele pico que começou a atingir tudo e todos. A digressão estava a ser espectacular. Foi se era este novo vírus. Foi um pouco assustador. Depois regressámos aos Estados Unidos, foi também assustador, porque os aeroportos estavam a fechar e foi nessa altura que começou a loucura com o Will [Carroll, baterista] a ficar muito doente e a ter que ser hospitalizado. Têm sido tempos loucos, não te vou mentir. Mas continuamos por aqui e parece que as coisas começam a ficar um pouco melhores. Estamos muito gratos pelo Will já estar saudável.

Passamos o tempo a ver filmes sobre o apocalipse, *zombies* e cenas do género, e agora estamos a viver num deles.
Verdade! [risos] Está tudo maluco.

Mudando as agulhas para o «The Bastard Tracks»... Alguns destes temas já tinham sido tocados ao vivo, mas pouco, não era?

Alguns tocamos de forma esporádica... e quando digo esporádica, digo que se calhar tocámos quando os discos foram editados e depois nunca mais. E há alguns que nunca tocámos ao vivo mesmo. Por isso, antes de gravarmos e darmos um concerto em *streaming*, tivemos que ir para o estúdio dos Death Angel e ensaiar à séria. Por uma razão ou outra, são temas que nunca foram incluídos de forma consistente nos alinhamentos dos concertos ao vivo. Foi um pouco estranho, mas acabou por ser um bom desafio e acabou por dar aquela sensação de normalidade. Tocar música juntos em estúdio enquanto a pandemia acontecia... foi porreiro voltarmos a estar juntos, mas foi muito estranho tocar para ninguém. É disso que tenho mais saudades, e é do que gosto mais, faz parte da experiência tocar para pessoas. Mas foi porreiro tocar músicas que nunca tínhamos tocado.

E para voltarem a tocar essas canções, tiveram que as ouvir juntos... Para algumas, aconteceu aquela sensação de perceber "como é nós tocámos esta merda"? [risos]
Sim, é exactamente isso! [risos] De algumas delas mal nos lembrávamos! Claro que antes de nos juntarmos, anotámos a lista de temas que tínhamos de aprender antes dos ensaios. Tínhamos umas duas semanas para cada um aprender as suas partes o melhor possível. E quando nos juntámos para tocá-las, foi uma loucura, porque muitas vezes tínhamos de parar a meio e voltar a tocar do início. Para mim também foi um grande desafio, porque uma coisa são as canções que tocamos ao vivo normalmente, isso é memória muscular. Outra coisa é tentar lembrar-me de uma letra e depois esquecer-me completamente. Tinha que ter uma cábula para me ir lembrando das letras, até ser normal poder cantá-las. Na altura em que demos o concerto, já foi tudo muito natural... mas até lá chegar, deu muito trabalho. [risos]

E não tens receio, quando sobes ao palco, de te esqueceres da letra de uma canção?
Sim! Acontece a todos. Mesmo com canções que tocamos todos os dias, às vezes há a mais pequena distracção e de repente... já era! Pelo menos, lembro-me sempre da melodia e tento cantar algumas palavras dentro da melodia. [risos] Já sei que quando isso acontece, vou depois ver o vídeo dessas actuações no YouTube. [risos] Mas temos de seguir em frente e é essa a magia de tocar ao vivo. Normalmente a memória muscular ajuda nessas situações e sou capaz de seguir sem grandes dramas. Inevitavelmente, o pior pode acontecer quando paras para pensar. Quando pensas demasiado, é nessa altura que a tua mente começa num rodopio e começas a questionar como te esqueceste de uma letra de uma canção que tocas todas as noites. É nessa altura que entras em águas turbulentas.

"Tinha que ter uma cábula para me ir lembrando das letras, até ser normal poder cantá-las. Na altura que demos o concerto, já foi tudo muito natural... mas até lá chegar, deu muito trabalho."

Com o vosso disco anterior, «Humanicide», para além da tal digressão europeia, ainda deram muitos concertos para o promover?
Não tantos quanto gostaríamos. Porque fizemos uma digressão como cabeças-de-cartaz na América do Norte e era suposto termos feito outra, que acabou por não acontecer. Fizemos alguns festivais na Europa no Verão... Habitualmente, fazemos a América do Norte umas duas vezes, o mesmo na Europa, depois vamos até à Ásia e Austrália, mas isso não aconteceu desta vez. Seja como for, estamos gratos pelo que conseguimos fazer, porque conheço bandas que lançaram um disco e passados dois anos ainda estão à espera de poder ir para a estrada para o promoverem.

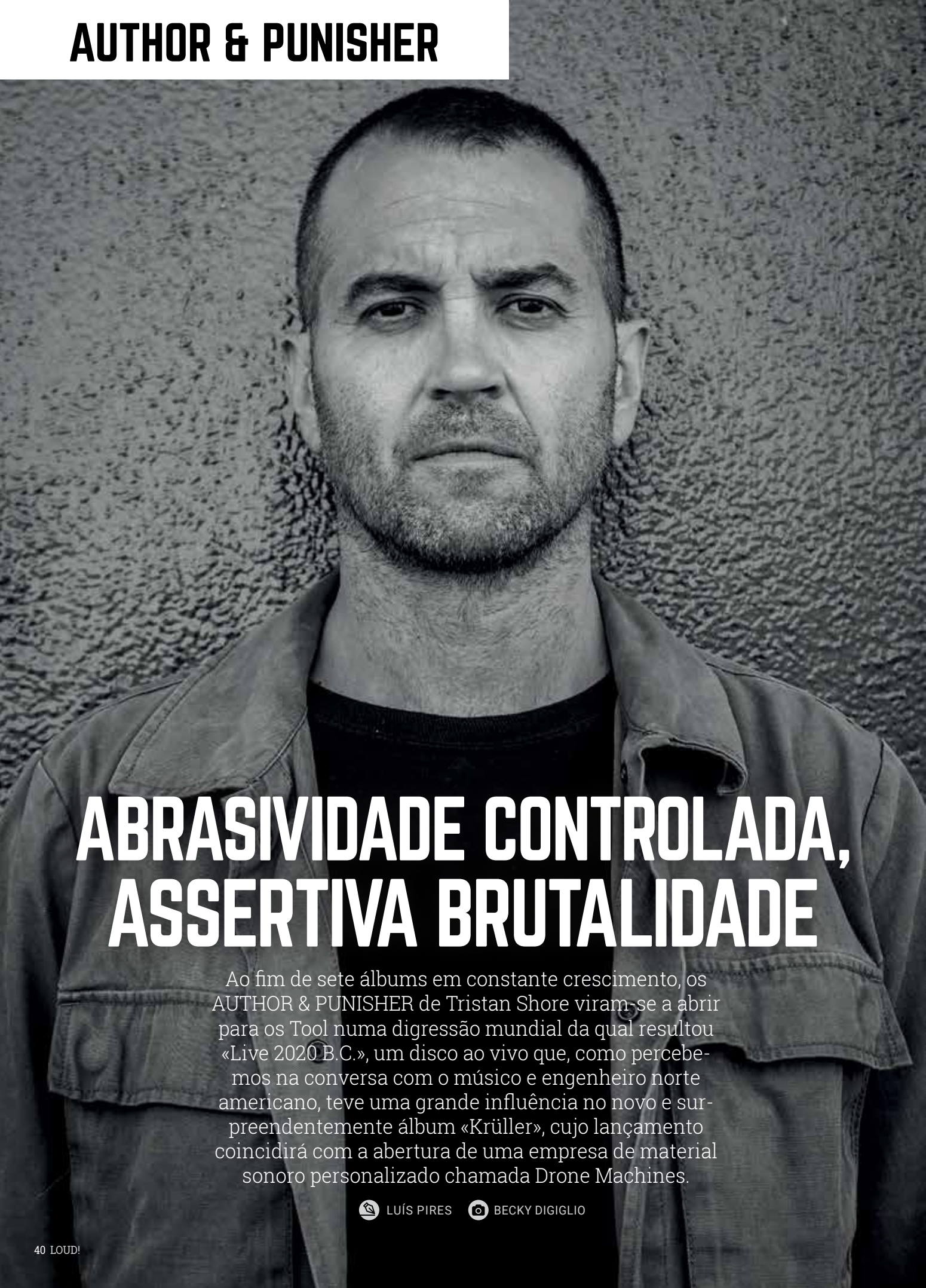
E há bandas que, entretanto, já lançaram dois discos...
Pois há! E depois, há aquelas que estavam a preparar-se para ir para a estrada logo a seguir a nós e viram as digressões serem canceladas. Fico com muita pena delas, porque investiram muito no *merchandise* para metade da digressão e estão com aquele *merch* todo em casa com datas de uma digressão que nunca aconteceu. Acaba por sair caro a essas bandas... Felizmente para nós, não ficámos com isso pendurado, mas sinto-me mal. E isso ainda vai acontecendo agora, com digressões que começam e depois têm de parar. Ainda é um tempo estranho e frágil.

Ainda iam fazer uma digressão em 2021, mas foi adiada para 2022, certo?
Sim... Era suposto termos estado em digressão na América do Norte em Novembro passado mas, infelizmente, havia alguns promotores e elementos de outras bandas que estavam um pouco receosos e não queríamos começar uma digressão e depois ter que parar novamente. Foi adiada para Abril e Maio e eu estou ansioso para que ela aconteça. Eu sei que ainda são tempos frágeis, mas para a minha própria sanidade mental preciso de ir para a estrada. [risos] Ainda conseguimos tocar no festival Aftershock e foi espectacular. Os Testament, Exodus e Anthrax tocaram também nesse dia. Foi muito porreiro. E, pelo que sei, nenhuma das quatro bandas teve problemas com COVID-19 e também parece que no público não houve problemas. Ainda conseguimos tocar em Oakland, que foi o único concerto que salvámos da digressão, juntamente com os Testament e Exodus novamente. Mas estou muito ansioso para poder voltar a tocar ao vivo normalmente.

"O meu álbum preferido de todos os tempos é o «Sabotage»."

Neste «The Bastard Tracks» fazem uma versão do clássico dos Black Sabbath «Falling Off The Edge Of The World», da era Dio. A tal pergunta para um milhão de dólares é: Black Sabbath com Ozzy ou com Dio?
Ohhh... é mesmo a pergunta para um milhão de dólares. Adoro, adoro ambas as eras! Se tiver de escolher, escolho a formação original com o Ozzy. Essa foi a banda que mudou a minha vida, por assim dizer. Mas não estou a insinuar que estou a atirar para fora a outra era. [risos] O meu álbum preferido de todos os tempos é o «Sabotage», mas adoro o «Heaven And Hell», adoro o «Mob Rules». E o Dio é capaz de ser uma maior influência enquanto vocalista que o Ozzy, mas o Ozzy... é tão bom. Mas a minha voz é mais próxima do Dio do que do Ozzy.

A era do Tony Martin é um pouco desprezada, e há lá discos fantásticos... mas quando se tem o Ozzy ou o Dio, são dois monstros...
Exactamente! Na comunidade metaleira temos muitos subgéneros musicais, mas nós gostamos das nossas gemas. [risos] Há muitas bandas que não sobrevivem à substituição de um vocalista, mas os Sabbath passaram de uma era fantástica com o Ozzy, para outra era fantástica com o Dio. Que mais podes pedir? E ainda tiveram o Ian Gillan para um disco que eu também adoro. Mas a verdade é que depois, com tantos vocalistas, as coisas acabam por se diluir um pouco e as pessoas perdem o interesse. Isso também acaba por mostrar um pouco a determinação do Tony Iommi e daquilo que é a sua visão e o seu bébé.



ABRASIVIDADE CONTROLADA, ASSERTIVA BRUTALIDADE

Ao fim de sete álbums em constante crescimento, os AUTHOR & PUNISHER de Tristan Shore viram-se a abrir para os Tool numa digressão mundial da qual resultou «Live 2020 B.C.», um disco ao vivo que, como percebemos na conversa com o músico e engenheiro norte americano, teve uma grande influência no novo e surpreendentemente álbum «Krüller», cujo lançamento coincidirá com a abertura de uma empresa de material sonoro personalizado chamada Drone Machines.

LUÍS PIRES BECKY DIGIGLIO

Como te sentes em relação ao «Krüller»?
Para mim foi refrescante, é diferente do que fiz no passado e vai ser muito diferente de tocar ao vivo por estar a cantar mais em vez de estar só aos berros. Estou bastante satisfeito com a tonalidade dos graves. Acho que no último disco o tom estava demasiado agressivo e abrasivo e este tem os graves potentes que queria ter.

Como é que o álbum acabou influenciado pelo «Parable Of The Sower» da Octavia Butler?
É um bocado doentio ler um livro destes no início de uma pandemia, porque é mais ou menos a mesma história. Sempre gostei desse tipo de literatura mas por alguma razão nunca o tinha lido e quando isto começou havia pessoal a escrever que a Octavia Butler tinha previsto isto tudo e acabei a lê-lo. É uma história em que a sociedade colapsa, há esta cidade cercada de muros em que a personagem vive e se prepara para uma altura em que tem de sobreviver lá fora; vai aprendendo sobre plantas locais nativas que podem ser comidas, sobre usar armas, e sobreviver. Para mim estes eram os temas em que as pessoas estavam a pensar no meio daquela violência social e política, os protestos, e a pandemia, no fundo era esta cultura de preparação e sobrevivência que começava a aparecer, como nos lunáticos de direita com os camiões com bandeiras pró-Trump e veículos militarizados com aquele ar de que vão andar pelo deserto a disparar do torreão. É meio nojento, mas aparecia frequentemente em livros e filmes dos anos 80 e 90 com que cresci. Alguma dessa direita queria que os Estados Unidos caíssem para poderem viver nessa sociedade de vigilantes, foi isso que senti quando escrevi o disco. Claro que isto também há do ponto de vista do pessoal bom, e acho que sou um deles, juntamente com os meus amigos da esquerda, e queria fantasiar como é que seria a nossa versão disto, com uma estética diferente.

Nas próprias letras de canções como «Drone Carrying Dread» e «Centurion» tens uma clara crítica à intercepção entre estes lunáticos, a polícia, e os militares, que acaba por aparecer um pouco por toda a parte.
São todos uma merda e estou tranquilo em ser claro sobre esse tipo de coisas. A «Centurion» é essencialmente sobre esses gajos ocuparem câmaras municipais com armas e assim. Esse pessoal idolatra as forças de operação especiais e a bófia, eu odeio essa merda e não tenho problemas em dizê-lo.

Claro que essa cultura de preparação e sobrevivência também tem aparecido à esquerda, particularmente no movimento anarquista. É uma estética que te influenciou?
Sim, sem dúvida. Sou a favor desses grupos que se apercebem que se têm de armar, porque essencialmente a extrema direita tem andado a coleccionar armas e AR-15 nas caves deles durante os últimos 30 anos e sempre que elegemos um democrata as vendas de armas sobem em flecha, é uma estupidez. Quando tens uma manifestação trans ou do movimento LGBTQIA e tens grupos de esquerda armados a manter a situação debaixo de olho, acho que faz sentido.

Também devido aos temas que exploras, há uma aura de depressão e melancolia no «Krüller». Era um objectivo à partida?
Os objectivos consistiam em melhorar a voz e o tom, o que surgiu quando ouvi o disco ao vivo que lancei depois da digressão com Tool. Permitiu-me ouvir um concerto meu a sério, olhar-me ao espelho e dizer "é assim que soas com as melhores condições possíveis." Não é fácil reflectir nestas coisas quando passas tanto tempo na estrada e nem é que não goste de como soava, mas queria mudar os graves e as vozes. Quando me sentei no estúdio em Maio de 2020, mudei logo de microfone e comecei a trabalhar na tonalidade. Quando tinha os graves prontos, queria encaixar as vozes e por alguma razão saíram mais melódicas e melancólicas em vez de agressivas. Eu não tinha grande confiança neste tipo de vozes ao vivo porque com música tão alta e pesada é fácil dar asneira, mas durante a digressão com os Tool pude ouvir a forma como os engenheiros deles tratavam os monitores do Maynard e removiam os graves todos para ele poder cantar melhor. Isso foi uma grande ajuda para mim.

Tu começas a escrever o álbum no colectivo K Street Recordings e depois fazes uma filtragem analógica com o Jason Begin no Black Unicorn Studios. Podes-nos explicar esse processo?
O K Street é um pouco como uma ocupa europeia, temos seis pessoas por lá e ajudamo-nos uns aos outros. É um armazém com quatro salas de ensaios, uma sala de máquinas que dá para fazer alguma metalurgia básica, um recinto, e um estúdio. O Jason é um amigo de longa data e tem os Vytear, que é um projecto com influência de Aphex Twin, Squarepusher, jungle, e drum'n'bass. Aprendi imenso sobre sintetizadores com ele e tenho expandido o meu perfil sónico por causa disso. Ele também é meu parceiro na Drone Machines, juntamente com mais um engenheiro, e assim que fiz as gravações básicas, peguei em tudo o que escrevi com *software* de sintetizadores e todos esses riffs, essencialmente o lado mais atmosférico e agudo do disco, e fui ter com ele. Passámo-los por cinco sintetizadores diferentes antes de escolhermos o que queríamos. Esse é o material que está sequenciado ao vivo, comigo a tocar os graves, a bateria, e as vozes.

O que é sentes que se ganha nesta filtragem analógica?
Tudo o que o Jason faz é meio estranho e dissonante. É quase como se os melhores sintetizadores que tem no estúdio fossem os que ele modificou e estão como que partidos, portanto dão-te um som cheio de imperfeições. É essa estranheza que o Jason dá, até porque eu quando escrevo sintetizadores é mesmo só para ter uma base, ele é que depois percebe quais são as frequências que temos de preencher e dá uma textura diferente ao disco.

Imagino que não seja a primeira colaboração pela qual te perguntem (já lá vamos), mas como foi ter a tua mulher, a Marilia, a cantar contigo pela primeira vez na «Maiden Star»?
Obrigado por perguntares. Para mim é a canção mais pesada no disco, apesar da voz mais suave e era esse o objectivo, que acho que conseguimos ao sobrepor as nossas vozes. Saiu uma harmonia interessante e acho que funcionou. Sendo a primeira vez, todos os discos têm temas relacionados com ela, porque apesar de não ouvir a mesma música que eu, foi pelos interesses cinemáticos dela que me interessei em Lars Von Trier, Bergman, e outros realizadores de filmes sombrios mais antigos.

Já as outras colaborações, com o Danny Carey e com o Justin Chancellor, imagino que tenham surgido da digressão com eles.
Uma delas esteve quase a não acontecer, porque o Danny rasgou um músculo a levantar pesos depois da *tour* e não era claro que recuperasse a tempo, mas acabou por conseguir, mandou-me as partes dele e sem surpresa nenhuma não tive de lhe pedir revisão alguma; estavam perfeitas e surpreendentes, já que ele adicionou uma série de coisas que nunca teria composto. Depois foi uma questão de acentuar umas partes e suavizar outras, quase como que remisturar o Danny. Já a «Centurion» foi como que uma colaboração com o Justin. Escrevi a base no avião de volta da Austrália e depois fomos enviando ideias um ao outro durante uns meses. Espero que ele a possa tocar connosco, porque se vai sentir a falta daquele tom muito próprio dele.

"Esse pessoal idolatra as forças de operação especiais e a bófia, eu odeio essa merda e não tenho problemas em dizê-lo."

É um baixista bastante único na nossa cena.
Sim, e muito mais melódico do que normalmente se pensa, há uma série de partes no alinhamento dos Tool que não imaginavas ser ele a tocar os *leads* em vez do Adam. Ele era o único tipo da banda que não conhecia antes da digressão. Entretanto descobrimos que somos fãs enormes de futebol, ele do Chelsea e eu do Liverpool, e de música como drum'n'bass, Roots Manuva, e música inglesa com influência de dub, e acabámos a dar toques depois do *soundcheck* e formámos uma boa relação a partir daí.

CONDIÇÕES EXTREMAS EXIGEM MEDIDAS EXTREMAS

Depois de uma auspiciosa estreia na Relapse em 2018 com «Order Of Torment», os *death metallers* GENOCIDE PACT estão de volta mais "brutalizadores" que nunca com um álbum homónimo que não faz prisioneiros. Formada em 2013, a banda oriunda de Washington, DC conseguiu manter a sua formação original – Michael Nolan no baixo, Tim Mullaney na guitarra/voz e Connor Donegan na bateria – intocada ao longo dos últimos oito anos, mas ainda na fase pré-pandémica decidiu adicionar mais um guitarrista, adensando um pouco mais a abordagem a um género já de si extremamente denso. Contando com o talento adicional de Demir Soyer, «Genocide Pact» revela-se uma descarga ultra potente e cheia de *groove* demolidor, capaz de os afirmar como uma das mais letais propostas saídas do ressurgimento OSDM actual. Sobre o grupo e o estado actual do estilo em que se inserem, conversámos com o simpático baterista Connor.

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES BRIAN BOECKMAN

outras, por isso podemos conduzir até Nova Iorque, Filadélfia ou Baltimore com relativa facilidade. Até ao momento só tocámos nessas cidades. Ah, e em Richmond, também. Foram concertos ao fim de semana e cenas assim. Em Julho, ninguém sabia bem como as coisas iam estar dali a uns meses, por isso já sabíamos que o disco ia ser editado em Dezembro, mas não nos sentimos seguros para marcar uma *tour*. Temos agarrado as oportunidades que nos têm surgido e tem sido fixe, por isso já temos planos para fazer algo mais sólido em 2022.

Conseguias ver-te a fazer uma digressão nesta fase da pandemia?
Eu quero, definitivamente, voltar a estar na estrada, quero muito fazer isso, mas às vezes fico sem saber se devemos esperar mais um pouco para que as coisas fiquem normais ou se devemos avançar porque é isto que é normal agora. É complicado. Que raio vais fazer se apanhares COVID-19 enquanto estás em *tour*? Ficas fechado num quarto de hotel durante uma semana? Isso deve ser horrível. Vamos fazer o que pudermos, sim, e tenho a certeza que eventualmente vamos regressar à Europa também.

Estão juntos há quase uma década e, à excepção da expansão de formação para quarteto, nunca sofreram mudanças, o que não é comum hoje em dia.
Pois, começámos como um trio e, às tantas, achámos que precisávamos de um segundo guitarrista, por isso começámos a tocar com o Demir. Eu, o Tim e o Mike estamos juntos desde o início. E sim, nunca tinha pensado nisso, mas tens razão... Não há muitos projectos por aí que possam dizer que mantiveram exactamente a mesma formação durante uma década. Às tantas, acho que dou isso como garantido, mas é, de facto, uma cena muito *cool*. Eu já estive numa série de outras bandas, algumas das quais sofreram profundas mudanças, e ainda não consigo perceber bem o que faz a diferença no nosso caso. Acho que tem a ver com o facto de todos conseguirmos adaptar-nos aos desejos e objectivos que cada um tem para os Genocide Pact. Conseguimos estar em sintonia.

Quais eram os objectivos no início?
Não havia objectivos, *dude*. Começámos a banda em 2013 e, como sabes, nessa altura não havia muitos grupos a fazer uma abordagem assim mais *old school* ao death metal. Do que me lembro, o que era popular na época era o stoner/doom na onda dos Sleep e dos Electric Wizard. Estávamos a sair de uma fase em que o death metal ultra-técnico estava em alta e isso dominou esse espectro durante algum tempo. Havia algumas bandas a fazer OSDM, claro que havia, mas não havia um nicho em que fossemos encaixar. Não havia uma comunidade coesa como há agora, por isso não entrámos nisto com nenhum outro objectivo que não fosse fazermos este tipo de som porque é a música que queremos ouvir. Sei que soa a *cliché*, mas foi mesmo isso.

Atingem agora o terceiro álbum e o «Genocide Pact» traz mudanças. Tentaram fazer conscientemente alguma coisa de forma diferente?
Sim e não. Na verdade, tentámos cortar tanto quando possível as "gorduras" dos temas, se é que me entendes. No disco anterior, o «Order Of Torment», que foi o nosso primeiro lançamento pela Relapse, decidimos que estava na altura de sermos um bocado mais experimentais e queríamos fazer coisas diferentes, o que acabou por levar-nos a escrever temas com mais mudanças de tempo e outras cenas que, na verdade, nunca tínhamos explorado neste contexto. Como é lógico, estamos muito orgulhosos do que fizemos nesse disco, mas percebemos que a brutalidade mais agreste e arcaica nos assenta melhor, por isso tentámos tornar os temas mais directos e sem tantas mudanças rítmicas, o que pode soar um bocado idiota da nossa parte, mas era isso mesmo que queríamos fazer. [risos] Queríamos trucidar as pessoas, queríamos escrever o máximo de bons riffs possível, mas mantendo-nos mais ou menos sempre no mesmo ritmo. Acho que, ao longo dos anos, fomos crescendo e tornámo-nos uma banda melhor, por isso sabemos como escrever boas canções sem termos necessidade de recorrer a truques.

"Queríamos trucidar as pessoas, queríamos escrever o máximo de bons riffs possível."

Estávamos a falar em *off* e mencionaste que foram vítimas do brutal atraso por que as fábricas de vinil estão a passar actualmente...
Sim, tivemos de esperar bastante mais para lançar o álbum do que tínhamos antevisto. Como as pessoas devem saber, nos Estados Unidos as fábricas estão totalmente atoladas com encomendas e, resultado disso, verificam-se atrasos brutais na entrega dos produtos. Tenho a certeza que está a acontecer o mesmo na Europa. Entregas um disco à editora, pensas que será lançado daí a seis meses e, agora, quase tem de se esperar um ano inteiro. É de loucos, meu! Quando recebi o produto final, fiquei super entusiasmado, claro. Foi para isto que estivemos a trabalhar este tempo todo, e melhor ainda foi tocar pela primeira vez alguns destes temas ao vivo.

Já voltaram aos concertos, então?
Ao fim de mais de um ano, sim – finalmente. Voltámos aos palcos há uns meses, mas temos estado a fazer as coisas de forma descontraída, temos dado alguns concertos, sem darmos aquele passo definitivo para uma digressão a sério. Nós vivemos em Washington DC e nesta costa dos Estados Unidos há muitas cidades perto umas das

É engraçado como, mesmo sem ouvir uma nota que seja, podemos antever esse radicalismo da abordagem comparando a capa deste disco com a do anterior.
É fixe que tenhas notado isso, porque a nossa ideia era exactamente essa. Foi por isso que introduzimos também um novo logótipo. No «Order Of Torment» trabalhámos com o lendário Joe Petagno, que fez essa ilustração maravilhosa, mas em retrospectiva não sei se terá sido a melhor opção para nós. Atenção, continuo a achar a ilustração espectacular e é óptimo que tenhamos tido oportunidade de trabalhar com um artista tão talentoso, só não acho que o resultado nos tenha representado a 100% como banda. Além disso, estes temas precisavam de uma representação visual muito mais crua e feia, porque a nível musical a abordagem também é mais crua e feia. Na verdade, isto acaba por ser tudo um reflexo do mundo em que vivemos hoje em dia, estes últimos dois anos foram duros para toda a gente. Sobretudo nos Estados Unidos, onde a pandemia é só um dos problemas.

DISCO DO MÊS

FUNERAL MIST

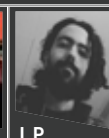
«Deiform»

[NORMA EVANGELIUM DIABOLI]

Não foi muito o tempo de convivência com «Deiform», o novo álbum dos Funeral Mist, mas foi o suficiente para um momento "*stop the press*" e elegê-lo como o disco do mês. Desde 2003, com «Salvation», que os Funeral Mist nos têm proporcionado esses momentos, especialmente «Maranatha», que é um dos melhores discos de black metal do século XXI, e este quarto álbum não constitui excepção a uma discografia imaculada, talvez das mais sólidas do género. Apesar dessa homogeneidade qualitativa, e com traços identitários bem vincados, nunca temos a sensação de estar a ouvir um dos discos anteriores, revelando a honestidade artística de quem não joga pelo seguro. À ortodoxia de matriz é incutida originalidade e personalidade, com riffs com tanto de surpreendente quanto de familiar, e dinâmicas que criam passagens hipnotizantes e texturas imersivas. A estrutura não é o clássico verso-refrão, e tem até o seu quê de progressivo, mas a música dos Funeral Mist consegue manter-se apelativa e memorável. Ficamos com as melodias no ouvido, sendo «Apokalypticon» uma das mais aparentemente simples e eficazmente arrasadoras composições de Arioch, com «In Here» e «Children Of The Urn» a afirmarem-se como das mais ambiciosas. E não há cá discursos da Greta, apenas trevas e a cinza da destruição. [9] R.S.A.

L! RANKING

JANEIRO 2022

	E.F.	J.B.	J.C.S.	J.M.R.	J.R.	 L.P.	R.A.	
CULT OF LUNA «The Long Road North»	7,5	7,5	6	8	8,5	7	8,5	**7,57**
BUÑUEL «Killers Like Us»	7	5	9	7,5	8,5	8	7,5	**7,50**
SHAPE OF DESPAIR «Return To The Void»	7	6	8,5	7,5	7	6,5	8	**7,21**
AMORPHIS «Halo»	6,5	9,5	8	7	8	4	7	**7,14**
EARTHLESS «Night Parade Of One Hundred Demons»	8	7	7	8	6,5	6,5	7	**7,14**
BATTLE BEAST «Circus Of Doom»	6	9	3	5	6	2	6	**5,29**

ABHORIA

«Abhoria»

[Prosthetic]

Estreia absoluta de um novo colectivo norte-americano de black metal, mas mais inclinado para as raízes europeias do género, do que militante de dissonâncias que costumamos associar ao USBM. Satyricon e Behemoth são dois nomes que podemos tirar do saco das comparações, num registo bem engendrado, mas que não se destaca por nada de exactamente muito excitante. Consta que os membros dos Abhoria trabalharam as suas partes para este disco completamente à distância e só se encontraram no fim das gravações. Não é de estranhar, portanto, a falta de chama geral de um álbum em que a bateria parece programada (e não há nota de que algum dos elementos deste trio de L.A. seja baterista). Outro aspecto que cria ambiguidade neste material é a produção moderna, justaposta à tal composição tendencialmente *old school*. A componente lírica é marcada pela negatividade contemporânea e distopias afins, num lançamento que vale também pela pintura de Adam Burke para a capa. [5.5] N.S.

AEGRUS

«The Carnal Temples EP»

[Osmose]

Regresso do quarteto finlandês, que se inscreve numa escola de black metal que reúne diversos nomes do país. Black metal negro, rápido e furioso é o que caracteriza o som deste grupo que no novo EP mantém a formação já estabelecida no último álbum de estúdio, «In Manus Satanas» de 2019. Apesar disso, neste trabalho há temas mais melódicos, com solos de guitarra bem definidos e até clássicos, como no tema «Moonlight Coffinspirit», onde a guitarra assume todo um protagonismo, através dos solos. Explorando temas longos, embora nunca ultrapassando os seis minutos de duração, sente-se perfeitamente como a incorporação oficial de Serpentifer trouxe mais riqueza às dinâmicas do grupo. Com um som mais limado, e num selo com mais expressão como é o caso da Osmose, provavelmente os Aegrus irão conseguir uma exposição maior. Para já, o EP, sem ser inovador, revela um grupo coeso e um som interessante, elevando as expectativas para o próximo longa-duração. [7.5] E.F.

ANNA VON HAUSSWOLFF

«Live At Montreux Jazz Festival»

[Southern Lord / Pomperipossa]

«Live At Montreux...» é o primeiro disco ao vivo da compositora sueca e vem abrir uma pequena janela para o passado criativo de uma das figuras proeminentes dessa atitude de liberdade insolente que é o desmantelamento das fantasmagorias pop, mediante a mobilização de texturas que denunciam uma ligação umbilical à cultura underground e avant-garde. Gravado em 2018 aquando da passagem pelo icónico festival suíço, o disco deixa para a posteridade o concerto de abertura para Nick Cave And The Bad Seeds, reunindo seis temas retirados dos álbuns «The Miraculous» e «Dead Magic» onde podemos encontrar Hausswolff em pleno fulgor performativo, numa entrega que permite antecipar uma extraordinária sensibilidade perante a respiração instrumental dos temas. Este continua aliás a ser um dos traços mais vincados do seu nervo, a forma como alia um extraordinário domínio da plasticidade da voz a um sentido de composição arrebatador: há toda uma dimensão espectral que o presente disco traz para primeiro plano, numa experiência de audição permanentemente efervescente. [8] J.R.

BATTLE BEAST

«Circus Of Doom»

[Nuclear Blast]

Tem sido interessante observar e comparar os lançamentos entre os Battle Beast e os Beast In Black, esta última projecto de Anton Kabanen, membro fundador dos Battle Beast. E após a decepção que foi o mais recente trabalho da banda de Anton, as expectativas não eram altas, confessamos. Nos últimos tempos a banda tem vindo a adocicar o som, andando mais próxima de uns Within Temptation do que de uns Sabaton. Este álbum não altera nada essa percepção, mas o que mostra é uma banda com uma capacidade única para fazer grandes temas. Tudo bem, podemos estar a falar de temas que não soariam deslocados num festival da Eurovisão ou como bandeira do mais recente filme do 007, o que logo à partida poderá afastar muitos, mas a verdade é que é música que continua a ter peso, continua a ter guitarras e continua a ser *catchy* como tudo. Isto sem adulterar a sua identidade ou sequer a ideia que temos deles. Missão cumprida num álbum competente. [7.5] F.F.

BLACK CRUCIFIXION

«Triginta»

[Seance]

30 anos depois do aparecimento original dos Black Crucifixion, quando pensamos em black metal

AMORPHIS

«Halo»

[ATOMIC FIRE]

Claro que todas estas opiniões são discutíveis, mas pode-se dizer que os Amorphis nunca fizeram um álbum mau, parecem ser fisicamente incapazes mesmo que tentem. Apesar disso, também será preciso admitir – especialmente para os "velhotes" que os acompanham desde o princípio e têm uma visão mais global da sua carreira – que houve ali uma altura em que se refugiaram num certo conforto, numa solidez sem grandes sobressaltos, mas também sem grandes rasgos extraordinários de génio. Para aí do «Skyforger» para a frente, não? A qualidade excepcional de todos os músicos e o estatuto que adquiriram – com todo o mérito, note-se – garante um nível "mínimo" que lhes permite não ter que tomar grandes riscos. Tudo bem, é uma opção, mas quem ficou doido com o «Elegy» ou com o «Eclipse» (para não ir sequer *àquele* "clássico" imortal do antigamente) tem sempre uma pontinha pequenina de desilusão a cada álbum bom-mas-não-incrível, a cada conjunto de onze ou doze malhas onde sabemos que só uma ou duas é que vamos querer mesmo-mesmo ouvir daqui a meia dúzia de anos. Ora bem, só a perspectiva dada pelo tempo é que vai permitir confirmar isto, mas «Halo» parece, felizmente, quebrar um pouquinho com essa tendência. Talvez uma liberdade maior trazida para o subconsciente do Esa Holopainen pelo extraordinário – e pouco louvado – projecto Silver Lake, como o próprio admite na entrevista que tivemos com ele nesta edição, tenha ajudado, mas seja qual for a causa, nota-se um *edge*, uma agressividade, uma agilidade de composição, até na variedade vocal acrescida de Tomi Joutsen (sim, mais que o habitual, que já não é coisa pouca), que volta a ter aqui uma *performance* brilhante, que demarca este álbum desta fase dos últimos dez/doze anos mais do que qualquer outro desse período. E grandes malhões espalhados pelo álbum todo, como «Northwards», «The Moon» ou «Seven Roads Come Together». Para já, «Halo» tem toda a pinta de ser o melhor dos Amorphis deste século logo a seguir ao «Eclipse». **[8]** J.C.S.

finlandês, vêm-nos mais facilmente à cabeça os Beherit (cujo Sodomatic Slaughter até fez parte da formação original dos autores de «Triginta»), Archgoat, ou Circle Of Ouroborus. A explicação estará parte no interregno gigante entre o «Promethean Gift» e o «Faustian Dream», parte na subsequente modernização do som e pendor doom/gótico que adquiriram. É precisamente essa mutação que explica a beleza de discos como «Coronation Of King Darkness» e «Lightless Violent Chaos», pelo que há valor na obscuridade. A celebrar o 30.º aniversário surge então «Triginta», uma colecção de três belíssimos originais, que devem mais ao catálogo do Tom G. Warrior (sobretudo a «Throneburner») do que propriamente ao black metal finlandês. Aos três originais, seguem-se gravações ao vivo que cobrem sobretudo a segunda fase da existência da banda, mas que para além de darem uma ideia do que de bom espera quem os ver ao vivo, pouco ou nada acrescentam às versões de estúdio das mesmas. Como EP de três temas, vale no entanto bem a pena. [6.5] L.P.

BORIS

«W»

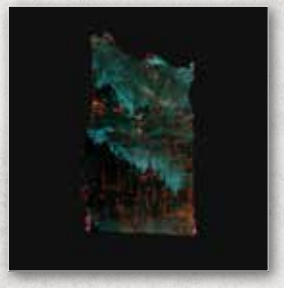
[Sacred Bones]

Em 2020 os Boris tiveram em «NO» um dos trabalhos mais afirmativos da sua extensa discografia, talvez até o mais consistente desde «Smile». Para isso, muito contribuiu a sua veia hardcore, que tão bem conjugada foi com outros traços tão característicos da banda, e este trabalho surge agora como um seguimento a «NO», acrescentando-lhe uma letra para que o conjunto se intitule «NOW». «W» é a ressaca depois da noitada no clube punk de Tóquio, tratando-se de um trabalho mais atmosférico e que explora outro tipo de texturas. Apenas se ouve distorção a partir do quinto tema, «Jozan», e trata-se de uma breve excepção pois a toada do disco é sempre mais cinematográfica – como o tema «Old Projector» parece querer afirmar. Em conjunto, «NOW» (ou seja, este e o anterior), condensam todo o espectro de emoções que têm sentido nos últimos dois anos, o que torna esta sobremesa mais pertinente assim do que isolada. [6] R.S.A.

CULT OF LUNA

«The Long Road North»

[METAL BLADE]



Existem muito poucas maneiras de descrever os Cult Of Luna que não envolvam alguma variação das palavras "consistente" ou "excelente". Durante as últimas duas décadas, os suecos posicionaram-se entre as melhores bandas de post-metal do mundo. E sim, quando muitos da "velha guarda" do género deixaram de o ser ou se afastaram radicalmente do modelo original, estes músicos mantiveram-se firmes, dando um interesse revitalizado a um género que muitos estavam dispostos a descartar como obsoleto. Vai daí, a arte com que sempre misturaram momentos de luz etérea com doses de peso impulsionado pelo sludge continua a ser um deleite sónico, que conservou uma horda de fãs ao longo dos anos. Estabelecidos com os primeiros três discos, foram explorando de forma inteligente a fórmula vencedora do «Salvation» e, progressivamente, aumentaram a sua base sonora de acção, com o pendor para a criação de épicos narrativos a culminar num «Vertikal» muito cinzentão – inspirado pelo «Metropolis», de Fritz Lang – e na colaboração com Julie Christmas no muito mais luminoso «Mariner». Nesse sentido, o «A Dawn To Fear», de há dois anos, foi um passo atrás, mas não menos satisfatório para os fãs de longa data, com o colectivo encabeçado por Johannes Persson a assinar um dos registos mais pesados em muito tempo. Este «The Long Road North» não reserva grandes surpresas, e está para o «A Dawn To Fear» como o «Eternal Kingdom» esteve para o «Somewhere Along The Highway». Ou seja, não é um desvio do modelo original, conserva os elementos a que nos habituaram todos no sítio, mas é uma peça muito bem executada de post-metal. Ouvidos estes nove temas há, no entanto, duas lições a reter: primeiro, não há outra banda como esta a pegar nas ideias e a expandi-las, de forma hipnótica, até o riff estar completamente seco; segundo, fazem-no com uma classe invejável. **[8]** J.M.R.

BUÑUEL

«Killers Like Us»

[Profound Lore]

Quando uma banda se nomeia em homenagem a Luis Buñuel, renomeado cineasta espanhol/mexicano aclamado pelo seu surrealismo, fica-se na expectativa que a viagem sonora seja pelo menos tão aventureira e arrojada como o próprio. E, como se isso não bastasse, quando se assimila que este quase super-grupo maioritariamente italiano é na realidade encabeçado por Eugene S. Robinson, o carismático e enigmático vocalista dos Oxbow – peculiar na sua abordagem vocal, lacerante na sua lírica, e tão físico em ambas como observável pela sua envergadura –, fica a ideia que o que nos aguarda é francamente (e no bom sentido) inesperado. Ao terceiro álbum, os Buñuel continuam a pegar numa base de noise rock, se é que podemos efectivamente considerar essa como a mais facilmente nominável pedra basilar, e a extrapolá-la na direcção que bem entendem, jogando sempre na demarcação do desconforto: há os momentos mais angulares e maquinais de «It's All Mine», o arrastar quase dronesco/doomesco de «Hornets» e «When We Talk», a postura mais corrida de «When God Used A Rope» até à aceleração de «Roll Call», sem descurar tanto o lado mais melódico (mas ominoso) de «Crack Shot» como a conduta quase *film noir* de «For The Cops». Agora com a chancela da canadiana Profound Lore, que tenham os voos mais intercontinentais que já lhes são merecidos. [8] P.C.S.

CELESTE

«Assassine(s)»

[Nuclear Blast]

Quarteto em contínua ascensão de visibilidade popular desde a estreia com o já longínquo «Nihiliste(s)», os franceses Celeste regressam em força agora pela mão da Nuclear Blast, num registo que à luz dessa condicionante não tem muito com que surpreender (lamentavelmente) aqueles que têm vindo a acompanhar com curiosidade o percurso do grupo. «Assassine(s)» relega para segundo plano o sentido de agressão e profundidade de uma proposta como o anterior «Infidele(s)», dando espaço a uma mescla post-metal meio *à la carte*, onde os traços mais identitários da banda se diluem por caminhos descaracterizados. Apontamentos hardcore como no «Misanthrope(s)»? Nem com uma lupa. A progressão e sentido rítmico que têm derivado de forma mais ou menos automática das margens do djent continua presente, mas por outro lado há aqui um sentido melódico como ainda não tínhamos ouvido, uma atmosfera que quando se cruza com a criatividade percussiva num tema como «Nonchalantes De Beauté» dá a ver um lado mais dinâmico da banda. Tudo no sítio certo, mas sempre previsíveis. O problema está também na produção de Chris Edrich (Gojira, Tesseract…): formulaica e muito pouco desafiante, a arrastar constantemente a sonoridade dos franceses para o rés do chão do lugar comum. [6.5] J.R.

THE CHISEL

«Retaliation»

[La Vida Es Un Mus]

Dá que pensar, quando te apercebes que os britânicos The Chisel surgiram já num mundo pós-COVID

Já era ponto assente que a cena punk/hardcore/oi! estava a passar por uma fase fortíssima na última década e pode-se dizer que os The Chisel juntamente com os Chubby And The Gang são dois dos expoentes máximos dessa cena. Não será de estranhar também que ambas as bandas partilhem membros e que no pedigree destes The Chisel estejam igualmente bandas como Violent Reaction ou Arms Reach. Também não é inocente o facto de Jonah Falco, baterista dos Fucked Up!, se ter mudado para o Reino Unido e que tenha começado a produzir uma larga fatia do que de bons lançamentos esta cena nos tem proporcionado. Ora bem, «Retaliation» chegou tarde no ano, mas tem potencial para ser um dos melhores de 2021. Há aqui sujidade com fartura, atitude *in your face*, guitarras agudas e estridentes, andamentos a pedir épicos *circle pits* e *sing alongs* do início ao fim, de preferência de punho no ar. Este LP de estreia vai causar um grande impacto e cimentar sem dúvida os The Chisel como uma das principais bandas punk contemporâneas. [8] D.R.

COILGUNS

«Shunners/Burrows»

[Hummus]

Para os mais distraídos, este quarteto suíço, composto por uma maioria que tem The Ocean no currículo, já conta com cerca de uma década de existência, pautada por três trabalhos de longa-duração e uma série de *splits*, que bem demonstra como podem ser considerados uns daqueles filhos bastardos dos enormes Breach. São apenas dois os novos temas, logo identificáveis no nome deste EP de menos de nove minutos, com que pretendem captar a nossa atenção para o potencial do material que se avizinha, mas fazem-no com particular coesão, mesmo para uma banda que se gaba de gravar ao vivo, sem direito a corte e costura, uma sonoridade que carrega nas mangas influências algo abrasivas, entre contornos mais caóticos ou matemáticos. O primeiro tema desencadeia um crescendo dinâmico, enrolado em aliterações e anadiploses, que rebenta num colossal riff angular pela marca dos dois minutos, enquanto o segundo se mostra mais redondo e directo, como algo comparável aos suecos Burst com eventuais coros quase à Baroness. Depois de muita repetição, é impossível não ficar curioso com o que aí virá. [8] P.C.S.

COMEBACK KID

«Heavy Steps»

[Nuclear Blast]

Regresso dos canadianos Comeback Kid aos álbuns, depois de «Outsider» que já data de 2017, e embora os seus elementos se encontrem espalhados por diferentes cidades, regressaram à sua Winnipeg natal para gravar «Heavy Steps» com John Paul Peters, que já tinha trabalhado no disco de estreia «Turn It Around». Há, portanto, um palpável sentimento de regresso às raízes, com o peso e a intensidade tão característicos do seu início de carreira, mas os Comeback Kid sempre conseguiram ir incluindo novas ideias nos seus discos, o que os tem tornado num dos nomes incontornáveis da cena hardcore nos últimos anos, e «Heavy Steps» não constitui desvio a esta trajectória. Joe Duplantier, dos Gojira, surge como convidado em «Crossed», mas é mais pelo *name dropping* que propriamente por acrescentar algo à canção, que sobreviveria sem o seu contributo (a não ser que tenha composto o riff inicial, que tem semelhanças com o seu estilo), acontecendo exactamente o mesmo em «Everything Relates» com JJ (Deez Nuts). Mais um grande disco dos CBK, a elevar a fasquia do hardcore em 2022. [8] R.S.A.

DEATHLESS VOID

«Deathless Void»

[Iron Bonehead]

Tortuosos até mais não, os Deathless Void são a mais recente proposta do black metal neerlandês. Neste primeiro auto-intitulado EP, filtram logo os ouvintes com uma violenta parede de noise que ocupa o primeiro tema inteiro, dando lugar a um furioso e ortodoxo black metal nos dez minutos combinados das outras duas composições. A nota de imprensa que acompanha o lançamento aponta para os Thorns *circa* 2001, os Katharsis de fim de carreira, e os Antaeus, e se por um lado se compreendem as referências, a não ser que sigamos para as *demos* dos últimos, este «Deathless Void» é uma besta consideravelmente mais imunda em termos texturais, como se o pessoal responsável por esta novidade estivesse com um ouvido nos nomes referidos e outro fixado no fenómeno neerlandês da The Throat, tão bem exemplificado naquela barulheira infernal dos Faceless Entity. Vagamente enquadrado o vazio, importa realçar que é mesmo só um enquadramento, e que se estão à procura de black metal imprevisível, de difícil audição, e que combina um amor pela baixa fidelidade e vozes de fundo do poço com uma saudável definição instrumental e riffs tradicionais, então prestem atenção a este pessoal, que a estreia promete. [7.5] L.P.

Piranha
Loja de Música
226091004
piranhacd@gmail.com
www.piranhacd.com
C. C. Parque Itália, Loja 73 - 1º / Rua Júlio Diniz, nº 752 - Porto

FUNERAL MIST (MARDUK) DEIFORM
WIEGEDOOD THERE'S ALWAYS BLOOD AT THE END OF THE ROAD
PENSÉES NOCTURNES DOUCE FANGE
DER WEG EINER FREIHEIT NOKTVRN
NEGURĂ BUNGET ZĂU
BORIS W
DIABLO SWING ORCHESTRA SWAGGER & STROLL DOWN THE RABBIT HOLE
LACRIMOSA LEIDENSCHAFT
BEHEMOTH IN ABSENTIA DEI (2CD'S+BLURAY)
CRADLE OF FILTH EXISTENCE IS FUTILE (BOX/CD DIGIPAK/LP RED)
EDGE OF FOREVER SEMINOLE
EPICA OMEGA ALIVE EARBOOK (2CD'S+DVD+BLURAY)
RHAPSODY OF FIRE GLORY FOR SALVATION (ED. LDA)
KISSIN' DYNAMITE NOT THE END OF THE ROAD
THE THREE TREMORS (TIM "RIPPER"OWENS) GUARDIANS OF THE VOID
TONY MARTIN THORNS
KK'S PRIEST (JUDAS PRIEST) SERMONS OF THE SINNER
BATTLE BEAST CIRCUS OF DOOM
SONATA ARCTICA ACOUSTIC ADVENTURES - VOLUME I
RUNNING WILD BLOOD ON BLOOD (DIGIPAK)
MAGNUM THE MONSTER ROARS
MÃGO DE OZ BANDERA NEGRA
CRYSTAL BALL CRYSTERIA
TOKYO BLADE FURY
ARMORED SAINT SYMBOL OF SALVATION (CD+DVD DIGIPAK)
THE FERRYMEN ONE MORE RIVER TO CROSS
DREAM THEATER A VIEW FROM THE TOP OF THE WORLD (DIGIPAK)
PRAYING MANTIS KATHARSIS
SWALLOW THE SUN MOONFLOWERS (ED. LDA MEDIABOOK / 3LP'S+CD)
KATATONIA MNEMOSYNEAN (2CD'S MEDIABOOK)
LIGHT OF THE MORNING STAR CHARNEL NOIR (DIGIPAK)
EMMA RUTH RUNDLE ENGINE OF HELL
INSOMNIUM ARGENT MOON (DIGIPAK)
DAWN OF SOLACE FLAMES OF PERDITION
SKEPTICISM COMPANION
MØL DIORAMA (DIGIPAK)
BE'LAKOR COHERENCE
CYNIC ASCENSION CODES
MASTODON HUSHED & GRIM (2CD'S ED. LDA / LP)
KHEMMIS DECEIVER
SINISTRO LIVE AT ROADBURN (LP)
HYPOCRISY WORSHIP
FIT FOR AN AUTOPSY OH WHAT THE FUTURE HOLDS
PATHOLOGY THE EVERLASTING PLAGUE
CARCASS TORN ARTERIES (DIGIPAK)
OBSCURA A VALEDICTION (CD / LP)
LOCK UP THE DREGS OF HADES
UNLEASHED NO SIGN OF LIFE (ED. LDA DIGIPAK)
EXODUS PERSONA NON GRATA (CD+BLURAY)
ABORTED MANIACULT
KREATOR VIOLENT REVOLUTION (REEDIÇÃO 2CD'S/2LP'S)
POWERWOLF BLOD OF THE SAINTS (10TH ANNIVERSARY EDITION EARBOOK)
HAMMERFALL RENEGADE 2.0 (20TH ANNIVERSARY EDITION 2CD'S+DVD BOX)
MEGADETH UNPLUGGED IN BOSTON (DIGIPAK)

ENVIAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS
TODOS OS TÍTULOS REFERIDOS NA REVISTA LOUD!, ESTÃO À VENDA NA PIRANHA
ABERTOS SEGUNDA A SEXTA: 11 às 21 H | SÁBADOS: 11 às 13 - 15 às 20 H | DOMINGOS: 15 às 19 H

DISHELL

«Teutonic Beat»

[Selfmadegod]

Se estão a precisar de renovar o vosso *stock* de crust, daquele bem regado a d-beat e com o intuito de varrer tudo à frente, sempre a rock'n'rollar – vá, posto em termos simples, uma padeirada à antiga, sem espinhas, sem tempo para grandes solos, arranjos melódicos ou quaisquer outras tretas cujo divertimento não seja estar constantemente de punho no ar –, tenham então em atenção este segundo álbum dos Dishell e aproveitem para colocar o vosso polaco em dia – sim, à parte da homenagem patente no nome do disco, só é perceptível pelos títulos das duas últimas músicas que esta rapaziada, fora lamentos, não é muito amiga da polícia, mesmo com uma soletração um pouco diferente. Desta vez sem versões de Doom, Darkthrone ou Celtic Frost, a veneração é feita em exclusivo à sonoridade de Anti Cimex e Disfear, e acrescentar algo muito mais além do limite de 666 caracteres que a banda, se pudesse, nos colocaria, é uma perda de tempo em que não se está a desbravar terreno. [7.5] P.C.S.

EARTHLESS

«Night Parade Of One Hundred Demons»

[Nuclear Blast]

É o regresso aos discos de estúdio, com o primeiro álbum em quatro anos. São apenas três temas, inspirados no Hyakki Yagyō, ou noite dos cem demónios, lenda japonesa que refere uma parada de demónios, fantasmas e outras criaturas sobrenaturais que desfilam pelas aldeias, uma vez por ano. Essa mesma lenda afirma que quem presenciar a procissão sobrenatural, morre instantaneamente. Claro que depois da escuta, apenas se pode usar a informação para entender a capa, pois o que o grupo norte-americano oferece são três longos instrumentais que se revelam, como sempre, enormíssimas *jams*. Ao contrário de muitos congéneres, em que o instrumental, e a respectiva *jam*, serve apenas para deambular através de acordes repetidos, no meio de uma névoa alucinogénica, com os Earthless a música brota numa cascata de notas, onde pontuam os solos de guitarra de Isaiah Mitchell, que neste trabalho se abstém de abordar as vozes. Música pura e bruta. [8] E.F.

EIGHT BELLS

«Legacy Of Ruin»

[Prophecy]

Banda liderada por uma força feminina, o nome Eight Bells deverá soar estranho à maioria, pese embora as afinidades estabelecidas com uns tais de Agalloch ou Voivod, com os quais já partilharam digressões, e o facto de terem assinalado a primeira década de existência em 2021. Alvo de maior atenção por parte da Prophecy Productions, «Legacy Of Ruin» reúne atributos mais do que suficientes para fazer virar algumas atenções para o trabalho conduzido por Melynda Jackson, aqui ladeada por dois músicos que deitam por terra a ideia de banda exclusivamente constituída por mulheres que se lhes quis colar a dada altura. Ao terceiro disco de originais encontramos uma sonoridade desafiante, que explora paisagens tão distintas como o doom metal, o black metal, o rock progressivo ou o psicadelismo, num caldeirão de influências e paisagens sonoras que ora movem forças ocultas do rock de décadas passadas com reminiscências ao pioneirismo de uns Coven, ora demonstram vontade em arriscar e articular essa abordagem mais revivalista com toda uma aura mais vanguardista, embora mística e envolvente, própria de nomes como Völur, Forlesen ou Lotus Thief. Os 46 minutos que aqui apresentam primam pela diversidade e pelo equilíbrio com que exploram atmosferas tão distintas de uma forma tão coesa e natural, passando, numa mesma canção, de momentos de pura e reconfortante contemplação para descargas viscerais de agressividade, sendo «The Crone» um exemplo perfeito disso mesmo. A riqueza e a vastidão sónica e conceptual de «Legacy Of Ruin» requerem dedicação e um estado de espírito propenso ao desafio e à exploração, com a premissa de que, no final, o esforço compensará e alma agradecerá. [8] R.A.

THE LURKING FEAR

«Death, Madness, Horror, Decay»

[CENTURY MEDIA]

Editado em 2017, o álbum de estreia dos The Lurking Fear revelou-se uma excelente surpresa, graças ao death metal sem grandes espinhas, e de inspiração OSDM, canalizado por um verdadeiro quem é quem do underground extremo sueco. Composto por 3/5 dos At The Gates, mais o Fredrik Wallenberg dos Skitsystem e o Andreas Axelsson dos Disfear, o quinteto provou que, às vezes, ter tanto talento numa sala pode mesmo funcionar. Vai daí, o «Out Of The Voiceless Grave» estabeleceu-os como mais uma aventura paralela a que merece prestar atenção. Quatro anos depois, «Death, Madness, Horror, Decay» vem compensar a espera, mostrando os cinco músicos ainda mais focados e acutilantes na arte de fazer bom death metal enraizado nos clássicos do género. Resultado, este segundo LP afirma-se como um furacão musical que suga o ouvinte com o petardo duplo que é a abertura com «Abyssal Slime» e «Death Reborn» para, pouco mais de meia hora depois, o cuspir para cá para fora com «Leech Of The Aeons», um tema de cinco minutos que, no contexto da descarga, até pode parecer progressivo, mas que, depois de um início mais sombrio, permite à besta do death metal vir ao de cima novamente. Porque sim, porque é isso que se trata aqui, death metal de pendor *old school*, com o ADN de alguns influentes músicos do underground sueco muito bem marcado também. [8.5] J.M.R.

FERE

«Visceral»

[Ragingplanet]

Segundo longa-duração para este colectivo nacional de post-rock. Menos denso que o trabalho anterior, «Visceral» é, antagonicamente ao título, um disco mais de texturas sonoras, divagações musicais. Ao longo de cinco instrumentais, o quarteto navega já sem a ira de antes. Claramente exemplar disso a menor densidade de cordas com que «Reflexo» termina, num registo que antes seria uma imensa vaga sonora e agora soa mais como uma ligeira ondulação. O minimalismo prossegue, procurando-se aqui e ali a nota *ad aeternum*, por vezes ensaiando-se a aproximação que soa a *slide guitar*, sem nunca ousar entrar definitivamente no campo. É escutar o início de «Raíz» e perceber a vontade de entrar em outros terrenos, mas nunca assumida claramente, ao ponto de permitir ao grupo evoluir para um campo que saia do já estabelecido por outros nomes, inclusive a nível nacional. Disco de mutação, surge num momento em que o grupo se altera profundamente em termos de formação, ficando em aberto o futuro sonoro do projecto. [7] E.F.

FIT FOR AN AUTOPSY

«Oh Wait What The Future Holds»

[Nuclear Blast]

A dedicação de bandas como Fit For An Autopsy faz com que, em uma década,

já tenham produzido meia dúzia de álbuns. Para além dos incontáveis concertos, tendo a agenda bem preenchida até Fevereiro na América e, em Maio, na Europa (assim a *fuckin'* COVID o permita). É um erro colocar a maioria dos colectivos deathcore no mesmo saco dispensável, e deve-se tentar perceber os méritos de uma banda que chega aqui com seis álbuns e uma já considerável legião de seguidores. «Oh Wait What The Future Holds» reflecte muitos dos *clichés* do género, mas é também um álbum repleto de dinâmicas que tornam estes 45 minutos numa experiência bem passada. A capacidade musical a este nível é, como se adivinha, altíssima e, como se não bastasse a dupla de guitarristas fundadores, temos um terceiro a garantir a parede sónica que se impõe e indispensáveis *leads*. Entre *breakdowns* de partir o pescoço e a impetuosidade vocal de Joe Badolato, temos momentos que fogem ao carimbo do deathcore como o início *deftoniano* de «Two Towers» e a claridade vocal de «The Man That I Was Not» para fecho de disco. Como se percebe pelo título e capa «Oh Wait What The Future Holds» é mais um exercício artístico distópico, por parte de uma geração cercada de disparidades sociais e sem muita esperança no futuro. [7] N.S.

FULL BUSH
«Movie Night»
[Brutal Panda]

As próprias explicam: "*este EP é sobre mudança. Seja dentro de nós ou fora, os últimos anos viram grandes mudanças, individualmente e como banda, para todos nós. O «Movie Nights» é o fim do diálogo interno, o momento em que percebes que tens o controle e que já não estás a lidar com merdas.*" Para além disso, "*YOU DON'T UNDERSTAND SHIT!*", reiteram no tema-título. Bem, olá Full Bush, como têm passado nestes três anos que nos separam do vosso disco de estreia? Pelo som das coisas, em ebulição... ou terá sido só em combustão lenta? Agora mais enraizado no post que no punk do post-punk, este disco mostra o quarteto a explodir, de forma pontual, em cascatas surpreendentes – e também emocionantes – de ferocidade. Revelando confiança considerável, em grande parte do EP a banda expressa uma tendência para a criação de acordes *bluesy*, sabe como mergulhar no vasto poço do slowcore e aposta em melodias vocais muito bem pensadas, numa fusão de sons que lhes permite evocarem uma sensação de força mesmo quando os temas ficam mais lentos e/ou planantes. Ajuda também que, dentro da palhetada rock, consigam apelar ao abanar de ancas, com as linhas de baixo a revelarem-se cativantes. [7] J.M.R.

GEMINI SYNDROME
«3rd Degree – The Raising»
[Century Media]

Como o próprio título indica, «3rd Degree – The Raising» marca o terceiro disco de originais dos norte-americanos Gemini Syndrome, o último capítulo de uma trilogia conceptual que aqui se encerra e que marca a estreia da banda pela Century Media. Dando seguimento a uma carreira iniciada em 2010, este terceiro tomo dá seguimento a uma sonoridade explorada em trabalhos anteriores, aqui amplificada em termos de riqueza melódica e de elementos que apontam cada vez mais baterias a um espectro mais mainstream e de fácil digestão do rock musculado que se convencionou chamar de alternative metal e que traz evidentes reminiscências ao mal amado nu metal. Os ingredientes estão todos lá, desde os *samples* e sintetizadores que dão aquele toque de Midas na música da banda quando a linearidade das linhas de guitarra não o conseguem fazer, passando pela dupla abordagem vocal entre o melódico e emocional e o agressivo e berrado, até aos ganchos melódicos e refrães tão orelhudos quanto previsíveis que dão corpo a treze temas que rondam, em média, os pouco mais de três minutos de duração. Próximos do universo de uns Mudvayne ou Five Finger Death Punch, a fórmula é, portanto, mais do que batida, assim como a exuberância da imagem da própria banda e da produção cintilante e explosiva de um disco que terá o seu público, principalmente do outro lado do Atlântico, mas que, desprovido de personalidade, tão depressa chega como cairá no esquecimento. [6] R.A.

IMPERIAL TRIUMPHANT
«An Evening With Imperial Triumphant»
[Century Media]

Meninos bonitos da cena de death metal avant-garde actual, os Imperial Triumphant são daquelas bandas a que a expressão *your mileage may vary* se encaixa com uma luva, ou são simplesmente geniais, ou metem demasiada esquisitice no putrefacto death metal técnico que praticam, ou ainda metem demasiado malabarismo técnico na deliciosa esquisitice de que revestem as composições. Qualquer que seja a perspectiva, os méritos artísticos e a relevância

Negro Mais Profundo

EMANUEL FERREIRA

SALQIU

Um novo ano arranca, mas os sons desta coluna ainda repercutem os de 2021. Lançamentos e reedições asseguram a frescura de um espaço de underground que se pretende pútrido. Logo nas reedições, os **HELLCHARGE** chegam com uma cassete limitada a 100 unidades, com 25 faixas. Na realidade não se trata propriamente de uma reedição, pois os temas tecnicamente são inéditos, mesmo que alguns em formato "ao vivo". O resto são malhas preparadas para *splits*, incluindo um com os Wømb, ou gravadas em ensaios, mas nunca realmente editadas. «Don't Try», assim se chama o título, assumidamente inspirado em Charles Bukowski, tem edição de autor e pode ser adquirida através do endereço necroshit@gmail.com. O lançamento visa celebrar uma década sobre a formação do quarteto. Num *crossover* entre black metal e punk, o grupo poderá soar herético para as correntes mais extremas, mas trata-se de um projecto que reuniu músicos conhecidos de nomes como Vai-te Foder, Dokuga, Alcoholocaust, ou Nuklear Goat, entre outros.

Não propriamente inédito, e natural face às migrações, surge **SALQIU**, nome inicialmente radicado no Recife, Brasil, e agora com morada na Grande Lisboa. Numa carreira com sete álbuns desde 2016, o grupo editou no passado ano dois longa-duração e um EP. Definindo-se como avant-garde black metal, o projecto tem no EP «Urban Post Black» o seu título mais recente. Os curiosos podem ainda explorar «Ignóbil» e «Lazarus Denied», todos do último ano, que se revelou muito produtivo, tal como 2020 (com quatro títulos) e 2019 (com três). Talvez seleccionar temas fosse uma opção que permitisse subir a qualidade e definir o som.

Quase omnipresentes nas edições de 2021 desta coluna, estiveram os lançamentos de **TORMENTO**, projecto de um só músico que tem vindo a crescer a cada lançamento, Dezembro passado trouxe a última de uma sucessão de quatro faixas, intitulada «Mar Das Almas». De certa forma a conclusão de uma tetralogia que se revela bastante intimista e dentro do black atmosférico. No caso deste lançamento, «Mar Das Almas» (o tema) resulta na realidade num tríptico, com «Prelúdio», «Mar Das Almas» e «Epílogo». Preparado para lançamento está também «Morte Que Vem De Dentro», que compreende duas faixas, «Demência» e «Morte Que Vem de Dentro». É possível aceder às faixas apenas através do Bandcamp de Tormento. Era interessante ver alguém pegar neste trabalho e reunir em edição física.

no panorama actual são inquestionáveis e o potencial ao vivo sobejamente bem capturado neste «An Evening With Imperial Triumphant», um álbum ao vivo que regista a *performance* da banda no The Slipper Room da sua nativa Nova Iorque que aconteceu em Setembro do ano passado, pouco tempo volvido do lançamento do aclamado «Alphaville» e cujo alinhamento se divide entre o dito álbum e o seu predecessor «Vile Luxury». Saúde-se assim a coerência do alinhamento, que se foca exclusivamente nos dois álbuns que definem o que são hoje os Imperial Triumphant; a qualidade da gravação, cujo equilíbrio entre barulheira e silêncios se evidencia logo na «Atomic Age» e ainda capta de forma sublime os sopros de «Cosmopolis»; e claro está, a *performance* em si, que sem grandes surpresas é sem espinhas. Registo obrigatório para os muitos fãs da encarnação actual do trio nova-iorquino. [8] L.P.

ITWASTHEELF
«Ancestors»
[Ragingplanet]

A memória de «Fire Green» remete para um grupo ainda em busca da definição sonora, lançando prematuramente um longa-duração. Essa ideia fica agora ainda mais carregada, quando se escuta um «Ancestors», disco grande, com personalidade muito própria em que das raízes campestres surge um trabalho ora no campo do psych rock, ora no stoner. Ainda há arestas a limar, naturalmente, como a voz, que ainda não assenta completamente nos riffs massivos e gordos, como nos primeiros segundos de «Black Caravan». O lado mais *bluesy* do stoner está também por aqui, afinal, são muitas as referências sonoras que cruzam o disco, e ao mesmo tempo nenhumas facilmente identificáveis. Mais um sinal de como o quarteto da Guarda evoluiu no saber fazer. «Sea Of Fog» inscreve-se mais no doom que no stoner, mas isso integra a diversidade do disco. Já «Dolmen» surge mais experimentalista, novamente cruzando várias vertentes que desaguam num tema mais space rock. Interessante. Muito interessante. [8] E.F.

JIM LINDBERG
«Songs From The Elkhorn Trail»
[Epitaph]

O quê?! Um vocalista de uma banda punk a fazer um disco a solo acústico cheio de influências country e americana?! Nunca pensei!!! Sarcasmo e ironia à parte, o Jim Lindberg é o vocalista dos Pennywise que existem desde final dos anos 80, mas só agora é que decidiu tentar a sua sorte a solo. Quer dizer, houve aquela fase em que saiu dos Pennywise, (e foi substituído pelo Zoli dos Ignite) e em que fez os The Black Pacific, mas isso estava mais perto de serem músicas que foram rejeitadas de um disco dos Pennywise que outra coisa. Mas calma, se estão à espera que isto seja apenas um disco acústico, estão enganados. Para além de ser produzido pelo Tedd Hutt (The Gaslight Anthem, Lucero) conta também com a participação de membros dos Social Distortion e Dropkick Murphys. São catorze malhas recheadas de refrães que te vão pôr a cantar ao fim de um par de audições, quanto mais não seja pelos "*wohoos*" da praxe. O Jim é um cantor competente e que criou a sua identidade com os Pennywise, mas que ganha aqui uma nova abordagem em que se safa bastante bem. [7] D.R.

JUNKBREED
«Music For Cool Kids»
[Ragingplanet]

Quinze segundos de «Wild Risk» e já há ali um gingar estranho. O frenesim da bateria acentua a sensação. Com a chegada da voz, vem aquele murro na cara. Punk adulto, travestido de screamo, a acender a memória dos At The Drive-In. O espancamento prossegue e quando se termina em «Lust Is Normal», já as forças exauriram, restando apenas a vontade de fazer de novo *play*. Existissem dez bandas assim em Portugal, e até o disco não causaria tanta surpresa, mas não há. Numa nação em que o rock conformado é o estilo adoptado, ou que o punk e hardcore ficam por fórmulas conhecidas, mesmo com a mais valia da energia de sangue fresco, falta algo em que o cuidado na construção musical, se cruze com raiva e faça ter a vontade de sair de casa e ver a banda em palco. A urgência de músicas como «Out There» cruza-se com a musicalidade de «Karma Is Coming». Variedade, mas em todos os temas, percebe-se que acordes e batidas estão colocados estrategicamente colocados para o assalto. Sangue bom. [8.5] E.F.

KANDIA
«Quaternary»
[Frontiers & Beyond]

O percurso dos Kandia tem-se revelado altamente irregular. Formado em 2007, o colectivo teve um período mais produtivo por volta de 2010, desaparecendo a seguir a 2013. O regresso em 2019 revelou um grupo melódico, assente em bons músicos como já era anteriormente, mas bem actualizado em termos daquilo que se fazia. O que veio a seguir foi mais que apenas efeitos de uma pandemia, já que a meio de gravação de um EP, primeiro perderam o baterista para os Moonspell, e depois com a entrada de uma grande editora internacional em cena, abortaram por completo a ideia do EP, o que nos leva directamente a este disco. Há tapetes de electrónica, sim, mas também *blastbeats*, e a voz de Nya Cruz vai do gutural, em «PBP», ao mais melódico, em «Obliterate», conseguindo sempre sair por cima. Num meio em que se confunde em demasia o que significa uma boa voz, que para alguns tem de ter formação clássica e fazer incursões pelos registos mais operáticos, é bom encontrar uma voz portuguesa, capaz de abordar o rock numa postura diferente. A inscrição do grupo no novo ramo da Frontiers terá surpreendido muitos, mas o facto é que este é daqueles álbuns que apenas se associa a Portugal porque de facto essa é a origem dos seus músicos. Tudo o resto é de nível internacional. [8.5] E.F.

LEDDERPLAIN
«In The Nightmare Land»
[Edição de autor]

Com oito anos de existência, e agora no segundo EP, os Ledderplain têm aqui um daqueles disquinhos ingénuos, honestos, que dão gosto de ouvir. Tudo é tão batido quando despretensioso. O quinteto dispara para todo o lado, no campo do melódico. Falta orientação musical. Carece de uma supervisão, corrigir coisas, limar arestas, reduzir temas. Só que depois de escutar várias vezes, mesmo com todas as pechas evidentes, o disco resulta bem. É impossível não fazer *air guitar* ao som de «Rising Of The Graves», ou sentir os solos de

guitarra. Por cada ponto positivo, há algo a corrigir, mas ao longo de todo o trabalho sente-se o amor pela música e uma inocência quase sempre ausente noutros grupos, mesmo no chamado underground. As referências são múltiplas, por exemplo «Ghost Town» inicia-se com um *lead* de Iron Maiden, mas depois entram referências mais melódicas, no campo do hard rock. Um álbum cheio de boas malhas, onde só fica a dúvida se resultou bem por acaso, ou se há lá mais matéria em bruto desta qualidade. [8] E.F.

MOTHER

«Interlude I» / «I»

[Consouling]

Após os primeiros contactos com o que aqui temos em mãos, não será sequer necessária uma pesquisa pela biografia da banda para apostarmos com grande nível de certeza na proveniência da mesma. O post-metal entorpecido pelos terrenos lamacentos do sludge e embrutecido pela abordagem visceral do black metal, envolto numa permanente e densa toada negra, remete-nos para paragens belgas, para o universo Church Of Ra e para uma influência assumida e audível com enorme clarividência que dá pelo nome de Amenra. Desde a sonoridade praticada, à abordagem vocal e à própria estética, tudo nestes Mother remete para a banda de Colin H. Van Eeckhout e seus pares, embora sem, ainda assim, podermos reduzir o que aqui apresentam à mera cópia e reduzi-lo à insignificância. Bem pelo contrário! É certo que não inventam a roda, nem tão pouco nos remetem para um estado de espírito no qual nunca estivéssemos estado anteriormente, mas a forma como este trio expurga os seus demónios e entrega a alma e o coração a um envolvente exercício de amargura e delicadeza em forma de música é digna de registo e de colocarmos esta banda na lista de nomes a seguir de perto. Excelentes referências não lhes faltam! [7.5] R.A.

MYSTIC CIRCLE

«Mystic Circle»

[Atomic Fire]

Regresso do grupo alemão ao fim de década e meia ausente das gravações. Um retorno que fica também marcado pela reunião do duo original que formou a banda num remoto 1992. Black metal com grande componente melódica, produção cuidada e composição recheada de arranjos e orquestrações é o que se ouve. Um trabalho repleto de energia, afastado do black metal da Disney em que se converteu muito do black melódico actual, com bons solos de guitarra, como o de «Belial Is My Name», vozes perceptíveis e um som tão denso como melódico, a atestar, por exemplo, pelo violoncelo a abrir «Letters From The Devil». Escutando-se temas como «The Arrival Of Baphomet», fica muita curiosidade sobre o impacto dos mesmos ao vivo, mesmo prevendo a adição de outros músicos para efectivar o som ambicioso aqui registado. Incluindo uma versão de «Death Metal» dos Possessed, o disco revela-se ambicioso e bem apelativo, mesmo que longe de inovar, e marca positivamente a reunião de A. Blackwar e Beelzebub, passado 22 anos de separação. [8] E.F.

NIHILITY

«Beyond Human Concepts»

[Vicious Instinct]

Desde que foi a anunciada a data do lançamento do segundo álbum dos portugueses Nihility que as expectativas se têm adensado, expectativas essas que foram muito bem acarinhadas pela autêntica sova que é este «Beyond Human Concepts». E que aprimora a identidade que se encontrava bem estabelecida na estreia. Aquele death metal bruto que faz lembrar alguns nomes norte-americanos mas com os seus próprios valores a surgirem na linha da frente. Pesado, sempre, mas que não dispensa também a sua dose de melodia – evidenciada principalmente em alguns *leads* e solos. Por falar em solos, os que temos aqui são especialmente inspirados, trazendo valor acrescentado a cada tema. Curto mas sem necessidade de encher chouriços, é um álbum que não inventa e sabe muito bem que é o seu público. E sobretudo como o agradar. [8.5] F.F.

OSSUAIRE

«Triumvirat»

[Sepulchral]

Com dois álbuns editados durante 2019, os Ossuaire tornaram-se em ilustres membros da cena black metal do Quebeque, surgindo agora um novo EP para cimentar essa posição. Não é aqui que se encontrará inovação ou surpresa, tão-pouco uma identidade muito vincada como acontece com as bandas francófonas do género neste lado do Atlântico, pois a ortodoxia perante os ditames

CHAOSPHERE RECORDINGS
PROUDLY PRESENTS

LA CHANSON NOIRE
"CRUZ CREDO"

CHAOSCP029

300 COPIES
LTD. EDT. CD

The new and fifth full length release for the most heretic Portuguese avant-garde noir rocker! With an handful of luxurious collaborations and mastered by Jon Astley (The Who, Led Zeppelin, Rolling Stones)!

MATA-RATOS
"SENTE O ÓDIO"

CHAOSCD005

500 COPIES
LTD. EDT. CD

The 1999's long time sold out album from one of the most important bands from the Portuguese punk scene!
With 12 unreleased 1997's rehearsal songs as bonus!

DECAYED / DESASTER
"SPLIT"

CHAOSV027

LTD. EDT. 7"
150 BLACK VINYL / 150 RED VINYL

Two classic German and Portuguese underground bands, two exclusive infernal songs packaged with an amazing artwork by André Coelho! This is a must have!

Glam-O-Rama
•ROCK SHOP•
www.glam-o-rama.net

INFO / ORDER:
RUA VIRIATO Nº 12, 1050-235 LISBOA, PORTUGAL
GLAMORAMA.ROCKSHOP@GMAIL.COM / + 351 211 320 835

CHAOSPHERE
RECORDINGS
www.chaosphererecordings.net

do black metal da segunda vaga é evidente. Isto acontece tanto no aspecto musical, sem grandes produções e com enfoque na atmosfera dos riffs, como no aspecto lírico, na sua vertente anticristã. Para um registo de curta duração como este, os canadianos apresentam argumentos musicais suficientes, evitando alguma saturação que se poderá sentir nos álbuns. [6.5] R.S.A.

PELAGOS
«The Boat»
[Svart]

Os Pelagos são da mesma cidade finlandesa que os Circle e incluem na formação pessoal que fez parte da seminal banda de Pori nos anos 90. Até aqui, tudo bem, ainda por cima andam pelo campeonato do psicadélico, admitidamente bem menos roqueiro do que o dos seus conterrâneos. Tiveram uma bela estreia em 2018 com «Revolve», um disco carregado de apontamentos espaciais dos seus prevalentes sintetizadores e com um ênfase maior na atmosfera do que no balanço. Do espaço passaram directamente para o mar, como indicado pelo nome «The Boat», e seguiram por um caminho ainda mais atmosférico, solarengo, e infelizmente plácido, sobretudo com a infusão de dream pop tão presente na pasmaceira de «Zest». Consta que o álbum é uma banda-sonora para aquela fronteira entre o sono e a vida acordada, para a memória de ter um pé na água fria e outro na areia escaldante. No entanto, soa quase a uma tentativa de criar à medida uma viagem sonora para aproveitar no convés de um barco que navega calmamente ao pôr do sol, com o problema que ao nos imaginarmos subitamente com o luxo de nos encontrarmos nessa situação, imaginamos centenas de discos não relacionados com o contexto que se adequariam mais à coisa pelo simples facto de terem música mais interessante, com a discografia inteira dos Circle à cabeça. [5] L.P.

PROSCRIPTOR MCGOVERN'S APSÛ
«Proscriptor McGovern's Apsû»
[Agonia]

O final dos Absu foi tudo menos bonito, até com algumas acusações de transfobia atiradas para cima do seu líder de sempre (ou quase sempre, já que não é um membro original da banda, recorde-se), o baterista/vocalista Proscriptor McGovern, que a confirmarem-se (o cavalheiro nunca fez propriamente um grande esforço para esclarecer a questão) não são nada abonatórias do seu carácter. E sim, o facto de ter acabado com uma banda estabelecida e com forte reputação para reaparecer neste *reboot* de nome parecido-só-que-parvo tresanda a "deslarguem-me e vamos falar de outra coisa agora". Nunca foi propriamente pessoa simples, o Proscriptor, para o bem e para o mal – se, por um lado, a sua personalidade questionável o parece tornar num compositor invulgar, capaz de "inventar" obras de verdadeiro génio oblíquo como foram «The Third Storm Of Cythrául» ou «Tara» (terá sido por aí o período dourado dos Absu), por outro lado, nunca parece ter havido estabilidade ou sequer muita continuidade de projectos, com os próprios Absu a nunca conseguirem fugir totalmente de uma trajectória errática tanto artisticamente como em termos de assiduidade. Esta "continuação" mantém as mesmas características da entidade anterior, só que tudo parece um pouco mais forçado e nitidamente menos inspirado. Sim, aquele caos amalucado e a dissonância bizarra continuam a ser as traves mestras da composição, com o thrash a sobrepor-se mais que antes ao black metal e uma interpretação e produção mais rudes (o que é estranho, diga-se), ao ponto de parecer uma qualquer *demo* antiga dos Absu que foi desenterrada de um baú do que algo novo que pretende suceder a um nome que era, apesar de tudo, de culto. Quando o melhor tema de um álbum – para todos os efeitos – dos Absu é, de longe, o mais concreto e que inventa menos («Caliginous Whorl»), está tudo mais ou menos explicado. Sem ser um disco mau, longe disso – irá agradar aos fãs menos exigentes do percurso passado dos envolvidos – é um péssimo primeiro passo para a banda nova deste senhor, já de si assente em areias meio movediças, e que não augura grande coisa para o futuro. [5] J.C.S.

ME AND THAT MAN

«New Man, New Songs, Same Shit, Vol.2»

[NAPALM]

O final do ano passado ainda nos reservou algumas boas surpresas como foi o caso deste terceiro registo do projecto Me And That Man. Se já não seria novidade ter Nergal a fazer blues, talvez ninguém esperaria tão vistoso lote de convidados neste segundo volume. Abbath, David Vincent, Blaze Bayley, Kristoffer Rygg, Chris Holmes, Devin Townsend, Tobias Forge, Randy Blythe, Myrkur, Michael Graves, Gary Holt, Mantas… e são apenas alguns. Não deixa de ser sinistro que a primeira voz a ouvir-se seja a de Hank Von Hell, ex-vocalista dos Turbonegro, recentemente desaparecido. «Black Hearse Cadillac» solta o mote sombrio da dúzia de pérolas que estamos prestes a digerir num folk rock oculto tingido de blues, delicioso contraste entre o que se ouve e a proveniência extrema da maioria dos emissores começando, claro, desde logo com o mentor dos Behemoth. O polaco faz aqui vozes limpas e alguns solos de valor, secundado por um trio internacional, e as citadas participações. O álbum vale pelo seu todo, mas destaquemos também «Year Of The Snake», uma quasi-balada (!) em duo com David Vincent (!), como se o negro coração de Johnny Cash ainda batesse, ou «Witches Don't Fall In Love» com a apropriada (grave e sempre maravilhosa) voz do Garm. Quando se é grande, faz-se quase tudo bem. **[8.5]** N.S.

PURE WRATH
«Hymn To The Woeful Hearts»
[Debemur Morti]

O projecto do multi-instrumentista Ryo vem da Indonésia mas tem como referências outras latitudes, sendo a mais óbvia a sonoridade black metal oriunda da Escandinávia. «Hymn To The Woeful Hearts» cruza pequenos apontamentos folk com a agressividade gélida de *tremolo* riffs para compor uma paisagem de agressividade primordial, uma fúria de coração aberto. Ryo apresenta-se aqui com uma série de colaboradores regulares que contribuem para uma abordagem mais elaborada, nomeadamente nos temas em que o piano e o violino mais se fazem ouvir. Mesmo reconhecendo as limitações bastante datadas na forma como aborda as possibilidades expressivas de uma guitarra black metal, a intensidade do *blastbeat* cortesia do baterista convidado Yurii Kononov acaba por ser a jóia de um trabalho com uma importante ressonância emocional: trata-se de um disco dedicado a uma mulher sobrevivente do genocídio ocorrido na década de 1960 naquele país. [7] J.R.

RESTRAINING ORDER / WARFARE
«Split»
[Triple B]

Uma combinação bombástica para um *split* a roçar a perfeição. Se os

Restraining Order são uma das melhores bandas que surgiram na última década, os Warfare são o complemento perfeito. Ambas são altamente influenciadas pelos anos 80. Podemos dizer de certa forma que se estivéssemos nessa década os Restraining Order poderiam ser os filhos bastardos dos Minor Threat e The Faith e os Warfare uma *one night stand* entre os SSD e os DYS (de 82, não da fase roqueira). Ao todo temos aqui quatro "malhões" em quatro minutos que capturam muito daquilo que o hardcore é e deveria ser. Algo simples, directo, energético e agressivo. Dois excelentes exemplos de como se faz para que os miúdos não se deixem levar por maus caminhos. [8] D.R.

SHAPE OF DESPAIR
«Return To The Void»
[Season Of Mist]

Foram sete anos de espera desde o marcante «Monotony Fields» (que até a Emma Ruth Rundle, *of all people*, assinalou como forte inspiração para o seu novo e fantástico álbum), e não nos queixemos muito, que a espera anterior tinha sido de onze anos, depois do «Illusion's Play» de 2004. Tudo se passa com calma e sem pressas no mundo de melancolia profunda e contemplativa dos Shape Of Despair, e bastam dois ou três minutos do tema-título de abertura (ao fim dos quais já estamos totalmente à deriva na típica atmosfera envolvente por eles criada, com as vozes femininas a entrelaçarem nas masculinas enquanto os ritmos avançam de forma paquidérmica) para perceber que sim, há música que precisa de tempo para maturar, para ganhar alma. É isso que sempre distinguiu os Shape Of Despair de outras propostas do mesmo género, até parecidas à superfície, mas que nunca nos atingem da mesma maneira – a alma, esse conceito 100% abstracto mas que qualquer um que já se deixou afectar emocionalmente por esta banda compreenderá perfeitamente. Os sentimentos são um bocadinho mais verdadeiros, a música flui um bocadinho mais naturalmente, e as cores são um bocadinho mais (ou menos? Depende de onde quiserem levar a analogia) vívidas do que na maior parte dos seus pares, excepção feita aos Skepticism e mais uma ou duas outras. Monótono? Claro que sim. Um aborrecimento de morte para quem não curte doom mais fúnebre? Totalmente. O equivalente a entrar numa piscina aquecida às escuras e ficar lá a relaxar o resto da noite para todos os outros? *You bet.* A banda bem pode dizer que «Return To The Void» não é uma continuação do «Monotony Fields», mas *whatever*. Tudo é uma continuação de tudo o resto com os Shape Of Despair, e é assim que queremos que eles sejam. [8.5] J.C.S.

SCOWL
«How Flowers Grow»
[Flatspot]

Os Scowl são de Santa Cruz, na Califórnia, e este é o LP de estreia da banda. E que chapadão na tromba que é! A vocalista Kat Moss não está aqui para fazer novas amizades com ninguém, mas sim para cuspir veneno depois de ter engolido um saco de pregos ferrugentos que lhe lixaram a garganta toda. Mas quando pensam que vai ser disto o disco todo, eis que surge «Seeds To Sow», onde entramos por territórios mais indie, com uma *vibe* bem Sonic Youth/Pixies. Só para vos deixar na dúvida… As malhas são todas directas e sem palha ou partes para encher. São quinze minutos que passam a correr, mas em que descobrimos um novo pormenor a cada nova audição. A crueza aqui faz parte e encaixa na perfeição. Mais disto para 2022 por favor, e da próxima vez que ouvirem alguém dizer que o punk morreu, mostrem-lhes este disco. [8] D.R.

SONATA ARCTICA
«Acoustic Adventures – Volume One»
[Atomic Fire]

Qual será a pior coisa que alguém que está profundamente insatisfeito com a evolução artística e criativa dos Sonata Arctica poderá saber? Que não só os últimos álbuns estão a ficar mais adocicados e aborrecidos como agora também vai haver lugar a um álbum de temas acústicos. Querem saber qual a segunda pior coisa? Este ser o primeiro volume, o que supõe um agonizar por mais uns tempos. Pega-se nalguns temas, dá-se aquele carinho acústico e aí está, álbum feito que dá lugar a digressões (depois da ideia ter nascido primeiramente de uma digressão nestes moldes). Resumindo, para quem ainda ficou lá atrás em 1999 por alturas do «Ecliptica», não há esperança, a banda há já muito tempo saiu do power metal e prefere embarcar neste ramo da indústria farmacêutica que trabalha para curar as insónias do mundo. E nesse aspecto, até é saudável, não deixa efeitos secundários no corpo. Já psicológicos… [3] F.F.

SPECTRAL DANCE
«Crusaders Of The Void»
[Helldprod]

Jo Capitalicide é capaz de ser tanto o nome artístico mais épico, como também o mais estapafúrdio. É também a designação do senhor que está por trás de Spectral Dance (e de milhentas outras bandas/projectos como Ice War e Devil Cross que tão boa impressão têm deixado) que apresenta o seu quarto álbum lançado desde 2020. Nada mau. Não é difícil perceber que também em relação à produção, a táctica é meia bola e força. O que não elimina o factor "talento", porque mesmo tendo noção dessas (e outras) limitações, como a produção, ser uma *one-man band*, por aí fora, a música apresenta consegue cumprir, com louvor, todos os requisitos. É black metal, mas com muito de metal tradicional à mistura, sobretudo o heavy/doom – como se os Darkthrone tivessem começado a apostar no heavy metal uns quinze anos mais cedo. Podendo perder o seu efeito pela unidimensionalidade prevista, o alinhamento também é inteligente, colocando coisas *uptempo* ali a meio, para desenjoar. Algo que até ajuda a engolir um riff que é um *rip off* disfarçado da «Sabbath Bloody Sabbath». [7] F.F.

SPIRITWORLD
«Pagan Rhythms»
[Century Media]

Os Spiritworld são uma visão de Stu Folsom, um nativo de Las Vegas que decidiu pegar na intensidade do calor do deserto e dar-lhe voz, uivando através de uma *thrashada* à Slayer que, com a estreia auto-financiada «Pagan Rhythms», do ano passado, gerou falatório e aclamação internacional no underground, com gente como o Gary Holt e o Max Cavalera a rasgarem-lhe grandes elogios nas redes sociais. Stu, claro, acabou por assinar contracto com a Century Media, que disponibiliza agora o disco em larga escala numa reedição. Será que vale realmente o interesse e, sobretudo, o *hype*? Vale sim, senhoras e senhores. Na sequência de uma maqueta um bocado azeiteira em que Folsom fundia punk e country, o que temos aqui é um petardo de crossover demolidor, inspirado visual e liricamente na imagética dos *westerns*. Não está bem claro para onde foram as influências country ou punk, mas este registo é puro thrash directo, intenso e brutal, que soa como os Integrity a fazerem versões dos Slayer. O resultado não está assim tão distante daquela energia crua das bandas de metalcore dos 90s – nomes como Ringworm e Leeway vêm ocasionalmente à ideia – e ajuda que, como qualquer álbum de hardcore que se preze, «Pagan Rhythms» não se fique apenas por aqui. Com apenas 30 minutos de duração e nove canções, é uma surpresa que, à excepção da micro-descarga que é a «The Bringer Of Light», cada tema ronde a marca dos três minutos, fazendo com que sejamos bombardeados repetidas vezes por riffs soberbos, que mais parecem murraças na cara. [7.5] J.M.R.

SWALLOW THE SUN
«Moonflowers»
[Century Media]

Lançado o álbum ao vivo «20 Years Of Gloom, Beauty And Despair», os Swallow The Sun deixam para trás os primeiros vinte anos de uma história com muita inspiração melancólica e alguma tragédia. A morte de Aleah, a companheira de Juha Raivio, guitarrista e fundador do grupo, parece ainda não estar digerida, tal a carga negra que este oitavo álbum dos finlandeses nos apresenta. Reza (não a lenda, mas) o *press release*, que essa lua vermelha da capa foi pintada com o sangue do próprio Raivio. Da personalizada entrada com «Moonflowers Bloom In Misery» até ao rábido fecho (em ritmo e voz black metal) de «This House Has No Home», dá para se sentir o peso emocional que este trabalho carrega num doom/death melódico, bem ao estilo do que os Swallow The Sun nos têm acostumado ao longo destas duas décadas de quente frieza nórdica. Mikko Kotamäki está particularmente bem nos registos limpo e gutural, lembrando, em passagens como «Enemy», Aaron Stainthorpe. Se o dia está chuvoso e frio, não deixem de ouvir isto hoje. [8] N.S.

THURSTON MOORE
«Screen Time»
[Southern Lord]

Editado de surpresa no início do ano via Bandcamp, «Screen Time» ganha agora uma segunda vida pelas

REEDIÇÕES

METAL BLADE

Para o final do ano transacto, a Metal Blade deixou-nos uma penca de reedições, que vamos reunir aqui nesta coluna para não se perderem, porque mesmo fazendo tudo parte da mesma editora, a heterogeneidade destes lançamentos é ainda considerável. Comecemos pelos **MIDNIGHT**, que são quem ocupa a maior fatia deste *blitzkrieg*. Apesar de muito do fascínio inicial dos Midnight – e alguns dos seus malhões, ainda hoje, mais emblemáticos – se ter passado em variadíssimos lançamentos mais pequenos, EPs e *splits* (foi só com oito anos de existência que o Athenar e companhia se aventuraram para um álbum a sério), e para esses a fantástica compilação «Complete And Total Hell» continua a ser a melhor aposta, a verdade é que os temores dos mais cépticos nunca se confirmaram, e quando a banda de Cleveland cresceu, começou a fazer trabalhos de longa-duração e a ganhar a popularidade que a levaria a dar o salto da Hells Headbangers (onde foram inicialmente editados todos estes títulos) para a Metal Blade (onde já lançaram o fabuloso «Rebirth By Blasphemy» em 2020), a qualidade, já para não falar da atitude *devil may care* e da rudeza de som que sempre os caracterizou, mantiveram-se inalterados. Assim, é sempre um prazer revisitar «Satanic Royalty» [9], o tal primeiro longa-duração e discutivelmente o melhor até ao «Rebirth...» ter aparecido, «No Mercy For Mayhem» [8], cujos malhões se viram prejudicados por uma produção estranha que abafou o som de guitarra, e «Sweet Death And Ecstasy» [8], onde algum refinamento da composição não invalidou aquela ginga agressiva do rock'n'roll extremo que os Midnight tão bem sabem equilibrar. Mais do que os extras, que só o «Satanic Royalty» tem e não são mais que *demos*, uma curiosidade dispensável, o que atrairá nestes lançamentos são as várias cores e efeitos do vinil "bonito", portanto se isso é importante para vocês, atirem-se a esta trilogia sem medos, porque a música não oferece discussão e continua a ser tão boa como quando foi lançada. O mesmo se pode dizer, e ainda com mais propriedade, do ultra-clássico «Frost And Fire» dos **CIRITH UNGOL**, que no seu 40.º aniversário leva um redondo [10], tal como levaria em 1981, e continuará a levar seja em que ano estivermos. Obra maior do underground do heavy metal dos anos 80, está lá em cima com objectos de culto como o «Battle Cry» dos Omen ou o «Crystal Logic» dos Manilla Road, por exemplo, e não oferece discussão. Uma remistura sensata, uma remasterização feita a partir das *tapes* originais, um *artbook*, *demos* – esta é a reedição que tem mais extras, por se tratar de um aniversário importante, todas eles bem vindos, mas sem nunca nos fazer perder de vista a excelência imortal daqueles sete temas e 31:26 minutos originais. Para fechar, mesmo em registo de *afterthought*, o «Blood Of The Saints» [6] dos **POWERWOLF** também levou um tratamento fino pelo seu décimo aniversário, com extras a passarem por *demos* e interpretações ao vivo, mas convenhamos, não é o tipo de banda que envelheça especialmente bem, nem da qual seja preciso ser completista. E está meia dúzia de divisões abaixo das outras focadas nesta ronda de reedições. Diríamos com algum cinismo que ficávamos bem servidos só com o «Lupus Dei» como exemplo da licantropia em formato power metal, bem humorada e mais ou menos descartável, deste pessoal, pelo que esta é mesmo só para os *die hards* dos Powerwolf. [J.C.S.]

mãos da Southern Lord. Mais próximo de uma linguagem exploratória ambiental que as propostas fronteiriças do noise metalizado que podemos encontrar no vastíssimo catálogo do músico, os dez temas que compõem o disco funcionam como uma banda-sonora para um filme *noir* imaginário. Moore a propósito do disco fala em cenas, mas na verdade o fraseado minimalista do guitarrista tem uma maior afinidade com *stills*, fotogramas que cristalizam o imaginário nocturno dos filmes que lhe servem de inspiração. «Screen Time» é por isso uma proposta evocativa, distanciando-se a passos largos da noção de banda sonora meramente "ilustrativa" e ganhando por isso uma maior autonomia. Partindo do *noir,* não deixa também de provocar alguma surpresa a respiração solar e etérea que pulsa ao longo de todo o disco, uma sonoridade que não se associa logo à partida com a decadência urbana e vidas no fio da navalha que habitualmente reconhecemos no género. [7] J.R.

TORII
«Torii»
[Edição de autor]

Imaginem um gajo sozinho num estúdio caseiro a tentar reproduzir o *feeling* apocalíptico do «Through Silver In Blood» dos Neurosis. Sem conseguir totalmente, claro, como nunca ninguém o vai conseguir em qualquer circunstância, mas a sair do outro lado da experiência com um álbum interessante até, mais doom, mais arrastado, cheio de ambição um bocado desmedida mas que impressiona pela audácia. Tipo Culted, ou uma dessas bandas mais recentes que são difíceis de classificar. É um bocado isto que se ouve em «Torii», é um disco estranho, mas que soa como se estivéssemos a ouvir uma transmissão das entranhas da terra através de um rádio mal sintonizado, o que só a torna mais aterradora. Tem tanto de black/death cavernoso como de post-metal e doom daquele que é tão cinzentão que acaba por ser "bonito", é um disco estranho, repetimos, mas que se vai entranhando sem percebermos bem porquê. Confessamos não conhecer toda a obra passada desta agora-*one man band* (o "solitário" Bill Masino tinha um vocalista mas deixou-se disso e agora faz ele tudo mesmo), mas sete álbuns – já contando com este – em nove anos de existência mostram que ideias não lhe faltam. Se as seguintes tomarem como base uma descarga extraordinária como são os oito minuts de «Grey Expanse», por exemplo, vai valer a pena seguir o projecto. [7.5] J.C.S.

WISE
«The Essence»
[Triple B]

Já é certo e sabido que estas coisas das modas se renovam em ciclos de vinte anos, mais coisa menos coisa. Acontece no vestuário e igualmente na música, especialmente no underground. Com o passar dos anos é normal que aconteça. No caso dos WISE a principal influência são os 90s, mais precisamente o hardcore dessa década. Algumas das características dessa fase foram o crossover hardcore/metal, *reverbs* nas guitarras, som gigante de bateria (em especial na tarola, tipo disparo de canhão) e andamentos mais lentos e arrastados, com aquele *groove* para deixar mostrar os dotes do guitarrista para a coisa. Esses elementos estão todos presentes neste 12" de estreia dos WISE. Uma estreia marcante com uma grande margem de progressão. Não há aqui "malhões", mas há potencial para muito mais. [7] D.R.

REEDIÇÕES

TARANTULA

Algo esperado há muito, finalmente os dois primeiros longa-duração dos **Tarantula** foram alvos de edição, pela primeira vez em formato de CD e cassete, através da **Larvae Records**.

À falta das fitas originais, a *master* do primeiro álbum, **«Tarantula»** [7.5], foi feita a partir do vinil, pelo que entre faixas se escuta o crepitar habitual do vinil. Quanto ao disco, é muito interessante escutar hoje, passado 34 anos. Se a produção sofre da falta de *know how* da época, com uma equalização pobre, é fascinante testemunhar a audácia da composição. Logo na abertura, o clássico «Battle Of Victory» revela-se uma cornucópia de estilos de guitarra, com Paulo Barros a usar várias referências num só tema. Com o devido respeito pelos Vasco da Gama, NZZN ou Xeque-Mate, o facto é que este é, de facto, o primeiro disco a beber verdadeiramente do heavy metal que se fazia nos anos 80. À distância, escuta-se hoje um disco mais de guitarrista do que de banda, face à profusão de solos e na forma como os outros temas evoluem, em função das seis cordas. Já presente, estava a temática da história portuguesa, mas é um disco que sofre por ser prematuro. Um produtor verdadeiro, e alguém que explicasse que cada tema tem material para vários, algo que só mais tarde a banda viria a aprender. Apesar de tudo, um clássico, e uma forma de mostrar como era possível fazer muito no Portugal dos anos 80.

Com **«Kingdom Of Lusitania»** [9] tudo resulta melhor, menos o essencial. Vítimas de uma estéril guerra, Tarantula não beneficiou de boa imprensa, a promoção também não se revelou à altura, e o disco morreu nas fronteiras do território nacional. Do lado artístico, aquele que era da responsabilidade do quinteto, o problema da voz ficava resolvido, com a entrada de Jorge Marques, e a construção de cada tema apresenta-se mais estruturada, com Paulo Barros a refrear-se nos solos. Marcado pelo sucesso dos Helloween, o disco está perfeitamente à altura do que se fazia fora de portas e ainda hoje pode rivalizar com muitos clássicos mais obscuros. Tal como no primeiro, há malhas clássicas que perduraram nos concertos do grupo, até ao final dos anos 90, mas há ainda outras como a excelente «Empire Of Shadows», que ainda hoje teria lugar num novo disco. A comparação entre ambos os discos apenas reforça a ideia de trabalho e resiliência, que num curto espaço de três anos se conseguiu adaptar a um novo vocalista, aprender com os erros e acompanhar o que se fazia fora de portas. Poder perceber isso aqui, é, talvez, o verdadeiro valor desta reedição. **[E.F.]**

BEHIND EVERY MARINE SHOW
DRAMA UNFOLDS.
CONFINED IN TANKS FOR MANY YEARS,
HUGO STARTED SHOWING SIGNS OF
PSYCHOLOGICAL STRESS BY REPEATEDLY
SMASHING HIS HEAD INTO THE WALLS
THAT IMPRISONED HIM.
ON MARCH 4TH, 1980, HUGO HIT THE WALL
FOR THE LAST TIME. HE DIED
A FEW HOURS LATER FROM
A MASSIVE BRAIN HEMORRHAGE.
IT WAS CLEARLY AN ACT
OF SUICIDE.
SEA SHEPHERD
CAPTIVITY KILLS. STOP SUPPORTING MARINE PARKS.

Tesourinho PERTINENTE

JOSÉ MIGUEL RODRIGUES STEBBA ÓSK

FIREBIRD

«no.3»

[Steamhammer/SPV, 2003]

Invariavelmente, Bill Steer será sempre mais conhecido pelo seu trabalho com os Carcass, os progenitores do goregrind que, umas décadas mais tarde, acabariam por criar também a fórmula do death metal melódico. E não há como contornar isso. No entanto, quando os aficionados do jargão médico se separaram após o subestimado «Swansong», de 1996, o guitarrista de Liverpool criou os Firebird, lançando um álbum auto-intitulado três anos depois a que se seguiu, já em 2001, o sucessor «Deluxe». No momento em que o «no. 3» foi lançado, só quatro anos após a sua criação, a banda já tinha passado por diversas formações, mas, pelo menos até certo ponto, Steer tinha conseguido provar o seu valor no que toca à criação de composições clássicas de blues rock. Sem surpreender, o músico tinha criado dois interessantes registos de rock *retro* numa altura em que o rock *retro* ainda não estava na moda e, mesmo sem se destacar nos primeiros passos da tendência que acabaria por implodir na década seguinte, o potencial para crescimento era muito.

A verdade é que o empreendimento de Bill Steer pós-Carcass acabou mesmo por florescer ao terceiro longa-duração, este imaginativamente intitulado «no.3». Tenha sido a entrada da secção rítmica formada por Roger Nilsson no baixo e George Atlagic na bateria (ambos dos suecos The Quill, que vieram substituir Leo Smee e Ludwig Witt, emprestados dos Cathedral e Spiritual Beggars, respectivamente), tenha sido só mesmo o momento certo, a verdade é que este disco inclui uma série de temas – «Cross The Line», «Stoned Believer» e «Dream Ride», para citar apenas óbvios – com um ADN mais duro e sagaz que qualquer coisa que tivéssemos ouvido nos seus ignominiosos predecessores. Depois, nas canções mais descontraídas, como são os casos de «Tumbling Down», «Station» e «Long Gone», Steer parece ter ainda mais espaço para explorar com um notório à-vontade crescente a sua cada vez maior destreza nas vocalizações e nas seis cordas da Les Paul.

Como é óbvio, porque estamos a falar de blues rock, a guitarra sempre foi uma presença muito importante em toda a discografia dos Firebird e o «no. 3» não é uma excepção à regra nesse respeito. No entanto, embora seja nitidamente um álbum de guitarra, feito de canções pensadas por um guitarrista, há aqui uma riqueza que vai além dos riffs ou solos. Seria negligente não falar, por exemplo, do trabalho de piano e órgão – especialmente eficaz em «Off The Leash» –, da gaita que dá um toque extra a «Hard Hearted», da *slide guitar* de «Station» e da percussão na veloz «Stoned Believer». E sim, mesmo que as ocasionais partes de órgão sugiram bastante mais o southern rock dos The Faces (como invocado pelos Black Crowes) que o *groove* pesadão de uns Fu Manchu, o que pode deixar alguns fãs do fundo de catálogo do músico a clamar por uma dose extra de peso, a verdade é que, por esta altura, a cabeça de Steer estava definitivamente noutro lugar. No final, o que temos aqui é um fluxo de dez canções elegantes que, em toda a extensão do disco, oferecem um som tão orgânico e despretensioso que ninguém vai ousar sequer pensar nos Carcass. Sem nunca abordarem de forma directa os Cactus e os Humble Pie, as referências mais óbvias para este tipo de coisa, nunca tão grandiosos quanto os Led Zeppelin ou obscuros como os Black Sabbath, os Firebird mergulharam de cabeça no rock pesado dos 70s de uma forma que, tantas décadas depois, continua a soar relevante e intemporal.

AGENDA

POWERED BY
WONDERWORKER
DENIM LABORATORY
— RESEARCH & DEVELOPMENT —

NOTA: Todos os concertos já oficialmente cancelados/adiados à data de fecho da edição estão rasurados. Todos os outros, face às circunstâncias actuais, podem sofrer o mesmo destino a qualquer altura.

JANEIRO

~~08 – Pestilence [Hol] / Satan [Ing] / Iron Angel [Ale] / Mortuary Drape [Ita] / Hate Squad [Bra] / Deathless Legacy [Ita] / Attick Demons / Gwydion / Toxikull / Biolence / Sadistic Overkill – C.C. Santo André, Mangualde *Hardmetalfest* **Adiado para 20-06/08/2022**~~
13 – **Imperial Age** [Rus] – RCA Club, Lisboa
14 – **Imperial Age** [Rus] – Metalpoint, Porto
16 – **The Ocean** [Ale] / **pg.lost** [Sue] / **Hypno5e** [Fra] / **Psychonaut** [Bel] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
~~20 – Hexis [Din] – RCA Club, Lisboa **Cancelado**~~
~~20 – The Darkness [Ing] / (…) – Cineteatro Capitólio, Lisboa **Cancelado**~~
~~21/22 – Benighted [Fra] / Rot [Bra] / Vulvodynia [A. Sul] / Inhumate [Fra] / Jig-Ai [R. Che] / Grog / Analepsy / Xavlegbmao fffassssitimiw oamndutroabcwapw aeiippohfffX [A. Sul] / Stillbirth [Ale] / Serrabulho / Abysmal Torment [Mal] / Cerebral Effusion [Esp] / Grindead / Dead Meat / Excoriation [Rus] / Rabid Dogs [Ita] / Convulsions [Esp] / Colpocleisis [Ing] / Basement Torture Killings / Verme / Downfall Of Mankind – RCA Club, Lisboa **XXXapada Na Tromba** **Adiado para 20-21/01/2023**~~
29 – **Cirith Ungol** [E.U.A.] / **Night Demon** [E.U.A.] / **Toxikull** – RCA Club, Lisboa

FEVEREIRO

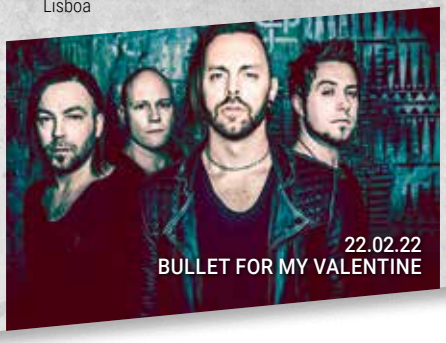
07 – **Bring Me The Horizon** [Ing] – Campo Pequeno, Lisboa
~~10 – Frank Carter & The Rattlesnakes [Ing]/ (…) – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa **Adiado para 26/11/2022**~~
17 – **Deez Nuts** [Aus] / **Kublai Khan** [E.U.A.] / **Rising Insane** [Ale] – RCA Club, Lisboa
18 – **Semblant** [Bra] / **Secret Rule** [Ita] / **As I May** [Fin] / **Crusade Of Bards** [Esp] – Hard Club, Porto
18 – **Jethro Tull** [Ing] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
19 – **Semblant** [Bra] / **Secret Rule** [Ita] / **As I May** [Fin] / **Crusade Of Bards** [Esp] – RCA Club, Lisboa
19 – **Avatar** [Sué] / **Veil Of Maya** [E.U.A.] / **Sonic Assault** [Sue] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
21 – **Mono** [Jap] / **A.A.Williams** [Ing] – Hard Club, Porto
22 – **Mono** [Jap] / **A.A.Williams** [Ing] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
22 – **Bullet For My Valentine** [Gal] / … – Sala Tejo, Lisboa
25 – **Emma Ruth Rundle** [E.U.A.] – Casa da Música, Porto
26 – **Emma Ruth Rundle** [E.U.A.] – Culturgest, Lisboa

MARÇO

~~02 – Aborted [Bel] / The Acacia Strain [E.U.A.] / Benighted [Fra] / Fleddy Melculy [Bel] – Hard Club, Porto **Cancelado**~~
~~03 – Aborted [Bel] / The Acacia Strain [E.U.A.] / Benighted [Fra] / Fleddy Melculy [Bel] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa **Cancelado**~~
10 – **The Mission** [Ing] / **Gene Loves Jezebel** [Ing] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
11 – **The Mission** [Ing] / **Gene Loves Jezebel** [Ing] – Hard Club, Porto
11 – **Idles** [Ing] / **Bambara** [E.U.A.] / **Witch Fever** [Ing] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
11 – **Nervosa** [Var] / **Warbringer** [E.U.A.] / **Warfect** [Sue] / **SystemHouse33** [Ind] – Hard Club, Porto
12 – **The Mission** [Ing] / **Gene Loves Jezebel** [Ing] – Hard Club, Porto
12 – **Nervosa** [Var] / **Warbringer** [E.U.A.] / **Warfect** [Sue] / **SystemHouse33** [Ind] – RCA Club, Lisboa
13 – **Dagoba** [Fra] / **Infected Rain** [Mol] – RCA Club, Lisboa
18 – **Orphaned Land** [Isr] / **Loch Vostok** [Sue] / **Dead Venus** [Suí] / **Ring Of Gyges** [Isl] – Stereogun, Leiria
18 – **Skunk Anansie** [Ing] – Coliseu do Porto, Porto
19 – **Orphaned Land** [Isr] / **Loch Vostok** [Sue] / **Dead Venus** [Suí] / **Ring Of Gyges** [Isl] – LAV - Lisboa Ao Vivo, Lisboa
19 – **Skunk Anansie** [Ing] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
~~20 – Apocalyptica [Fin] / Epica [Hol] – Coliseu dos Recreios, Lisboa **Adiado para 20-14/02/2023**~~
25 – **As I Lay Dying** [E.U.A.] / **Dying Fetus** [E.U.A.] / **Emmure** [E.U.A.] – Sala Tejo, Lisboa
25 – **1914** [Ucr] / **(0)** [Din] / **Dwaal** [Nor] / **Ruadh** [Esc] – Metalpoint, Porto
26 – **1914** [Ucr] / **(0)** [Din] / **Dwaal** [Nor] / **Ruadh** [Esc] – Side B Rocks, Alenquer

ABRIL

04 – **Ross The Boss** [E.U.A.] / **Asomvel** [Ing] / **Dark Embrace** [Esp] – Hard Club, Porto
05 – **Ross The Boss** [E.U.A.] / **Asomvel** [Ing] / **Dark Embrace** [Esp] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
06 – **Brother Firetribe** [Fin] / **One Desire** [Fin] / **Strale** [Fin] – Hard Club, Porto
07 – **Brother Firetribe** [Fin] / **One Desire** [Fin] / **Strale** [Fin] – RCA Club, Lisboa
09 – **Conception** [Nor] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
17 – **Metz** [Can] / **Psychic Graveyard** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
18 – **Metz** [Can] / **Psychic Graveyard** [E.U.A.] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
18 – **Evanescence** [E.U.A.] – Altice Arena, Lisboa
21 – **Uada** [E.U.A.] / **Okkultist** – RCA Club, Lisboa
22 – **Uada** [E.U.A.] / **Okkultist** – Metalpoint, Porto
22 – **Eagles Of Death Metal** [E.U.A.] / **Bones UK** [Ing] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
23 – **Manticora** [Din] – Hard Club, Porto
28 – 01/05 – **Eyehategod** [E.U.A.] / **Deicide** [E.U.A.] / (…) – Barroselas ***SWR – Barroselas Metalfest***
~~29 – Devin Townsend [Can] / … – Cineteatro Capitólio, Lisboa **Adiado**~~
29 – **Dream Theater** [E.U.A.] – Campo Pequeno, Lisboa
29 – **Russian Circles** [E.U.A.] – Hard Club, Porto
30 – **Russian Circles** [E.U.A.] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa



MAIO

10 – **Scorpions** [Ale] – Altice Arena, Lisboa
11 – **Rebellion** [Ale] – RCA Club, Lisboa
12 – **Yes** [Ing] – Campo Pequeno, Lisboa
12 – **God Is An Astronaut** [Ire] – Casa da Música, Porto
13 – **Tindersticks** [Ing] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
14 – **God Is An Astronaut** [Ire] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
14 – **Bad Religion** [E.U.A.] / **Suicidal Tendencies** [E.U.A.] / **Millencolin** [Sué] / **Devil in Me** / **Blowfuse** – Sala Tejo, Lisboa
14 – **Tindersticks** [Ing] – Coliseu do Porto, Porto
15 – **Earthless** [E.U.A.] / **MaidaVale** [Sué] – Hard Club, Porto
16 – **Kings Of Convenience** [Nor] – Coliseu do Porto, Porto
18 – **Kings Of Convenience** [Nor] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
18 – **Einstürzende Neubauten** [Ale] – Casa da Música, Porto
19 – **Einstürzende Neubauten** [Ale] – Aula Magna, Lisboa
19 – **Kings Of Convenience** [Nor] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
25 – **Praying Mantis** [Ing] – RCA Club, Lisboa

JUNHO

01 – **Aerosmith** [E.U.A.] / **Rival Sons** [E.U.A.] – Altice Arena, Lisboa
01 – **Dead Can Dance** [Irl/Aus] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
02 – **Dead Can Dance** [Irl/Aus] – Coliseu dos Recreios, Lisboa
04 – **Guns N' Roses** [E.U.A.] / **Gary Clark Jr.** [E.U.A.] – Passeio Marítimo de Algés
29 – **Jinjer** [Ucr] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
30-01/07 – **Mastodon** [E.U.A.] / **Avenged Sevenfold** [E.U.A.] / **Bring Me The Horizon** [Ing] / **Megadeth** [E.U.A.] / **Killswitch Engage** [E.U.A.] / **Kreator** [Ale] / **Crossfaith** [Jap] / **Bizarra Locomotiva** / **Sylosis** [Ing] / (…) – Estádio Nacional, Oeiras ***VOA Heavy Rock Festival***

JULHO

21-23 – **Manowar** [E.U.A.] / **At The Gates** [Sue] / **Lacuna Coil** [Ita] / **Decapitated** [Pol] / **Orphaned Land** [Isr] / **Benighted** [Fra] / **Hate** [Pol] / **Human Vivisection** [Bel] / **Eternal Psycho** [Esp] / **Counteractt** [Esp] / **Via Sacra** / **Medo** / **Beyond Strength** / **Durrhast** / **Darktribe** / **Moonshade** / **Basalto** / **Jardim Letal** / **Vëlla** / **Grindead** / **Sonneillon BM** – Vila Nova de Famalicão ***Laurus Nobilis***
28-30 – **Dimmu Borgir** [Nor] / **Emperor** [Nor] / **Testament** [E.U.A.] / **Exodus** [E.U.A.] / **My Dying Bride** [Ing] / **Trollfest** [Nor] / (…) – Quinta do Ega, Vagos ***Vagos Metal Fest***
30 – **British Lion** [Ing] – LAV – Lisboa Ao Vivo, Lisboa
31 – **Iron Maiden** [Ing] / **Within Temptation** [Hol] / **Airbourne** [Aus] – Estádio Nacional, Oeiras

Obrigado a todos pelo apoio!
A próxima LOUD! estará em

WWW.LOUDMAGAZINE.NET

MACHINE HEAD × AMON AMARTH

THE HALO EFFECT

Vikings and Lionhearts Tour 2022

09 OUTUBRO • CAMPO PEQUENO

6+

BILHETES À VENDA NOS LOCAIS HABITUAIS • www.primeartists.eu | fb.com/primeartists

Prime Artists · »TICKETLINE · MEO BLUE TICKET · LOUD!

Z E A L & A R D O R

Z E A L & A R D O R

NEW ALBUM OUT 11TH FEBRUARY 2022